

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

MARIA DO SOCORRO FONSECA VIEIRA FIGUEIREDO

CONTADORES DE HISTÓRIAS: TRADIÇÃO E ATUALIDADE

RECIFE
2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

MARIA DO SOCORRO FONSECA VIEIRA FIGUEIREDO

CONTADORES DE HISTÓRIAS: TRADIÇÃO E ATUALIDADE

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida
Lopes Nogueira

RECIFE
2005

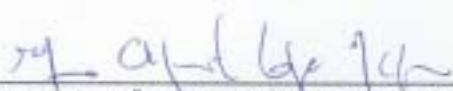
MARIA DO SOCORRO FONSECA VIEIRA FIGUEIREDO

CONTADORES DE HISTÓRIAS: TRADIÇÃO E ATUALIDADE

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós – Graduação em Antropologia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Aprovado em 02 de março de 2005

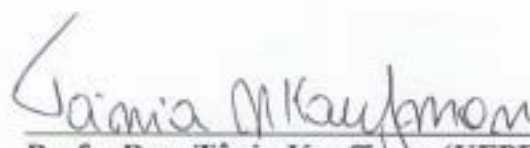
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Mª Aparecida Lopes Nogueira (UFPE) - Orientadora



Prof. Dr. Luiz Carvalho Assunção (UFRN) M. Titular Externo



Prof. Dra. Tânia Kauffman (UFPE) M. Titular Interno

DEDICATÓRIA

À Rogério, meu marido, companheiro em todo trajeto deste estudo: filmando, questionando, escutando todas as contações, se encantando e acreditando sempre, mesmo quando eu duvidava. A você cuja presença tornou todos os caminhos percorridos leves e possíveis e aos nossos filhos Rogério Filho e Germana, personagens centrais e amados da minha vida, dedico esta Dissertação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Profa. Dra. Maria Aparecida Lopes Nogueira por fazer significar a palavra orientadora; apontando caminhos, segurando a mão quando necessário, instigando a ousar. Tudo fundamentado numa amizade de raízes profundas. Cida, fada madrinha desse estudo, seu toque está presente em cada momento desse caminho.

A meus pais Hildebrando e Edísia (*in memoriam*), meus primeiros contadores de histórias.

À Sophia Costa agradeço a criação da capa, a diagramação do texto, o cuidado com as imagens, os livros emprestados e a escuta atenta e encantada dos “meus contadores”. Sophia, nesse movimento você não tornou mais belo apenas este texto, minha vida ficou mais bonita, pois os fios das nossas histórias se entrelaçaram numa grande amizade, aberta a novas histórias.

Agradeço a Jarbas Araújo por acreditar que a dissertação poderia começar por “era uma vez” e se aproximar de um livro de histórias. Sugestão aceita!

À turma do Seminários de Orientação, pelo carinho em relação aos contadores de histórias e pelos bons pensamentos que me dirigiram.

À CAPES agradeço a bolsa, que me permitiu dedicação exclusiva a essa pesquisa.

À turma da secretaria: Regina, Míriam e Ana, e a Ademilda agradeço o carinho recebido durante este trajeto.

À Dona Amara, Conceição, Zete, Zefinha, Bel, Sr. Neco, Mestre Bola, Mestra Zulene, Alagoano, Mestre Raimundo, Kika, Carol, Ronaldo Brito, almas desse estudo. Agradeço ainda, a Ronaldo Brito, ter disponibilizado além da contação todo seu acervo referente à narrativa oral.

A Deus, fonte original de todas as histórias.

RESUMO

Esse estudo direciona o olhar ao universo dos contadores de histórias. Observa como estão narrando na contemporaneidade. Verifica se o seu papel tradicional de guardião das memórias coletivas, de conselheiro do grupo ainda se faz presente. Nessa perspectiva, mergulhei no universo de dezoito contadores de histórias. Para a análise desses universos narrativos foi utilizada a proposta da Mitocrítica, de Gilbert Durand.

Assim em consonância com a perspectiva epistemológica escolhida, e em reverência aos contadores de histórias que não vêem seu contar fragmentado em categorias, respeitei o universo narrativo de cada contador com suas múltiplas relações. Nesse sentido cada um desses universos aproxima-se do todo dissertativo. Desejando preservar o encantamento que envolve os narradores, e inspirada nas *Mil e Uma Noites* e em Cheherazade optei por solicitar um de seus personagens, o califa Harun al-Rachid para ser meu companheiro nos caminhos percorridos nesse estudo.

Nesse movimento, foi possível perceber que as narrativas orais, vivificadas nos contadores, apresentam um movimento de transformação, que comunga com a idéia de Claude Lévi-Strauss de que os mitos passam por transformações, se atualizam e permanecem. Ao lado da forma tradicional, elas se vestem com diversas roupagens modernas, mas mantêm a essência de comunicar, estabelecer relações, apontar caminhos, ensinar sobre a vida e a morte. Os narradores ocupam novos espaços e continuam encantando, fazendo chorar, sorrir, sonhar, despertando a *humanidade do humano* (MORIN, 2001).

PALAVRAS-CHAVES: contadores de histórias, narrativas orais, contemporaneidade

ABSTRACT

This study turns its view towards the universe of the storytellers. It observes how are they telling stories in contemporaneity. It also verifies if they still hold their traditional role as guardians of collective memory and community counselors.

Through that perspective, I have dived in the universe of eighteen storytellers. The method used to analyze these narrative universes was that of the Mythcritics, proposed by Gilbert Durand.

Thus according to the chosen epistemologic perspective and in reverence to the storytellers, who do not see their telling fragmented in categories, I respected the narrative universe of each and every one of them with its multiple relations. In that sense, each one of these universes draws near to the dissertative whole. Inspired by “Tales from a Thousand and One Nights” and Sherazade and following the desire of upholding the enchantment that surrounds the storytellers, I choosed to request one of its characters – the calipha Harun al-Rachid – to be my company in the paths we walked in this study.

In this motion it was possible to realize that oral narratives substantiated in the storytellers present a movement of transformation, that supports the ideas of Claude Lévi-Strauss that the myths suffer transformations, they modernize and remain. Along with the traditional form, they dress several modern clothings, but maintain the essence of communicating, stablishing relations, pointing paths out, teaching about life and death. Storytellers occupy new spaces and continue to fascinate, making one cry, laugh, dream, awakening *humankind from humane* (MORIN, 2001).

KEYWORDS: storytellers, oral narratives, contemporaneity.

Era uma vez...	10
Puxando o Fio da Meada	16
As Histórias de Dona Amara, em Olinda	22
As Histórias de Zete e Zefinha, no Centro Social da Torre	41
As Histórias de Isabel, em Brasília Teimosa	53
As Histórias do Pescador Neco, em Goiana	61
As Histórias na Caverna Simbólica	65
As Histórias de Cecília Borges, no Teatro	70
As Histórias de Mestre Bola, no Crato	75
As Histórias de Mestra Zulene, no Crato	82
As Histórias de Alagoano, no Crato	94
As Histórias de Mestre Raimundo, no Crato	99
As Histórias de Kika e Carol, no Espaço Zumbaiá	106
As Histórias de Ronaldo Brito, na Iputinga	112
O Regresso de Rachid	120
Bibliografia	124

Algumas coisas sabem sua história e as histórias das demais; outras, só a sua. O que sabe todas as histórias terá a sabedoria, sem dúvida. De alguns animais eu aprendi a história. Todos foram homens, antes. Nasceram falando, ou, melhor dizendo, do falar. A palavra existiu antes que eles. Depois, o que a palavra dizia. O homem falava e o que ia dizendo, aparecia. Isso era antes. Agora, o falador fala, e só ele. Os animais e as coisas já existem. Isso foi depois.

O primeiro falador seria Pachakamue, então. Tasurinchí tinha soprado Pareni. Era a primeira mulher. Banhou-se no Gran Pongo e vestiu uma blusa branca. Aí estava: Pareni. Existindo. Depois, Tasurinchí soprou o irmão de Pareni: Pachakamue. Banhou-se no Gran Pongo e vestiu uma blusa cor de areia. Aí estava ele: Pachakamue. Aquele que, falando, nasceria tantos animais. Sem notar, parece. Dava-lhe um nome, pronunciava a palavra e os homens e as mulheres tornavam-se o que Pachakamue dizia. Não quis fazê-lo. Mas tinha esse poder.

Esta é a história de Pachakamue, de cujas palavras nasciam animais, árvores e rochas.

Isso era antes. (Mário Vargas Llosa, O Falador. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998. p.117)

Era Uma Vez...

É por meio do era uma vez, falado pelo narrador, que o ato de ir além do mundo, em outras palavras, a metafísica, é introduzida na infância de cada indivíduo (CARRIÈRE, 2004). Talvez, essa seja a maneira mais antiga de se introduzir uma história, qualquer uma, até mesmo as histórias de todas as pesquisas acadêmicas.

Assim, era uma vez meu espírito inquieto, em busca de conhecer o universo dos contadores de histórias, esse ser definitivamente complexo, no qual confluem: o real e o imaginário, o utilitário e o lúdico, o *sapiens* e o *demens* (MORIN, 2001), irrigando de sabedoria a vida cotidiana.

As narrativas orais, parte essencial do patrimônio cultural de cada sociedade revelam informações: históricas, etnográficas, sociológicas, jurídicas, sociais. São documentos vivos, refletem: costumes, idéias, decisões e julgamentos. Talvez seja o primeiro leite intelectual. Os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos, os movimentos de solidariedade, amor, ódio, vêm com as histórias (CASCUDO, 1999).

Mas, por obrigação natural, essas narrativas são essencialmente uma relação entre seres humanos (CARRIÈRE, 2004), então, não falará o conto se não tiver um narrador, cuja arte permita integrar essas memórias universais, com a sua própria experiência e a do seu público ouvinte, que se substantificam através da sua figura, fazendo que tomem as cores locais. Suas bocas seriam vínculos aglutinadores das sociedades, seiva circulante, que com o simples e antiquíssimo expediente, contar histórias, lembram-nas que compartilham uma tradição, umas crenças, uns ancestrais, uns infortúnios e algumas alegrias (VARGAS

LLOSA, 1998). Nesse movimento seria incontestável sua importância na manutenção e transmissão do capital cultural.

Entretanto, se por um lado habita em nós uma certa nostalgia em relação a esses contadores, como se estivessem perdidos no tempo, pois como afirma Walter Benjamin (1994: 107): “por mais familiar que seja seu nome, o narrador, não está de fato presente entre nós, em sua atividade viva. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”, por outro lado nos aproximamos da idéia de Edgar Morin, de que a evacuação total do simbólico e do mítico parece impossível, pois, seria dessubstancializar a própria realidade. Decerto que nem tudo é mito, mas parece que o mito co-tece não só o tecido social, mas também o tecido daquilo que chamamos real¹. Em consonância com esse pensamento Maria Aparecida Lopes Nogueira sugere um pensamento não-excludente, aponta para a possibilidade de um pulsar junto, no qual o fato de dar forma escrita às histórias da tradição oral, não implicaria o fim destas.

Diante disso, e concordando com Claude Lévi-Strauss, para quem o mito passa por transformações, se atualiza e permanece, procurei, nesse estudo, direcionar o olhar para a atualidade dos contadores de histórias, buscando verificar como estão narrando na contemporaneidade, e se o seu papel tradicional de guardião das memórias coletivas, de conselheiro do grupo ainda se faz presente. Assim, os contadores tecendo suas histórias com fios simultâneos dos *itinerários empírico-lógico-racional e mítico-mágico-simbólico* (Morin: 1999), remetem à concepção de Complexidade na Antropologia, determinando-a como guia para esse estudo.

¹ MORIN, E. **O Método III – O Conhecimento do Conhecimento**. Lisboa: Europa – América, s./ d. p.163, 164.

Mas, deparei-me com a ansiedade típica de quem inicia uma pesquisa, desejava escutar contadores em seu pulsar cotidiano, mas onde, numa metrópole, encontrar narradores que a literatura mantém sentados à luz de candeeiros ou ao redor de fogueiras? Acalmando a ansiedade, dei o primeiro passo, fui ao Centro de Cultura Luiz Freire², tinha sido informada que lá era um ponto de encontro de amantes da contação, a partir daí resolvi simplesmente escutar o campo, procurando abraçar e ser abraçada pelo imprevisível, pelo acaso. Entretanto, por trás dessa aparente desordem foi possível perceber uma ordem oculta em que um contador apontava a direção a ser seguida até o próximo, interligavam-se em uma imensa teia. Assim, os caminhos seguidos para a construção dessa pesquisa foram surgindo a partir da minha inserção nessa teia, melhor dizendo, pelas palavras de Hugo Assman (1995: 5-8), *caminhos feitos no caminhar*.

Nesse sentido, durante quatro meses, ao fio que tecia meu caminho uniram-se os fios das histórias de dezoito contadores, duas em Olinda-PE, seis em Recife-PE, um em Goiana-PE, quatro no Crato-CE, uma num palco de teatro e quatro em filmes do cinema, num movimento sinuoso, que obedeceu às sinalizações presentes a cada parada.

Humberto Maturana e Francisco Varela (2001) defendem não ser mais possível pensar em um sujeito do conhecimento despreendido de sua experiência carnal no mundo que pretende conhecer. Concordando com esses autores, mergulhei no universo de cada contador de histórias. Participei de suas contações e brincadeiras. Recebi, encantada, suas histórias e de seus ouvintes. Escutei atentamente as falações tanto dos narradores quanto do seu público, que transbordantes de palavras revelavam sem pudores seu mundo. As entrevistas semi-estruturadas também foram instrumento para uma aproximação desse

² Organização não-governamental que trabalha com educação, comunicação e direitos humanos. Na educação seu foco é a formação de educadores e a organização popular.

universo narrativo. As histórias de vida de cada contador foram focalizadas com especial atenção, uma vez que a prática narrativa é parte de uma vida que se reflete no seu fazer. Entretanto, procurei não me distanciar da certeza do inacabado, nem me seduzir pelo desejo de decifrar todos os enigmas de um contador e suas histórias, pois as próprias histórias nos alertam quanto a este risco, como nesse curto diálogo sufi³:

Diziam certo dia a Bahandin Naqshband:

- Você nos conta histórias, mas não nos diz como decifrá-las.

- O que você acharia - respondeu o narrador - de um homem que vem lhe vender frutas e as consome diante dos seus olhos, deixando nas suas mãos apenas a casca?

Mas essa escuta complexa envolvendo num todo as vozes dos contadores, do público ouvinte, dos autores que me acompanharam e minha própria voz tornou-se leve, pois Maria Aparecida Nogueira redimensionou meu olhar sobre o campo me levando a não temer o caos nele presente, e a transitar nas sombras dos não-ditos onde se revela o dito.

Para a análise dos universos narrativos foi utilizada a proposta da Mitocrítica, de Gilbert Durand. Método de crítica de texto literário, de estilo de um conjunto textual de uma época ou de um determinado autor, que torna perceptível os mitos fundantes. Ela tem apoio em três dimensões para a identificação do núcleo mítico do texto (do universo narrativo): nos elementos que se repetem de forma obsessiva, no exame do contexto em que aparecem (enredo, personagens, cenários), na apreensão das lições do mito e sua correlação com as de outros mitos de épocas ou espaços culturais determinados.

Todos os encontros com os contadores foram filmados, talvez na tentativa de não perder o que se desdobra para além da oralidade tanto do narrador quanto dos ouvintes: seus gestos, seu brilho no olhar, os movimentos das brincadeiras.

³ CARRIÈRE, Jean-Claude. **O Círculo dos Mentirosos**: contos filosóficos do mundo inteiro. São Paulo: CÓDEX, 2004, p.413.

Faz-se necessário ressaltar que desejando preservar o encantamento que envolve o universo narrativo, e inspirada nas *Mil e Uma Noites* e em Cheherazade optei por solicitar um de seus personagens, o califa Harun al-Rachid para ser meu companheiro nos caminhos percorridos na elaboração desse texto, pois como sugere Aparecida Nogueira (2001: 124) as imagens sérias, duras, mecânicas da razão requerem também o sobressalto, o sonho e a embriaguez da paixão.

Em consonância com a perspectiva epistemológica escolhida, e em reverência aos contadores de histórias que não vêm seu contar fragmentado em categorias, respeitei o universo narrativo de cada contador com suas múltiplas relações. Assim, cada um desses universos aproxima-se do todo dissertativo, resultante de uma operacionalização, que no caminhar se impôs, do princípio hologramático (Edgar Morin, 1990).

A trajetória do campo se impôs como suporte para a arquitetura do trabalho. Tal fato reitera a importância do próprio campo na construção do conhecimento antropológico; ao mesmo tempo em que reconhece no referido suporte a idéia de Gilbert Durand (1989), segundo a qual, o próprio pesquisador percorre o trajeto antropológico durante seu fazer.

Dessa forma, cada seção do sumário traz em seu bojo, um pouco da discussão geral, elementos metodológicos, histórias narradas, falas de contadores e público e impressões intersubjetivas, de modo que não precisam ser lidos em ordem linear, porque constituem um conjunto de significações simultaneamente autônomas e articuladas entre si (CARVALHO, 2003), comungam, assim, com a idéia: impossível conhecer as partes sem conhecer o todo; impossível conhecer o todo sem conhecer as partes. (Pascal apud Edgar Morin, 2000:199).

Enfim, os caminhos que percorri apontam para novos caminhos, convidam a outras incursões nas quais, certamente, muitas histórias se movimentam vivificadas pelos contadores, prontas a receber o viajante.

Puxando o Fio da Meada

Penetrar no universo dos contadores de histórias revelava-se, ao mesmo tempo, difícil e sedutor. Meu pensamento predominantemente domesticado (Lévi-Strauss, 1989) por mais que estivesse aberto a este mundo de palavras luminosas, fortes e articuladas sem pressa, sentia falta de um guia que transitasse com intimidade, entre os itinerários *empírico-lógico-racional e mítico-mágico-simbólico* (Edgar Morin: 1999).

Seria necessário que ele amasse as histórias com o encantamento das crianças, sentisse sua mágica, seu poder de iluminar o espírito e recriar a memória. Mas, que também reconhecesse serem elas, como sugere Claude Lévi-Strauss, estratégia de ver, pensar e ordenar o mundo.

Mas onde encontrar este caminhante? Lembrei que Salah Stétié dizia, não ser ousado reconhecer, que narrativas como “*As Mil e Uma Noites*” são fatos verbais. Nelas, transitam “homens e djins misturados, espíritos e ogros e todos os caprichosos desvios e toda a imaginação, freqüentemente cruel, confundidos em prodigiosa turvação na vasta fantasmagoria da vida. (...) Nelas estão algumas figuras fundamentais do inconsciente coletivo semítico, do qual todos nós somos herdeiros” (STÉTIÉ, 1984: 22). Concordando com Stétié parti para as *Mil e Uma Noites* à procura de Cheherazade, primeira grande contadora de história de que se ouviu falar.

Ela, acreditando no seu mérito de contadora e na força das histórias, conseguiu libertar o sultão de sua ira, por um dia ter sido traído, preservar a própria vida e libertar todas as jovens que seriam imoladas pela cólera do sultão, restabelecendo a paz no reino.

Ciente do meu desejo de conhecer mais profundamente o universo dos contadores de histórias e de verificar sua atualidade como um agente que mantém e transmite o capital cultural de um povo, Cheherazade contou que um de seus personagens, Harun al-Rachid, presente em várias de suas histórias, tinha o perfil ideal para ser meu guia.

Sendo o califa de Bagdá, senhor e juiz do seu povo, Rachid, segundo ela, tinha espírito de antropólogo, ele não se contentava em receber informações do seu reino através dos ministros. Vestia-se de mercador e, sob este disfarce, observava pessoalmente o cotidiano do seu povo, sentia ser necessário olhar suas práticas e ouvir suas histórias para se aproximar do pulsar da sociedade. Para ele, como para Franz Boas, as histórias incorporadas guiariam para a realidade social.

Rachid quando ouvia uma história que julgava maravilhosa ordenava que fosse escrita em letras de ouro, juntada a seu tesouro e contada de boca em boca, ligando todos à memória da tradição.

Agradecendo a Cheherazade fui ao encontro de Rachid. Encontrei-o conversando com o rei dos gênios, que dizia ter vindo de um passeio ao futuro; seu semblante estava carregado de um profundo pesar. O califa quis saber o motivo de tanta preocupação, o gênio disse ter escutado que nesse tempo, chamado de sobremodernidade, os homens tinham perdido a capacidade de ouvir os espíritos e os animais, e mesmo os contadores e suas histórias não eram mais ouvidos como memória viva, ação que transitando entre o passado e o presente, iluminaria o futuro. Assim, a humanidade estaria condenada à solidão quem sabe ao desespero.

Segundo o gênio, a arrogância humana acreditando ser capaz de dominar a natureza, de eliminar o acaso, reduzindo o complexo ao simples excluindo tudo que não fosse

quantificável, não permitia aos homens perceberem estar sob o domínio de um dos deuses mais perigosos, Urizel (a razão), o deus dos sistemas, o prisioneiro de si mesmo.

Rachid, após alguns instantes de reflexão, procurou tranquilizar o grande gênio. Se Urizel reinava na sobremodernidade, era sinal que os deuses não tinham desistido de habitar esse mundo. Certamente outros deuses continuavam entre os homens e, Clio, Musa da História, filha de Zeus e de Mnemósine, que inspirava não só os que buscavam as ações humanas, mas também os narradores de feitos fabulosos que glorificavam os deuses face aos homens, ajudando a elevar da terra ao céu o espírito humano, não permitiria o calar dos contadores de histórias.

O califa, comungando com o pensamento de Octávio Paz (1982), disse acreditar que razão e imaginação não são faculdades opostas, a segunda é o fundamento da primeira e o que permite perceber e julgar o homem. E, desse encontro de real e imaginário brotam as histórias, sendo o contador seu guardião e seu contar uma espécie de ocupação espiritual fundamental.

Cheherazade tinha razão, Rachid poderia ser um antropólogo e, se o fosse, talvez escolhesse como lente para suas observações a Complexidade, cujos princípios levam a reconhecer não haver sentido em separar animais e homens, *sapiens* e *demens*. Pois, como afirma Morin (1999), somos 100% natureza e 100% cultura.

A noite já ia adiantada, quando o califa em tom grave e decidido disse ao gênio não ser possível ficar indiferente às informações que acabara de receber. Certamente era um convite divino para que ele, como guardião das histórias, verificasse se no futuro as memórias coletivas tinham abdicado em prol do individualismo, para que, de volta, pudesse

alertar seu povo sobre as consequências de se construir um mundo surdo às tradições. Mas seria preciso estar lá.

O rei dos gênios sabendo do valor do califa para toda aquela região temeu pela sua segurança em um mundo que parecia tão hostil. Mas vendo Rachid irredutível resolveu ajudar, o transportaria para o futuro onde teria quatro meses para observar os homens modernos e suas sociedades. Terminado este prazo seria levado de volta à segurança de seu palácio em Bagdá, para perto de suas histórias carregadas de sabedoria e fé.

O califa, consciente de que o tempo dado pelo gênio era pouco para conhecer a tal sobremodernidade, decidiu direcionar seu olhar aos contadores de histórias. Pois, em consonância com Marie-Louise Von Franz (1990), acreditava que a linguagem dos contos é a linguagem de toda a espécie humana, de todas as idades, raças e culturas e, quando contados por pessoas dotadas do dom da contação, nos defrontam com as verdades de um povo. Eles se nutrem da memória viva de uma comunidade, de seus mitos, suas verdades, seus sonhos e paixões. Nas histórias a sociedade vestida de encantamento se desnuda.

Os amigos se despediram. Percebi que poderia apenas acompanhar Rachid em seus caminhos, compartilhávamos os mesmos desejos. Nesse instante, ao comando do rei dos gênios nossos olhos foram feridos por um relâmpago, seguido de poderoso trovão. Toda região foi coberta por trevas e um vento furioso ergueu uma espessa cortina de poeira.

Quando a nuvem se dissipou percebi que voltara a 2004, Rachid não parecia assustado em perceber-se em um lugar distante do seu, para ele o possível não tinha limites demarcados. Mas era preciso situar-se naquele universo.

Pegando um folheto soube que estava em Olinda-PE, Nordeste do Brasil, cidade Patrimônio Cultural da Humanidade. Sorriu. Era o lugar perfeito para encontrar contadores de histórias, afinal, as narrativas orais são parte essencial do patrimônio cultural de cada sociedade. Percebendo que estava em frente ao Centro de Cultura Luiz Freire resolveu que este seria seu ponto de partida e entrou.

Encaminhando-se à moça da recepção pergunta onde poderia encontrar contadores de histórias, ela diz que o Centro promoveu um curso de contação de histórias⁴ para educadores sociais. Diz que através desse instrumento se consegue um melhor resultado com a leitura dos alunos, pergunta se ele gostaria de conversar com algumas das contadoras que participaram do projeto. Agora ele estava um pouco surpreso.

Não seriam os contadores, como refere Aparecida Nogueira, portadores e intérpretes reconhecidos de um dado saber não-domesticado, transmitido oralmente de geração em geração, saber esse constituído na própria experiência? Não seriam as contações momentos nos quais se estabelecem o jogo da aliança com os ancestrais no circular das memórias coletivas vivificadas que fortaleceriam o devir? Como tudo isso seria vivido em um curso?

Afastando esses pensamentos pega os nomes e telefones de quatro contadoras: Ilma, e Maria do CEPOMA⁵, Karla e Rosângela do Centro Social da Torre. Rachid agradece, mas pergunta se não existiriam também, contadores que narrassem num espaço informal. A moça diz que não sabe se ainda é possível encontrar contadores exercendo seu contar informalmente nas cidades. Talvez inspirada pela fada acaso, mostrou uma colega dizendo

⁴ O curso de contação de histórias: leitura, literatura e tradição oral, 30 horas esteve incluído na metodologia “Aprendendo a gostar de ler”. Foi coordenado por Maria do Socorro Ferreira e Rosângela Queiroz, educadoras do CCLF, com um grupo de vinte educadores sociais, que trabalham com crianças e adolescentes das comunidades da região metropolitana do Recife, no ano de 2002. O curso foi promovido pelo Centro Cultural Luiz Freire. Situado em Olinda.

⁵ Centro de Educação Popular Marilda Araújo. Fundado em 1985, com o nome Escola Viva, teve o nome mudado a pedido dos alunos como forma de homenagear a professora, da escola, Marilda Araújo, quando do seu falecimento. A escola atua na área de Ensino Infantil e Fundamental.

ser ela contadora. Eles se apresentam; Socorro diz que embora conte histórias, sua mãe, dona Amara, é quem realmente tem esse dom e que ela está vindo de Barreiros, cidade onde mora, no interior de Pernambuco (Zona da Mata Sul), para tratamento de saúde. Ele sai feliz.

Embora Rachid observasse atentamente os movimentos do mundo moderno não sentia completa estranheza, olhando os aviões voando no céu imaginou que estariam próximos aos tapetes mágicos e cavalos alados da sua terra. Cansado, decidiu descansar em uma pequena pousada da Sé, lamentou não ter trazido seu tapete preferido pois, como reza a tradição árabe, o tapete seria continuidade do solo natal, além de proteção contra influências malignas do solo estranho. Não sentindo qualquer força do mal, dormiu tranquilo.

No dia seguinte marcou encontro com as contadoras e saiu para passear um pouco. Foi cercado por crianças que, com crachás de guias turísticos, contavam com desenvoltura histórias da cidade. Chegando à pousada, ainda encantado com os pequenos contadores, liga para Socorro, e é informado que sua mãe havia chegado podendo recebê-lo imediatamente.

As Histórias de Dona Amara, em Olinda.



Chegamos à casa de Socorro. Além de Dona Amara Elias Ferreira, também Conceição, sua outra filha, estava presente. Rachid foi de imediato seduzido por Dona Amara que, aos setenta e quatro anos, dona de casa⁶, baixa estatura, cabelos completamente brancos, sorriso franco, voz segura e gestos mansos, transbordava generosidade.

Dona Amara recorda que no início da adolescência resolveu aprender a ler e escrever por conta própria, para escrever cartas ao namorado. A partir daí não só se alfabetizou como passou a ensinar as crianças do sítio da família. Orgulhosa, diz que embora nunca tenha frequentado escolas alfabetizou os filhos, que hoje estão formados. Conta que aprendeu, desde nova, muitas histórias com seus pais, avós e pessoas da vizinhança e sempre gostou de contar. *“Antigamente as pessoas gostavam de se juntar e contar histórias. A gente sempre se entretia de contar histórias. Eram histórias muito bonitas”*.

Rachid pergunta se ela ainda tem o mesmo prazer em contar histórias. Sorrindo responde afirmativamente, diz que gosta de contar para os netos, os netos dos amigos e que já contou no trabalho de Socorro, na Quarta Literária⁷. Mas, embora ainda saiba muitas histórias já não lembra as mais antigas, lamenta as falhas de memória que estão chegando junto com a velhice. Afirma que mesmo sentindo a memória falhar continua gostando de contar para quem, como nós, gosta de ouvir.

⁶ Embora nunca tenha exercido uma atividade formal fez, durante muitos anos, louças (panelas, pratos, pequenas jaras) de barro. O que excedia as necessidades domésticas era vendido.

⁷ Evento cultural promovido pelo Centro Cultural Luiz Freire. É um encontro voltado às expressões literárias; poesia, música, vídeos, contação de histórias ao redor da fogueira...Acontece mensalmente na última quarta-feira do mês, das 18:00 às 21:00 horas.

Diz ser muito importante contar para as pessoas novas de hoje porque elas não conhecem muitas coisas antigas, aí através das histórias as pessoas vão refletindo e aprendendo algumas coisas da vida. *“A gente vê que nas histórias tem muitas coisas, muitos exemplos.*

Tem histórias que tem pessoas muito ruins, pessoas malvadas e, naquelas histórias tem aquela vítima que sofre muito e no fim da história aquela vítima alcança aquela vitória. Como a Maria, da Maria Borracheira”:

“Maria Borracheira era uma menina criada só com o pai, ela não tinha mãe, e na vizinhança tinha uma viúva que tinha vontade de casar com o pai dela, então quando o pai saía de casa, a menina ia pra casa da viúva ou a viúva ia pra lá e começava ela tratando da menina, penteando o cabelo da menina, ajeitando, como naquele tempo antigo tinha muito piolho ela catava a cabeça da menina e quando acabava, que deixava a menina prontinha, dizia:

- Maria, pede pro teu pai se casar comigo.

Aí quando ele chegava, ela dizia:

- Meu pai, casa com aquela viúva

Ele dizia:

- Minha filha, porque você quer que eu case com aquela viúva?

- Mas aquela viúva é tão boa, eu chego lá ela cata a minha cabeça, ela penteia os meus cabelos, ela me dá comida.

Ele dizia:

- Minha filha, aquela viúva agora tá lhe dando papa de mel e, depois ela lhe dá de fel.

- Não meu pai, case com aquela viúva.

O velhinho era um fazendeiro e ele tinha uma vaquinha, tinha uma vaquinha preparada que era de Maria. Maria tinha muita amizade a aquela vaquinha. Ela conversava com a vaquinha, aí depois, o velho pra fazer o gosto da filha, trouxe a viúva pra dentro de casa e ficou namorando ela, a viúva tinha uma filha, também chamada Maria. Agora, depois que ficou passando o tempo, ela ficou querendo passar na frente com a filha dela, e todas as coisas melhores ela só dava à Maria dela, a outra Maria ficava com nadinha.

Maria levava a vaquinha dela pra todo o canto, Maria cuidava da vaquinha dela. Quando fez um tempo, a viúva fez que engravidou e inventou um desejo, comer a vaquinha de Maria.

- Ai que ela está desejando. Ela quer comer o fígado da vaquinha de Maria.

O homem dizia:

- Mas tem tanto gado aí, tem garrote gordo. Porque você não quer?

- Não. Eu quero a vaquinha de Maria.

Mas era pra deixar Maria sem nada. Aí o velho resolveu matar a vaquinha de Maria. Maria corre pra junto da vaquinha, ela conversava com a vaca, disse:

- Mas minha vaquinha, a mulher do meu pai quer matar você pra comer seu fígado.

Ela disse:

- Deixe Maria. Ela não quer?

Ela disse:

- Quer.

Ela disse:

- Deixe. Quando ela me matar, você diga a ela que não quer nada de mim, diga a seu pai que “da minha vaquinha, só quero o fato”. Quando acabar, você leva o fato pro rio, vai lavar e quando você tiver lavando o fato vai descer uma tripa água abaixo e você sai atrás, e quando você chegar adiante você encontra um quarequero de roupa. Você agoe e deixe tudo molhadinho e, mais pra adiante você passa, você encontra uma casa. Na casa tem uma estribaria, os cavalo estão morrendo de fome, você serre capim pra os cavalo, entre na casa, limpe a casa, varra, atice o fogo (que nesse tempo era fogo de lenha) prepare o feijão e quando acabar, se esconda detrás da porta e fique escutando o que é que há.

Aí mataram a vaquinha de Maria, ela saiu chorando e pedindo o fato da vaca. A mulher disse:

- O que te chega é o fato mesmo.

Aí ela foi pro rio. Quando chegou no rio, que tava lavando o fato, desceu uma tripa água abaixo e ela saiu atrás.

Quando ela chega molha o quaradouro de roupa, adiante ela acha um velhinho todo ferido da correnteza da água. Aí a vaquinha disse a ela:

- Você dê um banho no velhinho, lava as feridas do velhinho e deixe o velhinho enxutinho.

Aí ela foi, limpou o velhinho, ajeitou, lavou. Aí o velhinho pegou uma varinha e deu a ela, disse:

- Olhe Maria, leve essa varinha. Por onde você se ver avexada, você diga: minha varinha de condão, pelo bem que Deus me deu, e peça o que você quiser que você alcança. E ela saiu. Aí quando chegou na casa, os cavalos estavam relinchando de fome, ela cerrou o capim, botou pros cavalos, quando acabou, entrou, varreu a casa, limpou, atizou o fogo no feijão. Quando acabou, chegou atrás da porta e ficou. Quando foi mais tarde, por volta do meio dia, chegaram três pombinhas em cima da casa, pousaram e disseram:

- Falemos manas?

- Falemos manas.

- Permita Deus, quem bem nos fez fique mais bonita de que tudo no mundo.

E ela escutando.

A outra falou:

- Falemos manas?

- Falemos manas.

- Permita Deus, quem bem nos fez, nasça uma estrela de ouro na testa.

- Falemos manas?

- Falemos manas.

- Permita Deus, quem bem nos fez, quando falar, brote bolas de ouro pela boca.

Quando Maria saiu que foi pra casa, que quando foi chegando em casa a outra Maria, filha da viúva, disse assim:

- Minha mãe! Venha ver como Maria vem ali tão bonita.

Aí Maria chegou.

- Maria! Que o que foi que tu fizeste?

Quando Maria ia falar, as bolas de ouro caíam pela boca.

- Maria! Que foi que tu fizeste?

Sim, a vaca ensinou o que ela dissesse quando chegasse em casa.

- Que foi que eu fiz? Eu fui lavar o fato da minha vaca, quando acaba soltei uma tripa de água abaixo. A tripa saiu e eu saí atrás. Quando cheguei adiante, encontrei um quaradouro de roupa, eu sentei os pés, molhei tudo de lama e desci. Mas adiante encontrei um velhinho todo ferido, eu sentei os pés no velho, dei umas lapadas nele e fui embora, quando cheguei numa casa, tinha uns cavalos numa estribaria, eu sentei o cacete no cavalo, sentei-lhe o pau, dei umas pisas nos cavalos. Quando entrei sujei a casa toda, tinha uma panela no fogo, queimei a panela de feijão, depois me escondi detrás da porta e escutei o que é que vinham dizer. Chegaram três pombinhas e me deixaram assim.

Aí a velha disse:

- Fulano! Mata a vaquinha de Maria.

Mandou matar a vaca da filha dela. A menina foi pro rio, lavou o fato, quando acabou soltou uma tripa, saiu atrás. Chegou adiante encontrou um quaradouro de roupa, sentou os pés, molhou de lama a roupa toda. Mais embaixo encontrou o velho, acertou os pés no velho e deu-lhe, quando acabou foi pra a casa. Chegando na casa, sentou o cacete nos cavalos, sujou a casa toda e quebrou a panela de feijão. Quando tudo acabou foi detrás da porta e mais tarde chegaram as pombinhas.

- Falemos manas?

- Falemos manas.

- Permita Deus, quem mal nos fez, fique mais feia que tudo no mundo.

E então a outra disse assim:

- Falemos manas?

- Falemos manas.

- Permita Deus, quem mal nos fez, nasça um mangará de banana na testa.

- Falemos manas?

- Falemos manas.

- Permita Deus, quem mal nos fez, quando falar bote bosta de cavalo pela boca.

Aí quando ela chegou em casa, quando ia falar, ninguém agüentava, e no outro dia ia ter um baile na cidade e pra todo canto que a viúva ia, só dava a filha dela e Maria era tratada de Maria borralheira. De noite se

arrumaram, foram pro baile e a viúva levou a Maria feia dela e Maria ficou em casa. Quando saíram todos, ela entrou, pegou a varinha que o velho deu e disse:

- Minha varinha de condão, pelo bem que Deus me deu, eu quero um vestido bem bonito e uma carruagem para ir pra aquele baile.

Aí quando tudo chegou, ela montou no carro, saiu. Quando chegou na festa e todo mundo em cima dela pra pegar o carro, pra falar com aquela moça bonita, mas não tinha jeito. Quando o baile antes de acabar, ela saiu. O pessoal botava a polícia, fazia tudo para o carro não ir se embora, mas não pegaram.

Eu sei que foram três noites de baile, e nessas três noites ela foi cada vez mais bonita.

Quando foi na derradadeira noite, ela tava indo embora. Aí o povo invadiu, pra ver qual carro ela pegava. Aí ela perdeu um sapato de ouro, ela perdeu um sapato e voltou pra casa só com um. O filho do rei achou o sapato. Aí ele saiu procurando a moça que perdeu aquele sapato. Aí quando passou em todo o canto, quando o sapato não ficava apertado, ficava pequeno demais, não tinha uma moça que aquele sapato desse no pé.

Quando nesse dia ele chega na casa dessa mulher, disse:

- Dona, aqui tem uma moça?

- Tem, tem uma.

Ele disse:

- Traga ela cá pra ver se esse sapato dá no pé dela.

Aí saiu a Maria feia, aí o sapato não deu.

- Mas só tem essa moça aqui?

Ela disse:

- Tem uma borralheira lá dentro.

Ele disse:

- Traga essa borralheira pra fora assim mesmo.

Aí a Maria lá dentro disse:

- Minha varinha de condão, pelo bem que Deus me deu eu quero aquele vestido que eu fui pra festa e o sapato.

Aí chegou. Quando ela saiu, já saiu calçada num sapato só e o outro pé no chão. Quando chegou cá, aí o homem disse:

- A moça é essa.

Aí a mulher ficou pasma olhando pra ela.

- Maria! Onde tu achaste esse vestido tão bonito?

Ela disse:

- Não sei.

Aí o príncipe chegou, mandou ela experimentar o sapato e era o parecia do que ela tinha ao pé. Ele deu o sapato pra ela e casou com ela. Maria ficou rica e a viúva ficou com a filha feia dela lá com aquele mangará na cabeça.

Fui pro casamento dela, me entreti tanto que ainda hoje estou enfadada.”

Dona Amara diz que essa história aconselha as crianças a não se abaterem frente ao sofrimento, a não desistirem de lutar pela felicidade.

Segundo Walter Benjamin (2002: 58), “a criança consegue lidar com os conteúdos do conto maravilhoso de maneira tão soberana e descontraída como o faz com retalhos de tecidos. Ela constrói o seu mundo com os motivos do conto maravilhoso, ou pelo menos estabelece vínculos entre os elementos do seu mundo”.

“Em condições difíceis da vida, as histórias de heróis constituem uma necessidade vital. Elas oferecem um modelo vivificador e encorajador, que contém todas as possibilidades positivas de vida”. (Von Franz, 1990: 74).

Escutando Maria Borralheira, recordei de um dos contos de Grimm⁸ “*A Noiva Branca e a Noiva Preta*”.⁹

“Era uma vez uma mulher que vivia com sua filha e uma enteada. Então Deus apareceu-lhes sob o aspecto de homem pobre, e pediu-lhes que indicassem o caminho para a cidade. A mulher e a filha riram caçoando Dele, mas a enteada ofereceu-se para mostrar o caminho. Em troca, Deus fez com que a mulher e a filha se tornassem feias e pretas, e à enteada conferiu três dons; uma grande beleza, uma bolsa de dinheiro que não se esvaziava jamais e o reino dos céus quando morresse.

Sabendo da beleza da jovem, um príncipe pediu para vê-la. Para evitar o encontro, a madrasta e sua filha, cheias de inveja, tentaram afogá-la. O príncipe, sabendo do ocorrido puniu-as e casou com a bela jovem”.

Nas duas histórias temos a constante presença do número três, que se revela no trio de atores centrais (madrasta, filha, enteada), nos deuses (as três pombas na versão de Dona Amara, na dos Grimm, Deus, que é Um em Três Pessoas) e nos três dons por eles concedidos. “O três é um número fundamental universalmente. Exprime uma ordem intelectual e espiritual, em Deus, no cosmo ou no homem. O três, de acordo com os chineses, é um número perfeito, a expressão da totalidade” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1997: 899).

Nessa perspectiva, essas histórias remetem à busca de uma unidade original. Nelas transitam bom pensamento, boa palavra e boa ação, bem como o mau pensamento, a má palavra e a má ação.

⁸ Os alemães Irmãos Grimm, Jakob e Wilhelm eram filólogos e historiadores. Compilaram lendas e contos folclóricos alemães buscando-os na boca de camponeses, lenhadores, vendedores dos mercados... Dorotea Viehmann, uma velha mulher do povo, foi quem contou mais da metade dos contos que recolheram. Os contos de Grimm foram publicados em todo o mundo com grande sucesso.

⁹ De Grimm, In: Franz, Marie-Louise Von: **A Interpretação dos Contos de Fadas**, 1990, p. 224.

A forte presença da madrasta, nessas histórias, remete ao *arquetipo da grande mãe* e, à idéia de Carl Gustav Jung (2000), de que todo símbolo tem os dois sentidos, o sentido positivo e o negativo. Nesse caso, a madrasta é o negativo.

Rachid fica intrigado, as heroínas das histórias que ouvira, até então, tinham como uma de suas características só utilizarem o artifício da mentira para salvar terceiros. Entretanto, Maria Borralheira havia mentido.

Percebendo a inquietação de Rachid Dona Amara procura tranquilizá-lo. Aquela não era uma história da bíblia, era de pessoas comuns. Conceição lembra que nas cidades do interior do Nordeste as mulheres precisam ser especialmente fortes, muitas são deixadas sós, com os filhos, enquanto os maridos partem para as grandes cidades em busca de emprego. Ele percebe, então, que aquele universo feminino de astúcias, segredos e avessos talvez revele uma intenção de estabelecer uma ordem frente à desordem da realidade oprimida.

Conceição pede que a mãe conte a história de *Surutana*, sua história preferida. Sorrindo diz que quando pequena sentia-se a própria *Caixa de Pau*. Dona Amara pede à filha que ela mesma conte a história, no que é imediatamente atendida.

“Uma rainha que passeava num campinho bem verde encontrou uma cobrinha bem verde, aí ela desejou ter uma filha igual à cobra só que ela voltou pra casa. Com o tempo ela engravidou e quando teve um bebê era uma cobra, ela ficou muito assustada e disse:

- O que é que eu faço agora? Não posso matar! Vou jogar no mar.

Ela pegou a cobrinha e jogou no mar e todo dia ela ia dar de mamar à cobra no mar, chamava Surutana, ela vinha e dava mamar à cobra e a cobra foi crescendo. Quando a cobra estava bem grande a mulher ficou doente, aí disse pra filha dela que tinha uma outra filha aí falou:

- Olhe, você tem uma irmã só que ela está no fundo do mar, mas se você se encontrar em qualquer dificuldade, você chegue na beira do mar e grite três vezes: Surutana, Surutana, Surutana, que ela vai atender tudo o que você quiser.

Aí ela:

- Tá bom.

Ela ficou muito doente. Quando ela já estava no dia de morrer, chamou o marido, tirou a aliança dela, entregou a ele. Aí falou:

- Você se casará com a mulher que essa aliança servir no dedo.

Aí ele:

- Tá bom.

E guardou a aliança assim, nas coisas mais preciosas que ele tinha, e ela morreu.

Aí a menina cresceu, quando já estava jovem começou a mexer nas coisas do pai, as fotos, procurando a foto da mãe dela. Aí encontrou a aliança, ela achou tão bonita. Colocou no dedo. Quando colocou no dedo serviu, e ela não conseguiu mais tirar. Ficou com medo porque tinha mexido nas coisas do pai. Aí ela só fazia as coisas com a mão escondida, mas na hora dela servir a janta, a aliança bateu na louça e ele viu a aliança, aí falou:

- Que é isso?

Aí quando olhou era o anel, aí disse:

- Olhe, este anel foi sua mãe que deixou pra mim e ela falou que eu só devia me casar com a moça que essa aliança servisse no dedo, então agora vou casar com você.

E ela ficou muito assustada, porque era o pai dela, ela não sabia o que fazer. Correu na beira do mar, chegou lá chamou Surutana, quando veio foi uma cobra, já estava tão grande, igual à serpente. Ela queria correr, ela falou, disse:

- Não corra não que eu sou sua irmã! Que foi?

Aí ela disse:

- É que o meu pai quer casar comigo.

Aí ela disse:

- Não se preocupe. Vá preparando os temperos da festa e diga a ele que só casa se ele trouxer um vestido pra você da cor das matas, com todos os pauzinhos.

Aí:

- Tá bom.

Aí ela correu e disse a ele. O pai dela viajou para procurar o vestido e ela também falou:

- E mande construir uma caixa de pau.

Aí ela mandou construir a caixa de pau e começou a fazer os temperos da festa do casamento, só que quando o pai dela chegou, trouxe o vestido que Surutana pediu, aí ela voltou onde estava Surutana, aí disse:

- Surutana, ele trouxe o vestido.

Aí disse:

- Não tem problema, peça um outro vestido da cor do mar com todos os peixes do mar.

Aí

- Tá bom.

Aí ela foi, pediu ao pai. O pai viajou a procura do vestido, enquanto a caixa de pau ia sendo construída e ela fazia os preparativos da festa. Quando ela estava terminando, o pai chegou com o outro vestido. Ela correu de novo onde tava Surutana.

Surutana disse:

- Não tem problema. Mande trazer um outro vestido da cor do céu, com todas as estrelas, o sol e a lua, que esse é mais difícil.

Aí ela:

- Tá bom.

Aí correu, pediu a ele. Ele volta a viajar atrás desse vestido e ela fazendo os preparativos da festa e a caixa de pau já se terminando de construir. Ele volta, traz o vestido. Aí ela não sabe mais o que fazer e volta a Surutana.

Aí Surutana falou:

- De cada tempero da festa você vai colocar um pouco num vidrinho, vai se vestir na caixa de pau e traga os três vestidos e chegue aqui, na beira do mar e me chame.

Aí ela disse:

- Tá certo.

Tudo que Surutana pediu ela fez, aí chegou na beira do mar e disse:

- Feche os olhos, segure nas minhas costas.

Aí ela segurou. Quando saiu do mar já foi em outro espaço, em outro país, e ela saiu para procurar emprego, vestida numa caixa de pau. Chegou na casa de uma rainha, aí a rainha também tinha uma filha, que quando olhou correu assustada, disse:

- Minha mãe! Uma caixa de pau!

- Não minha filha, deixe que ela entre.

Ela entrou, disse:

- O que é que você quer?

Aí ela:

- Eu quero um emprego.

Aí disse:

- Olhe, eu não tenho nenhum emprego aqui, o único emprego que eu tenho é no galinheiro, pra recolher os ovos da galinha.

Aí ela falou:

- Não faz mal, eu quero.

Ela ficou recolhendo os ovos das galinhas, assim, foi conquistando a amizade da rainha, porque ela foi fazendo as coisas com muita organização. E, nunca, ninguém tinha juntado tanto ovo como ela juntou. A rainha estava gostando dela.

Tinha uma festa também, porque esse tempo era o tempo das festas, e o príncipe ia escolher sua noiva, todas as princesas iam pra essa festa para que o príncipe escolhesse. Quando o príncipe se arrumou (o príncipe detestava ela porque ela só fedia a côco de galinha) aí ela disse:

- Mas príncipe, mas o senhor! O meu pai quando era vivo ia às festas, ele costumava lavar o rosto com água de cheiro.

Aí ele disse:

- Ah, Caixa de Pau, é porque seu pai tinha, mas eu não tenho.

- Ah, mas eu vou lhe emprestar.

Aí pegou da água de cheiro que ela tinha trazido do casamento, colocou numa bacia e deu a ele, ele lavou o rosto e foi embora. Quando chegou na festa, ela chegou na beira do mar, chamou Surutana e pediu uma carruagem bem bonita pra ir à festa, e vestiu o vestido da cor das matas e chegou lá na festa. Quando chegou lá, ela era a mais bonita, quando o príncipe viu já escolheu, aí chegou perto, mas estava perto dela ir embora, ele perguntou ainda onde é que ela morava. Ela disse:

- Eu moro em água de cheiro.

Aí foi embora. Quando o príncipe chegou pensativo, onde ficaria esse lugar: água de cheiro? Com isso ele começou a ficar depressivo, mas ainda tinha o segundo dia, e ele estava com esperança de encontrar a moça. Ele se arrumou, ela olhou pra ele e disse:

- Mas meu senhor! Meu pai quando costumava ir às festas, ele levava um anelão de ouro no dedo.

Aí ele disse:

- Mas Caixa de Pau, ele tinha mas eu não tenho.

Aí ela disse:

- Mas eu vou lhe emprestar o meu.

Aí pegou o anel e ele foi pra festa com o anel. Aí ela pediu pra Surutana de novo a carruagem e foi pra festa com o vestido da cor do mar. Quando ele viu, disse:

- Eita! É a moça.

Ele foi andando para encontrá-la, ela já tava saindo porque sempre que ele encontrava já estava perto da meia-noite. Aí ele:

- Onde é que você mora?

Ela disse:

- Eu moro em anelão de ouro.

Na cabeça dele não dava pra entender:

- Como é que eu vou encontrar esse lugar?

Só tinha o último dia e ele tinha que descobrir. Aí ele ficou mais pensativo ainda, não falava para ninguém porque estava assim, e a caixa de pau prestando atenção. Aí quando ele se arrumou pra ir pra festa, ela chegou de novo e falou:

- Ô príncipe, meu senhor! O meu pai quando ia às festas ele costumava levar bengala de ouro.

Aí disse:

- Mas Caixa de Pau! Eu não tenho bengala de ouro.

Aí disse:

- Mas eu vou lhe emprestar a minha.

Aí pegou, emprestou a bengala de ouro pra ele, ele foi pra festa. Quando chegou lá ela já estava, e ele disse:

- É a moça.

Era o último dia da festa e ele tinha que descobrir onde é que ela morava, Chegou lá, perguntou a ela:

- Onde é que você mora?

- Eu moro em bengala de ouro.

Aí ele não entendia nada, ela já estava indo embora. Quando ele chegou em casa ficou doente, não comeu mais. A mãe ficou preocupada. Caixa de Pau disse:

- Oh rainha, deixe que eu faça a papa do príncipe.

Aí disse:

- Ah, pelo amor de Deus, o príncipe não quer nem te ver, imagine se ele vai comer uma papa feita pela tua mão, que trabalha no galinheiro.

Aí disse:

- Não precisa que ele saiba.

- Tá bom, então faz.

Ela fez a papa do príncipe e colocando dos temperos do casamento dela. A rainha foi dar a papa do príncipe, ele comeu. Aí a rainha ficou gostando dela, mas o príncipe ficava cada vez mais doente. No outro dia ela pediu à rainha pra dar papa ao príncipe, ela disse:

- Não, Caixa de Pau, até você fazer a papa tudo bem, agora você dar papa ao príncipe?!...

- Mas eu faço com jeitinho e ele vai comer.

Aí ela disse:

- É, então tá.

Ela colocou o vestido deixando aparecer a barra, que ele viu na festa. Quando ela chegou para dar a papa, o príncipe olhou e disse:

- Eu acho que é ela.

No outro dia, pediu à rainha para dar a papa de novo, já que ele tinha comido, a rainha deixou. Ela foi vestida cor do céu, quando chegou lá ele não teve dúvida, pegou a bengala, tome pau na Caixa de Pau e a Caixa de Pau lá, e era pau na Caixa de Pau. A rainha correu, a menina correu, todo mundo correu.

- Meu Deus! Vai matar Caixa de Pau!

- Não deixe o príncipe matar a Caixa de Pau!

E correu

- Príncipe, não mate Caixa de Pau!

Não tinha jeito, e tome pau na Caixa de Pau, a caixa de pau se abrindo e todo mundo preocupado. Aí quando se abriu a Caixa de Pau, ela apareceu, bela, maravilhosa, aí ele:

- A moça que eu vi na festa era essa minha mãe!

E a rainha disse:

- Como é que você fez isso Caixa de Pau? Você é uma moça tão bela e se passar pra vir trabalhar num galinheiro.

Aí ela contou a história dela, o príncipe casou com ela e vivem felizes até hoje”.

(Dona Amara pergunta:- Você dançou muito nessa festa?)

(Conceição responde:- Eu era a própria Caixa de Pau)

A rainha, desejando ter uma filha igual à cobrinha verde, teria se distanciado da ordem, da luz, para mergulhar na noite fria, pegajosa e subterrânea, no caos. Assim, *Surutana* é fruto do castigo infligido a sua mãe, cujo delito foi um desejo que a faria transpor a barreira invisível que separa cultura e natureza, o que levaria à desordem. Por outro lado, *Caixa de Pau* faz o movimento inverso quando reage a possibilidade de uma relação incestuosa, o que ameaçaria a ordem social. E, encontrando ajuda para que essa reação se efetue na irmã serpente e no tecido vivo de madeira, revela o imbricamento entre natureza e cultura, restabelecendo a ordem.

Em contos noruegueses é comum encontrar pais que prendem as filhas em cofres de pedra, ou caixas de madeira, para mantê-las presas a si mesmos. Em um deles, a moça foi obrigada a vestir um casaco de madeira. Nesses contos as jovens são libertadas por seus pretendentes ou por deuses.

Rachid percebe que a *Caixa de Pau* forjada na terra seca do Nordeste, não precisou de gênios ou príncipes que a libertassem. Talvez a intimidade da mulher nordestina com a dureza da vida rural lhe permita deixar o jogo rolar, mantendo a paciência e flexibilidade mesmo frente aos duros obstáculos da vida, até reconhecer o momento de se livrar da armadura. A fortaleza das mulheres sertanejas faz lembrar o *arquétipo da mulher selvagem* (ESTÊS, 1999). Entretanto, elas sabem usar seus encantos de mulher, depois do trabalho pesado preparam os alimentos, vestem seus vestidos de festa, se perfumam e vão para as brincadeiras, e quando fazem a saia rodar enchem de leveza a aridez do lugar, a cada rodada sonham e fazem os homens sonharem.



Conceição Ferreira, trinta e sete anos, concluinte do curso de Letras, diz que aprendeu a contar histórias com a mãe e o pai, que ambos são grandes contadores, só que o pai contava mais histórias de assombrações, enquanto a mãe preferia os contos de fada.

Acredita ter herdado dos pais o dom de contar. Conceição diz que a vida corrida que se leva nas grandes cidades, a violência que mantém as pessoas trancadas e a conquista do mercado de trabalho pelas mulheres são alguns dos motivos que deslocam as contações das calçadas ou cozinhas para outros espaços. Embora seu ritmo de vida seja bem diferente do ritmo de Dona Amara, preserva o prazer de contar, o que faz no abrigo para meninas de rua

em que trabalha¹⁰, nos cursos de capacitação para professores que participa. Enfim, as histórias acabam fazendo parte do seu cotidiano.

Segundo Conceição as pessoas gostam muito de suas histórias, diz que além das histórias que aprendia, gostava de criar outras. Para ela, entre todos os irmãos, o caçula, que atualmente mora em São Paulo, sempre foi quem mais se destacou em contar histórias. Ele chamava a atenção do público, seja de crianças, jovens ou adultos. Todos paravam para ouvi-lo, ele aumentava o repertório dos pais trazendo todas as histórias bonitas que ouvia por onde andava. Dona Amara concorda orgulhosa, diz que ele é muito engraçado para contar.

Dona Amara diz que não acredita que as pessoas deixem de contar, para ela *“quanto mais difícil ficar o mundo mais as histórias vão ser exemplos, é importante para as crianças saber que com coragem e moral podem conseguir qualquer coisa. E, as histórias mostram isso. Como a do Espelho Cristalino”*:

“A rainha era uma mulher muito bonita, que não tinha filhos. Ela tinha um espelho. Todos os dias após tomar banho e se trocar, ela perguntava ao espelho:

- Meu espelho cristalino, você já viu uma cara mais bonita que a minha?

Ele respondia:

- Eu não.

Todo dia ela conversava com o espelho. Quando ela engravidou, perguntou ao espelho:

- Meu espelho cristalino, você já viu uma cara mais bonita do que a minha?

Ele disse:

- Não, mas vai aparecer.

Ela:

- Tem certeza?

- É o menino que você tem na barriga.

Ela botou o espelho prá lá.

- Também não vejo mais no espelho.

Passou, passou, passou, teve uma menina muito bonita. Mas ela queria ser a mais bonita de todas. Ela lembrou do espelho, se arrumou e perguntou:

- Meu espelho cristalino você já viu uma cara mais bonita do que a minha?

Ele disse:

- Já.

Ela disse:

- Quem é?

¹⁰ Conceição Ferreira, educadora social, concluinte do curso de Letras, trabalha com crianças e adolescentes com vivência de rua (meninas) no Abrigo Raio de Luz do IASC (Instituto de Assistência Social a Crianças) da Prefeitura do Recife.

- É a sua filha.
 Ela chamou dois carrascos e mandou matar a menina na mata.
 - Leva essa menina, mate e traga os dois caroços dos olhos e a ponta da língua.
 E foram os dois homens com a menina, mas ela era tão bonita que eles não tiveram coragem de matá-la.
 Levaram pra mata, andaram e depois concordaram eles dois:
 - Nós não vamos matar essa menina, no lugar dela vamos matar essa cachorrinha e tirar os dois caroços dos olhos e a ponta da língua e levar pra ela.
 A menina foi ali, andando, pegando uma frutinha, comendo e passou o tempo, cresceu, a roupa acabou-se, o cabelo cresceu que servia de roupa. Depois de muito andar, olhou adiante viu uma fumaça e se dirigiu pra lá.
 Quando chegou naquele lugar, era uma casa de três rapazes, mas eles não estavam, ela entrou, foi lá dentro, tinha uma panela no fogo, ela atçou o fogo, ajeitou, limpou a casa, botou comida no prato, comeu, quando acabou lavou tudo, deixou tudo direitinho e foi embora. Quando os rapazes chegaram, entraram, disseram:
 - Aqui teve gente!
 - Quem foi? Quem foi?
 Ninguém sabe quem foi. Disse:
 - Amanhã, sai dois e fica um pra ver quem está vindo aqui.
 Aí ficou um rapaz, e mais tarde ela chegou, mas o cabelo dela era tão grande que cobria o corpo, quando ela chegou que entrou, o rapaz:
 - Isso é um bicho!
 Aí criou medo e correu, ela entrou, fez comida, comeu, limpou, ajeitou e foi embora quando os outros chegaram disse:
 - Sim, e agora?
 Ele disse:
 - Chegou aqui um bicho com um bando de cabelo.
 - Mas rapaz, amanhã quem vai ficar sou eu, você teve medo. Quero ver se eu vou correr.
 Aí ficou o segundo, quando a moça chegou, ele olhou e correu também, aí disse:
 - É um bicho mesmo!
 Aí fica o mais novo, disse:
 - Amanhã quem vai ficar sou eu, eu quero descobrir que bicho é esse.
 Então, no outro dia, os outros saíram e ele ficou, quando ele estava escondido a moça chegou, comeu, lavou os pratos e quando ela quis sair ele se apresentou, disse:
 - É você não é?!
 Aí ela assustou-se, disse:
 - Não se assuste, agora você não vai embora mais não, você vai ficar aqui com a gente.
 Aí ficou, quando os outros chegaram:
 - E aí, agora fulano como que é?
 Disse:
 - O bicho que viram, está aqui.
 Aí ele perguntou:
 - Quem é?
 - É uma moça.
 Aí disse:
 - E agora? Somos nós três vamos ficar com essa moça aqui por nossa irmã, porque se eu casar com ela o outro vai ficar com queixa, se o outro casar o outro fica com queixa, então vamos criar ela aqui como nossa irmã.
 Aí a moça ficou como irmã. Eles andavam, trabalhavam, tudo que ela achava bonito traziam pra aquela irmã, quando já fazia tempo que eles estavam bem satisfeitos com aquela moça em casa, a mãe lembrou-se em casa do espelho, pegou o espelho e perguntou se tinha um rosto mais bonito do que o dela. Ele disse:
 - Tem.
 Ela disse:
 - Quem?
 - É a sua filha.
 Aí descobriu que a moça estava na casa dos três rapazes. Ela comprou um bocado de miudeza e mandou o miudenseiro vender três anéis envenenados, não... Ela vestiu-se inteira de homem e saiu para vender miudeza, os três anéis envenenados. Eles ficaram alucinados pelos anéis.
 - Vamos comprar esses anéis para nossa irmã. Cada um compra um anel.

Aí quando botaram no dedo dela o primeiro anel ela sentou-se, quando botaram o outro ela virou-se, quando botaram o outro ela morreu. Todos ficaram morrendo de pena porque ela morreu, ficaram naquele sentimento, ficaram chorando. Disse:

- Agora o que é que nós fazemos?

- Não vamos enterrar nossa irmã, vamos fazer uma tábua bem feita, bem bonita e vamos soltar no mar pra não enterrar ela.

Aí fizeram a tábua bem feita, bem bonita e soltaram no mar. Tinha um pescador que toda manhãzinha entrava na maré, quando viu, lá vem aquela coisa bonita, o pescador pegou, puxou pra beira da praia e foi chamar o príncipe. O príncipe pegou e levou pra casa, quando viu a moça morta ele ficou triste, pegou o caixão botou no quarto e trancou. O príncipe adoeceu de tristeza. A mãe e as irmãs perguntavam o que era, e ele não dizia nada a ninguém. Ele não andava mais, não ia pra festa, não ia pra canto nenhum, e o quarto fechado, ele não queria que ninguém mexesse no quarto. Um dia ele saiu, esqueceu a chave e as irmãs dele pegaram a chave, vão ao quarto e vêem a moça, disseram:

- Olhe porque é que fulano está tão triste.

E destamparam o caixão.

- Que moça bonita.

E verificando, disseram:

- Olha que anéis bonitos no dedo dela.

Aí tiraram o anel, ela sentou-se, tiraram o outro, não... quando tiraram o anel ela estremeceu, tiraram o outro ela sentou-se e tiraram o outro ela levantou-se. Disse:

- Ah que ela é viva!

Aí pegou e fizeram uma comidinha, deram a ela. Quando acabaram botaram os anéis no dedo dela de novo, ela morreu de novo, deixaram lá, quando o irmão chegou, elas chamaram-no e perguntaram:

- Por que é que tu estás triste assim?

Ele:

- Nada não.

Ela disse:

- Eu sei porque você está triste, é uma coisa que você tem no seu quarto, mas você pensa que é morto, mas é vivo.

- Bem que eu queria que fosse viva.

Aí disse:

- Pois vamos ver.

Aí foi com mais o irmão, tiraram os anéis do dedo dela então a moça viveceu. Aí ele ficou animado, contente. Fez uma festança bem bonita, bem boa e casou com a moça.

Rachid pergunta: *-A senhora foi pra festa dessa também? “Eu nunca perco essas festas não”.*

Dona Amara diz que acha essa história muito bonita. Rachid concorda, acredita que o homem nunca deixará de buscar o belo. Nessa perspectiva, a beleza da terra nordestina fica ainda mais encantadora se povoada por príncipes, pois, como afirma Ariano Suassuna, “é mais bonito: Era uma vez uma princesa, um príncipe, um rei, uma rainha..., você já ouviu alguém contar: Era uma vez um senador, um vereador, um deputado?!...”(Aula-Espetáculo, Recife, 22/08/2004)

Para Rachid, essa história é constituída por um mosaico de emoções; inveja, compaixão, amor, medo, ódio, espanto, que segundo Humberto Maturana (1999), nos levam a agir.

Nesse movimento, os irmãos que acolhem a jovem desamparada traduzem a generosa hospitalidade, peculiar ao nordestino. Para quem, acolher o caminhante é reafirmar aliança com Deus e os ancestrais. Ao mesmo tempo, o príncipe revela a paciência, por vezes sofrida, e o respeito do nordestino ao ritmo da natureza. Assim, o sono mortal e amaldiçoado da jovem refletiria a terra nordestina, aparentemente estéril e morta, que após o tempo de espera imposto pelos ciclos da natureza, acorda. Terra e jovem despertam prontas a acolher as sementes que perpetuarão a natureza.

Difícil não ver como metáfora desse sono o Umbuzeiro, árvore própria da caatinga, que durante o inverno parece morta, sem folhas ou frutos, mas, chegando o verão acorda. Sua copa fica cheia, enfeitada de flores diminutas, que anunciam a chegada de seus saborosos frutos.

Enquanto descansa, Dona Amara lembra que outra fonte que teve para aprender histórias foram os folhetos de cordel. *“Eu tinha um irmão que gostava muito de ler as histórias de folheto, meu pai também gostava muito de ler esses folhetos. Eu tava lá no meio, ouvia, também lia e quando achava uma bonita aprendia logo todinha. Tinha um, do soldado francês, nele o soldado descreve o evangelho todo no baralho”*.

Para surpresa geral, Dona Amara com voz firme começa a contar a história do *Soldado Francês*. Declamando. Todos como presos ao canto de uma sereia, parecíamos mergulhados numa dimensão mágica. Ela percebeu o impacto causado e com voz ainda mais decidida declamou:

“Era um soldado francês
 que se chamava Ricardo.
 Jogador de profissão ele nunca foi numa parte
 que num trouxesse no bolso o resultado da ata.
 O francês nesse tempo tinha por obrigação
 ou militar ou civil seguir a religião,
 o papa deitava a lei e botava em circulação.
 Um dia faltou o sono,
 Ricardo se pôs a pensar
 onde podia haver jogo que ele pudesse jogar.
 Era domingo e a missa não havia de faltar
 tocou a entrada o sargento veio chamar.
 Ricardo ainda pediu para ele dispensá-lo
 porém o sargento disse: - sou obrigado a mandá-lo.
 Ricardo foi para a missa com grande constrangimento
 que não podia faltar à lei do seu regimento,
 mas não podia afastar o jogo do pensamento.
 Ricardo entrou na igreja cheirando saiu fedor,
 trouxe no bolso da blusa um baralho que tirou
 e endireitando as cartas uma patota se formou.
 Mas não viu que tinha atrás dele um sargento ajoelhado
 e ele ali observou tudo quanto foi passado
 e disse depois da missa: - você está preso soldado.
 Afeiçoando a prisão e seguiu ao mesmo instante,
 e foi com o soldado preso à casa do comandante
 dizendo ter cometido um crime muito agravante.
 Eis aí meu comandante está aqui preso um soldado
 que foi ao templo aonde na missa estava lá ajoelhado
 encamaçando um baralho que traz no bolso guardado
 Respondeu o comandante: - Quem deu-te essa criação?
 Disse o soldado: - Se o senhor ouvisse a minha razão
 eu lhe daria o motivo que existe para essa ação.
 – Que motivo tem você, sabendo que é proibido,
 tu num sabes que o jogo no exército é abolido?
 Disse Ricardo: - O meu jogo muda muito de sentido
 - Muda de sentido como? Disse o soldado: - Eu direi.
 - Pois explique como é porque eu verei,
 depois da explicação te solto ou castigarei.
 Eu não posso comprar um livro pra na igreja rezar
 por isso compro um baralho e rezo nele constante
 – Mas que reza tem um baralho? Perguntou o comandante.
 Respondeu o soldado: - a toda da escritura velha, nova e assim por diante.
 Por exemplo a carta A que tem um ponto somente
 me recorda que existe um só Deus onipotente,
 quando chamamos por ele o encontramos presente.
 Quando eu pego um dos dois aí que medito eu,
 em duas tábuas de pedra o criador escreveu,
 quando foi em Sausadentre à Moisés apareceu.
 Quando eu pego nos três me recorre a divindade,
 as três pessoas divinas da santíssima trindade,
 que nós todos conhecemos: o espírito, o filho e o pai.
 As quatro me lembram as quatro Maria de Nazaré,
 que foram Maria Afra e Maria Salomé,
 Madalena e Virgem pura esposa de São José.
 Quando eu pego no cinco,
 o cinco faz me lembrar aquele dia de fé,

*as cinco chagas de cristo feita por homem cruel
 que matou e crucificou o filho de São José.
 Quando eu pego no seis vejo na imaginação,
 os seis dias que o senhor gastou na obra da criação,
 formou tudo quanto existe sem em nada por a mão.
 No sete me lembra a hora negra,
 triste amargurada, os sete passos de Cristo
 na sua paixão sagrada.
 Os oito me lembra os oito que do dilúvio escaparam,
 Noé, sua mulher, seus três filhos e três noras se salvaram,
 o resto a água cobriu onde todos se afogaram.
 Quando eu pego no nove me vem pra meditação
 os nove meses da divina encarnação
 que Jesus passou no ventre da virgem da concepção.
 Quando eu pego na jota me vem na lembrança aquela
 que toda Jerusalém enriqueceu só com ela,
 aquela que deu a luz e ficou a mesma donzela.
 Quando eu pego no rei,
 me lembro do rei da glória,
 o ente mais poderoso que já vimos na história,
 que não precisa soldado pra alcançar a vitória.
 Eis aí meu comandante a razão do seu soldado,
 não posso comprar um livro,
 meu soldo é muito mirrado,
 compro um baralho onde rezo
 pois só me custa um cruzado.
 Responde o comandante: - Em todas as cartas falasse
 esqueceste do valete, foi porque não te lembrasse?
 Não é também uma carta? Por que não representaste?
 Disse Ricardo: - O valete é uma carta ruim,
 quando compro um baralho
 pego ele dou-lhe fim,
 tem traço desse sargento
 que denunciou de mim.
 Respondeu o comandante:- Ricardo tu és passado,
 tem vinte anos de praça,
 foi tempo bem empregado,
 vou te passar a sargento
 e dou-te o soldo dobrado".*

Em vários momentos percebia-se o esforço que ela fazia para lembrar, Socorro e Conceição davam algumas pistas, e verso a verso a narrativa foi construída. Quando a última palavra saindo da sua boca se incorporou ao cosmo todos aplaudiram visivelmente emocionados.

Seus olhos brilhavam, estava orgulhosa, tinha transmitido exemplos, encantado a todos e vencido o esquecimento. Para ela o soldado não tem nada de francês, é mesmo do

jeito brasileiro, ele mostra que pela esperteza é possível conseguir as coisas e resolver os problemas sem guerras.

O Soldado Francês revela um pouco da imensa religiosidade que envolve o povo nordestino. Uma religiosidade que possui uma origem ligada principalmente ao catolicismo. São José demonstra bem essa fé e devoção, pois acreditam os sertanejos que ele tem o poder de indicar se o ano será bom ou mau para a agricultura. Entretanto, o Soldado Francês embora demonstre conhecer bem o evangelho foge da severidade do catolicismo romano, revelando o que para Maria Isaura Pereira de Queiroz¹¹ é o “catolicismo rural popular” bastante difundido entre as populações sertanejas, no qual a magia, superstições, beatos, a presença de orações fortes e de corpo fechado, se encontram presentes. Um olhar cuidadoso, durante uma novena, poderia detectar fitinhas do Senhor do Bonfim, ramos de arruda atrás da orelha, orações de corpo fechado ao lado de santinhos...

Conceição, com lágrimas nos olhos, fala que sempre ficou maravilhada com a voz da mãe declamando ou cantando histórias. Talvez reconhecendo um pedido nas palavras da filha, Dona Amara começa a cantar uma história.

A atmosfera reinante era de êxtase. A esta altura me sentia privilegiada, estava escutando um contar que muitos diziam não mais existir. Nesse instante o impacto das histórias contadas por Cheherazade sobre o sultão me pareceu real. Talvez pela primeira vez eu tenha sentido as histórias, elas tomaram meu espírito com a força de uma oração.

Entrei em ressonância com a idéia de Edgar Morin (1999), de que o devaneio e a sabedoria do outro, podem se tornar motivo de dialogia e recursividade em nossas vidas, com tudo que se constitui *sapiens demens*.

¹¹ In: D'OLIVEIRA, Max Silva. O Cangaço e a **Religiosidade de Lampião** [on line] – <http://www.cchla.ufpb.br> – página consultada em 10 de Outubro de 2004.

No contar de Dona Amara o tempo é o do mito, remete ao começo (ELIADE, 1993), não há pressa, os diálogos ricos em detalhes se desdobram preguiçosamente, as histórias parecem se construir pela primeira vez a cada momento. A desordem entre lacunas e retomadas era tão harmoniosamente assimilada pelas histórias que em nenhum momento elas ameaçaram a inteligibilidade da narrativa.

Por outro lado, a ordem, o cuidado com as palavras e a entonação, presentes na narrativa de Conceição, não conseguiram eliminar a emoção, que se fez presente em suas histórias.

Não havia clima para despedida, aquele momento estava carregado de eternidade, talvez por isso marcamos nos encontrar em Barreiros para vivermos outras histórias.

Para Rachid as histórias do seu tempo como as de hoje, expõem o bem e o mal que em tensão habitam o homem, sua liberdade e os danos provenientes da quebra de alianças. De volta à pousada sentia conhecer melhor a sociedade que visitava. Nas histórias foi apresentado a homens e mulheres carregados de uma astúcia bem humorada, mas as mulheres lhe pareceram verdadeiras guerreiras, capazes de criar rios de mel sobre a terra seca.

Para o califa, os príncipes, seus castelos e a relação entre nobres e plebeus que conheceu nessas histórias eram bem diferentes daquelas que ele conhecia com tanta intimidade. Aqui, embora os poderosos fossem ligados ao ouro, como lá, a distância entre o trono e o borralho ou o galinheiro, por vezes não ficava clara. Sem dúvidas tinha muito a conhecer e a viagem seria maravilhosa. Invasido por esses pensamentos adormeceu.

Quanto a mim, lembrei ter lido em Von Franz que muitos povos, entre eles os russos e os ciganos, terminam seus contos de fada com uma dura volta à realidade do tipo: Eles casaram e foram muito felizes, viveram felizes e ricos até o fim de suas vidas, mas nós

estamos aqui chupando o dedo e tremendo de fome. Ou, beberam muito, mas eu não consegui beber, pois o vinho caía pela minha barba.

Dona Amara não seguiu esse caminho, ao contrário, comungou com o Pensamento Complexo, não sentiu ser necessário se afastar da leveza do imaginário para dar continuidade ao real. Afirmando não perder nenhuma festa de final de história e se divertir muito em todas elas, revela um universo aberto, com vocação para a felicidade.

As Histórias de Zete e Zefinha, no Centro Social da Torre.

Rachid estava ansioso pelo encontro que teria com Karla e Rosângela, contadoras de histórias do Centro Social da Torre¹². Resolveu descansar, só acordando já muito tarde quase à hora marcada para o encontro. Apressadamente dirigiu-se ao Centro, foi recebido pela auxiliar de diretoria da instituição, que disse ser mãe de Karla, e que esta não demoraria a chegar.

Sabendo que as histórias se movimentam de geração a geração, Rachid perguntou a Dona Zete (Gisete de Lima Cabral Barroca, sessenta e três anos) se não teria sido ela a passar as histórias para a filha.



Sorrindo ela referiu que embora não tenha estudado muito sempre foi apaixonada pela palavra, desde pequena. Conta que quando criança morava na Usina Frei Caneca, município de Catende-PE (Zona da Mata Sul), cidade cercada de Usinas e canaviais, terra de mulher séria e homem cabra da peste, onde a palavra é que valia, talvez por isso tenha amado as histórias.

Zete diz que na usina não tinha energia, então à noite as histórias reuniam os mais velhos e as crianças a luz do lampião, através delas os velhos ensinavam aos jovens. Ela lembra, que o primeiro contato que teve com as histórias se deu através do seu pai e seus avós, principalmente a avó materna que gostava muito de folhetos de cordel e, sendo analfabeta, pedia que Zete lesse várias vezes o mesmo folheto, até decorar, depois contava a Zete e aos outros netos, ressaltando as lições de moral.

¹² Razão Social: Associação Cristã Feminina (Centro Social da A.C.F Torre) . Rua: Floriano Francisco de Oliveira, 96. Torre. Recife. Fundado em 1966. Educação Infantil e primeiro ano do primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

Segundo Zete essas histórias foram fundamentais para a formação de sua personalidade. Através das lições que elas transmitiam traçou sua vida, das histórias ouvidas construiu a própria história. A esta altura Karla Cabral Barroca chegou acompanhada de Rosângela Vieira da Cunha (preferiram não dizer a idade, aproximadamente trinta anos), pedindo desculpas pelo atraso. Rosângela comenta com Rachid que não se considera uma contadora de histórias, embora se utilize delas com as crianças que ensina, como via para despertar o interesse pela leitura. Para ela, sua relação com as histórias não passa pela alma, como acontece com Zete.

Karla, orientadora pedagógica do Centro, diz que talvez por ser filha de contadora, sente que as histórias fazem parte de sua vida, e gosta de contar tanto em casa para a filha, como para as crianças do Centro. Para ela, através das histórias as crianças vão ao encontro da leitura, trabalham elaboração e interpretação de forma prazerosa. São levadas a ousar e, no ensino formal que estimula o individualismo, as histórias ajudam a sair do limite do eu e buscam o outro. Às vezes todo um grupo participa da elaboração de uma história.

Rachid pede para voltar no dia seguinte, deseja conhecer melhor o Centro e ouvir Zete, pois sente que ela está transbordando de histórias.

Passou uma noite tranqüila, levantou cedinho, comeu calmamente e foi passear pelo jardim da pousada, teria que esperar até à tarde. Próximo à hora marcada encaminhou-se para o Centro Social da Torre, sabia que por detrás daquela porta havia um tesouro, contadores e suas histórias. Acalmando seu espírito fez soar a campainha. Foi recebido por Karla que o introduziu numa sala onde várias mulheres encontravam-se reunidas ao redor de uma mesa, Rachid pergunta por Zete, sendo tranqüilizado por Karla que afirma que ela não tardará a se reunir ao grupo.

Karla dirigindo o olhar a uma senhora a sua frente diz que ela (Zefinha), zeladora do Centro, é contadora de histórias, e sugere que ela conte alguma. Zefinha mostra-se surpresa, a voz treme, tira os óculos e, timidamente, diz que seu pai sim é que era um grande contador na cidade de São Caetano da Raposa. Ao redor dele adultos e crianças se reuniam para ouvir histórias, e dos grandes aos pequenos todos riam com sua contação. Quando ele morreu muitas pessoas foram ao velório, diziam ser difícil acreditar que uma pessoa daquela, com o dom de trazer alegria com suas histórias, pudesse morrer.



Diz ter cinqüenta e três anos e pouco estudo, pede para não dizer o nome completo porque acha feio, gosta apenas do Josefa, mas prefere ser chamada por Zefinha. Conta que desde nova sempre foi corajosa e, morando numa fazenda, onde o pai era empregado, recolhia o gado sozinha, mas a mãe pedia que ela não fosse tarde para a mata, por causa da *Comadre Florzinha*:

“Quando pequena, eu tinha muita coragem. Só tinha medo do papa angü. Montada no cavalo eu ia buscar o gado para botar no curral, não tinha medo de cair porque eu era corajosa, minha mãe dizia:

- Minha filha, não vá muito longe, tem que ter cuidado com a Comadre Florzinha.

Aí eu dizia:

- Mas eu nunca vi!

Aí ela dizia:

- Mas pode ver! Quando cachorro vai para o mato que ele vem chorando, gritando:

- Cain! Cain!

- Comadre Florzinha deu nos cachorros e nos cavalos também, que é cabeludo, aí ele vem cheio de trancinhas com pedacinhos de madeira enfiado, e no rabo que o cabelo é grande, ele vem com um bocão de nó que ninguém consegue desmanchar e tem que cortar o pêlo pra nascer de novo e era a dona Florzinha que fazia tudo isso. Ela (a mãe) contou que quando era solteira foi pra mata, viu dona Florzinha, uma moça cabeluda. Mãe teve muito medo e saiu correndo, os cabelos chega voavam, mas graças a Deus eu nunca vi dona Florzinha”.

A história da *Comadre Florzinha* se aproxima em alguns pontos do conto nórdico *A Cabeluda*. Nele, uma princesa que tinha a pele coberta de pelos e natureza entre humana e demoníaca, salva a bela e frágil irmã gêmea de ser morta pelos trolls. Pois, sua essência pertencendo ao mundo pagão permitiu que transitasse no universo troll.(VON FRANZ, 1990:188)

Para Rachid, o excesso de cabelos presente tanto em *Comadre Florzinha* quanto na *Cabeluda*, revela traços animais e mágicos. Essas mulheres, mergulhadas no mundo da natureza e dos espíritos seriam, como refere Georges Balandier (1997), elementos de desordem. Subverteriam a ordem prometética de dominação da natureza.

Nessa perspectiva, quando *Comadre Florzinha* castiga homens, cachorros e cavalos, pune a quebra de aliança destes seres com a natureza, seu universo original.

Rachid escutava Zefinha tão atentamente que não percebeu a chegada de Zete, que nesse momento tomava a palavra. Todos os olhares se dirigiram para ela, que com voz firme falou que *Comadre Florzinha* é coisa moderna, na sua terra a dona da mata chamava-se *Caipora*. Conta que sua avó cozinhava com lenha colhida na mata. Zete diz que sendo muito corajosa ia sem medo buscar lenha, mas a avó recomendava que tivesse cuidado com a *Caipora* e não esquecesse de levar fumo para ela, caso contrário a *Caipora* poderia fazer com que ela se perdesse, ou lhe daria uma surra. Zete diz que o fumo era colocado num oco de uma árvore, e desaparecia. Sua avó dizia que a *Caipora* era só uma menina bonita de cabelos grandes, e que se você chamar nome feio ela não gosta, faz você se perder e dá uma surra.

Através da *Caipora*, a avó ensinou todos os netos a não chamarem nomes feios, a ter respeito pela natureza e obedecerem regras. A *Caipora* estabelece normas que devem ser respeitadas. Como deusa, proíbe que o homem aja, frente aos demais seres, de forma predatória. Leva a que esse homem onipotente reflita sobre sua posição no cosmo, convidando a que sua relação com o todo seja fundamentada numa ética que englobe responsabilidade para com o planeta.

Zefinha alerta que a *Comadre Florzinha* pode ser muito perigosa:

“Tinha no interior um casal que morava numa casa de taipa, que é de madeira e barro. Ela fumava cachimbo durante o dia, e à noite enchia o cachimbo e deixava em um canto para a hora que acordasse ir lá fumar. A casa era fechada e a catinga do cachimbo era muito forte, ele não agüentava e todo dia ele dizia:

- Um dia eu vou botar pimenta nesse cachimbo! Ah, vou!

Toda manhã ela dizia:

- Ó fulano! Toda vez que eu encho o cachimbo de fumo ele desaparece. É você que tira?

Ele:

- Não.

E na cabeça dele, dizia: - Já sei quem tira esse fumo! É Comadre Florzinha!

Quando foi uma noite, ele foi lá, tirou o fumo do cachimbo, botou pimenta e deixou lá. Antes de dormir a mulher foi lá, viu que ninguém tinha mexido e foi dormir. De repente ela acordou com um monte de brasa queimando a flor dela, queimou tanto que ficou cada bolha desse tamanho, aí ela gritou:

- Ai! Fulano! Ai! Fulano!

Ela disse:

-Tá queimando a minha rosa! A minha flor!

Depois ela percebeu que quem pegava o fumo era Comadre Florzinha e quando o marido disse o que tinha feito, ela viu que era uma vingança de Comadre Florzinha que pensou que tinha sido ela quem tinha deixado a pimenta no cachimbo”.

Zete diz que nunca viu a Caipora, mas já viu o fogo corredor:

“No interior quando falta energia fica tudo escuro, mas escuro mesmo e a gente via. Nossa casa era aqui e tinha uns canaviais que tinha lá em Catende e de repente a gente via se levantar aquelas bolas de fogo que começavam a correr de um lado, correr pra outro e depois começaram a se chocar. Essa história do fogo é o seguinte, é quando dois compadres são amantes e o castigo era ficar brigando em cima do verde (do canavial) pra se purificar pelo crime que fez, pois compadre naquela época era um parente, um irmão, não podia faltar com respeito. O fogo corredor eu vi. O fogo corredor começava como uma paquera, a bola de fogo vinha, de repente se encontrava e se separava”.

Zefinha, a esta altura extremamente segura, toma a palavra, confirmando que é difícil ficar calado quando se é um falador, diz que também já viu várias vezes o fogo corredor.

“No escuro, que lá não tinha luz, subia duas tocha como se fosse duas pessoas e de repente elas se chocavam, eu já vi, é lindo e dizem que quem passar por perto deles morre, ninguém passa por lá, todo mundo tem medo, do homem mais brabo ao medroso”.

Rachid lembrou de uma história contada por um calândar, filho de rei, que ouvira na casa de sua amada Zobeida. Ele contou que em visita a um primo, descobriu que este tinha construído sob um túmulo, um luxuoso palácio, provido de mantimentos. Para onde levou, em segredo, a própria irmã, para viverem como esposos. O desespero do pai, pelo desaparecimento dos filhos, fez com que o sobrinho revelasse o esconderijo dos amantes. Chegando lá, no aposento preparado para as núpcias, encontraram os corpos incinerados, por ordem dos deuses.(GALLAND, Vol. I, 2001: 128)

Essas histórias alertam para o perigo de um rompimento da teia social, que têm na proibição do incesto, segundo Lévi-Strauss (1996), um de seus fios fundantes. O incesto seria o ponto no qual o homem recusaria a dádiva, recebida dos deuses, de ser superior a todos os outros animais, um *ser cultural*, para se aproximar da natureza. Por conseguinte seria necessário o castigo. O fogo seria o grande juiz. Foi ele o Dom entregue por Prometeu, um dos titãs (uma raça gigantesca que habitou a terra antes do homem), ao homem que assegurou sua superioridade sobre todos os outros seres. O fogo lhe forneceu o meio de construir as armas com que subjuguou os animais e as ferramentas com que cultivou a terra (BRUNEL, 1998). Seria, então, ardendo em suas chamas que os incestuosos seriam punidos, purificados, levados de volta à natureza. A partir daí se estabeleceria um novo equilíbrio.

Relações incestuosas, para Rachid, se restringiam aquelas entre irmãos, pais e filhos. Zete diz que nas grandes cidades, com o desenvolvimento e a queda da moral, o pecado se restringe as relações entre esses elementos. Mas, nas cidades pequenas do interior compadres fazem parte desse núcleo, porque aceitaram o laço de parentesco diante de Deus.

Zete diz ter orgulho de ter ouvido e vivido tantas histórias, para ela quem abandona as histórias que ouviu vai só absorvendo a personalidade dos outros e agindo como os outros querem. Ela acredita que seu pai sabia da importância das histórias para a formação dos filhos, pois além dele próprio contar, convidava senhor Ricardo, um preto velho, para contar histórias, principalmente na Semana Santa. Ele contava as da bíblia, mas contava também sobre os negros que tinham trabalhado como escravos naqueles canaviais.

Pois, reconhecer o passado é igualmente reapropriar-se dele e aplicá-lo em um novo contexto, o que implica criação. Segundo Gadamer (1997) a experiência se desenrola

através de uma dialética entre reconhecimento e estranhamento ou descoberta, assim, histórias herdadas de um passado compartilhado são atualizadas em direção de um porvir.

Karla reconhece que as histórias contadas pela mãe povoam sua imaginação, sente que compartilhando-as com as crianças do Centro oferece mais um caminho para que vejam as verdades da vida, assim elas tornam-se mais livres para criar e aprender. Karla pede que a mãe conte a *história da mulher com a trouxa na cabeça*.

“Meu pai nunca mentia, ele era muito corajoso (diz Zete). Quando os empregados contavam ter visto a mulher da trouxa ele não acreditava. Um dia ele foi descansar, quando acordou sentiu que uma pessoa estava perto, uma mulher com uma trouxa bem grande, aí ele disse:

- O que é que você está fazendo aqui?

- Tô pra botar em você isso aqui!

E jogou a trouxa e ele saiu correndo.”

Para Zete, quando alguém conta alguma coisa nunca se deve dizer que é mentira, porque acontece muita coisa fora dos livros. Não se pode querer saber intelectualmente tudo que ocorre nem definir e categorizar todos os acontecimentos. As estratégias clássicas de apreensão do real não são suficientes. Como sugere Lévi-Strauss (1997) a verdade está no mito; e não na história portanto, o que se vê a luz da razão é a ponta de um iceberg, convidando a explorar verdades mais profundas. (ATLAN, 2000)

A contação movimentava-se entre Zete e Zefinha, quando uma jovem senhora diretora de um colégio do bairro, que atentamente ouvia as histórias pediu para contar uma. Todos voltaram o olhar para ela. Rachid percebeu em seu olhar uma dor de raízes profundas.

Com voz trêmula ela contou que nunca morou com a mãe, sempre foi criada por outra pessoa, nunca teve amor maternal. Vindo morar em Recife, o avô assumiu sua educação. Quando já estava moça a mãe foi acometida de um câncer, e veio se tratar ao lado dela, na casa do avô. O câncer estava num estágio que não tinha mais cura. A mãe passou a culpar a filha, dizendo que ela não forçava os médicos a encontrar a cura por vingança, não mudando de idéia até morrer. Isso foi um horror na sua vida, sonhava sendo enforcada pela mãe, até quando engravidou da primeira filha. Nessa época sonhou com uma mulher toda de branco, que dizia para ela não se preocupar porque já tinha sofrido demais. A partir desse dia nunca mais sonhou com a mãe.

Quando terminou todos estavam visivelmente emocionados. Ela disse ter guardado de todos, por mais de vinte anos, aquela história tão pesada. Aquela tarde de contação, em que uma história chamava outra, conseguiu arrancar de dentro dela essa história tão sofrida. Sentia-se agora muito mais leve. Lembrei de Clarissa Pinkola Estés (1998), para quem as histórias são verdadeiro remédio para a alma.

Retomando a palavra, Zete lembra que o senhor Ricardo dizia que quando *a mulher de branco* aparece para uma pessoa é para anunciar algo bom, ou na maioria das vezes para preparar para alguma coisa ruim. Zete diz que sempre que vai acontecer uma coisa difícil em sua vida *a mulher de branco* aparece. Zefinha afirma ter visto várias vezes *a mulher de branco*. As histórias “situadas para além da distinção do verdadeiro e do falso, impregnadas da presença do misterioso e do sagrado”,¹³ “afastariam o homem de uma posição central, despertando-o não só para o outro mas igualmente para a alteridade trans-humana.”¹⁴ Já o contador, como sugere Friedrich Nietzsche (2004: 114), torna-se visionário daquilo que há de vir, nesse sentido, é um vidente, um voluntário, um criador, uma ponte para o futuro.

Zefinha diz que vai contar a história do lobisomem:

“O lobisomem é o filho que é amaldiçoado pelo pai e pela mãe. Quando da meia noite ele vira jegue. Toda noite a mãe via o filho sair, ela deixava a porta aberta e ele saía, aí disseram a ela que ele estava virando lobisomem, e ela não acreditou, mas um dia chegou uma vizinha:

- Fulana! Você sabe que seu filho vira lobisomem?

Aí ela:

- Já me disseram, mas eu não acredito.

- Mas eu tenho um remédio, preste atenção que eu vou lhe ensinar: pegue uma roupa e siga ele e preste atenção no que ele faz.

E ela quando viu ele se preparando, já deixou a roupa preparada e quando ele passou da porta, ela pegou a roupa e foi atrás dele. A vizinha tinha dito que quando ele virasse lobisomem e corresse, a mãe colocasse a roupa pelo avesso, e deixasse num lugar porque ele vai tirar a roupa e vai correr sem roupa. Pegue essa roupa que ele tira, bote num pilão e dê sete batidas, sendo que ela foi tão ansiosa que não levou roupa pra deixar lá. Quando ela chegou em casa que botou a roupa no pilão e começou a pisar ela ouviu um baque na porta:

- Bei, bei.

¹³ SILVA, A. Malheiro; SIRONNEAU. J. Imaginário e História. In ARAÚJO, A. F. e BAPTISTA, F.P. **Variações Sobre o Imaginário**. 2003. P.154

¹⁴ GARAGALZA, L. A Hermenêutica Filosófica e a Linguagem Simbólica. In ARAÚJO, A. F. e BAPTISTA, F.P. **Variações Sobre o Imaginário**. 2003. P.98

E sumiu, aí ela lembrou que não tinha levado a roupa, aí ela foi pra mata e quando chegou lá estava ele morto, um pedaço burro e um pedaço gente”.

Rachid sorri levemente, nunca ouvira falar de um lobisomem jegue. Talvez não houvesse essa estranheza se ele conhecesse o Nordeste onde homem e jegue muitas vezes são parceiros. “O jegue foi, durante séculos, o animal de estimação oficial das famílias do sertão. Era o amigo, o companheiro de trabalho, o meio de transporte capaz de buscar água no riacho próximo e voltar sozinho.”¹⁵ Essa fraternidade entre nordestino e jegue revela-se com especial beleza através da música *O Jumento, Nosso Irmão*.¹⁶

*É verdade meu senhor,
essa história do sertão.
Padre Vieira falou
que o jumento é nosso irmão.
(...) Até para anunciar hora,
seu relincho tem valor.
Sertanejo fica alerta,
o grandão nunca falhou.
(...) Agora, meu patriota,
em nome do meu sertão,
acompanhe o seu vigário,
nessa eterna gratidão.
Receba nossa homenagem.
O jumento é nosso irmão.*

Em seguida, Rosângela que permanecia calada, pede a Zete que conte a história do Papa-Figo. Ela conta que:

“Em determinada época do ano o Papa-Figo aparece, diz que existe uma doença que deixa o homem todo inchado e ele só melhora quando come fígado de criança que tenha no máximo dez anos. Conta que quando veio para Recife ficou sabendo que tinha um dos membros de uma família tradicional da cidade tinha essa doença, falavam que sendo rico mandava pegar fígado de crianças, porque só quando comia melhorava”.

Zefinha interrompe e diz ser por isso que a casa desta família vive fechada, o Papa-Figo pode ainda está lá. Lembrei que a referida casa, uma das mais belas e bem preservadas

¹⁵ LIMA, Márcio. **Revista Época**. 26 de Agosto de 2002.

¹⁶ Música de Luiz Gonzaga e José Clementino. BMG MUS. PUB. BRASIL/ADDAF. 61782904. CD – Luiz Gonzaga O Sanfoneiro do Povo de Deus.

da cidade, faz parte do meu trajeto diário, recordo que diante de sua beleza, austeridade e de suas portas sempre fechadas já imaginei mocinhas com vestidos brocados descendo as escadarias, mas agora passo a imaginar ser habitada também por papa-figos.

Impossível não pensar em Marilena Chauí (2000) e seu alerta quanto ao poder da elite sufocando as classes menos favorecidas. A história se revela metáfora de uma situação na qual uma classe se alimenta parasitadamente da outra. A história, com nome e sobrenome, demonstra que os menos favorecidos não estão ingenuamente inertes frente à realidade que ameaça devorá-los. Pois, como sugere Ricardo Piglia (2004), um conto sempre narra duas histórias, uma aparente e outra secreta, como se fossem uma só e, pelo calor da narração, o contador permite ao ouvinte ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta. O que lhe incendeia a imaginação, levando-o a perceber que o poder só existe na dependência do outro, e a apostar na própria força, pois fica em aberto a possibilidade de faltar figado para os *papa-figos*.

Retomando o fio da meada, Zete diz que vai contar uma história engraçada, que seu pai presenciou:

“No interior as pessoas vêm dos sítios pra batizar as crianças. Antigamente as mulheres não usavam calcinha, usavam combinação, mas não usavam calcinha e pra passar pra ir pro colégio e pra igreja, tem o rio Pirangi e tem o rio Fevedor, quem vêm de Vaso Velho, de Caixa d'água e de Barragem, tem que passar pelo Fevedor e antigamente, os meninos se batizavam novinho porque diziam que se morresse pagão não ia pro céu. Aí compravam aqueles enxoval que o reideiro levava pra usina, pra feira, ia lá toda semana, levava aquelas coisa cheia de fita, aquela touca e lá vem aquela senhora com um menino no braço atravessando o rio e a roupa aqui (apontava pra cima da bunda) e o bundão de fora. A ordem era assim: a madrinha vinha com o menino, a mãe e o pai. Era a madrinha de consagrar, madrinha de velar, madrinha de apresentar e o padrinho e o resto da família também ia pro batizado e como o sol era quente, todos de sombrinha e o pessoal todo que vinha pra subir pra igreja passava na porta da casa da minha avó e o pessoal ia e ficava do lado de fora e lá vai a mulher e a roupa aqui (e apontava pra cima da bunda), na frente tudo bem e o pessoal olhava e ficava, olhava e ficava. Papai disse, vocês sabem que quando a pessoa ocupa uma posiçãozinha como delegado, juiz, é tudo, papai viu a mulher passar e disse:

- Oxente! Ela está com a bunda do lado de fora!

- Oxente! Que pouca vergonha! Eu vou lá.

Aí papai foi e disse:

- Ó meu amigo, que negócio é esse? Você não está vendo a sua mulher com a bunda de fora?!

Ele disse:

- Eu estou.

- Mas mulher, o que é isso?

Ela

- Vixe Maria, por que é que você não me disse?

Ele disse:

- Eu pensei que era uma promessa”.

O pudor para com o corpo feminino fica explícito. Quando se fala na presença das mulheres na história da Zona da Mata pernambucana, não se pode omitir o papel social e cultural da figura da “boa ama negra (ama-de-leite) que, nos tempos patriarcais, criava o menino branco dando-lhe de mamar, lhe embalava a rede ou o berço, ensinava as primeiras palavras, o primeiro padre-nosso, a primeira ave-maria, o primeiro vôte! ou oxente. Elas transmitiam também as histórias portuguesas que eram adaptadas às condições regionais e ligadas às crenças africanas e dos índios. Essas mulheres viviam no âmbito do Brasil patriarcal em meio ao ambiente voluptuoso das casas-grandes, repletas de crias, negrinhas, molecas, mucamas, sendo obrigadas pelos senhores de engenho a conviver num ambiente de depravação sexual”. (Freyre, 1997: 319). De fato:

(...) Depois do almoço ou do jantar era na rede

Que eles faziam longamente o quilo

Arrotando, palitando os dentes

Fumando charutos,

Peidando

Deixando-se abanar, agradar e catar piolho pelas mulequinhas (...)¹⁷.

Dessa forma, muitas dessas mulheres eram forçadas a se entregar sexualmente aos patrões, a seus filhos ou aos capatazes e, quando apresentavam qualquer sinal de resistência, eram barbaramente castigadas¹⁸. Teriam, então, suas herdeiras, “impressas nas suas subjetividades as marcas de uma espécie de vergonha do próprio corpo, uma vergonha de

¹⁷ FREYRE, G. **Poesia Reunida**. Recife, 1980. p. 22.

¹⁸ SILVA, Maurício Roberto da. Recortando e Colando as Imagens da Vida Cotidiana do Trabalho e da Cultura das Meninas Mulheres e das Mulheres Meninas da Zona da Mata Canavieira Pernambucana. [on line]
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622002000100003 .(página consultada em 02 de setembro de 2004)

classe social”.¹⁹ O que seria força impulsora a que se protegessem à sombra de um forte pudor com o corpo. A tarde já cedera lugar à noite quando Zete, em tom solene, conta que da mesma forma que recebeu como presente *a mulher de branco*, quando pequena, de senhor Ricardo, também vai nos presentear com ela. Minha sensação era de que um ritual maravilhoso aproximava-se do encerramento com uma espécie de batismo. Com gravidade ela diz; “*a cada um de vocês eu dou a mulher de branco. E não adianta recusar, ela já está do lado de cada um*”. Rachid e Zefinha, não se mostraram surpresos. Zefinha disse já ter a mulher de branco, enquanto para Rachid, ela seria mais uma presença mágica, entre tantas com as quais convivía. Quanto a mim, tive como movimento inicial recusar o presente, talvez pela influência do meu pensamento predominantemente domesticado. No entanto, ela já estava do meu lado, como uma realidade inquietante difícil de ser explicada.

¹⁹KOFFES, Sueli. "E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala". In: BRUHNS, Heloisa (Org.). **Conversando sobre o corpo**. São Paulo: Papyrus, 1989. p. 46

As Histórias de Isabel, em Brasília Teimosa.

Havia tempo que Rachid, andando pelas ruas, sentia falta de crianças brincando pelas calçadas. Não via, nas praças, contadores narrando com pessoas ao redor.

Lembrou da fala de Conceição Ferreira, filha de Dona Amara, para quem, a violência atual, as mães trabalharem fora e a televisão seriam algumas das forças que mantinham as crianças presas em suas casas. Rachid olhava essa situação com certa estranheza. Caso seu reino estivesse ameaçado por tamanha violência e falta de tempo ele, como califa, convidaria contadores de histórias para encher as praças. Pois intérpretes da memória coletiva, eles iluminariam o caminho para a ética da solidariedade, o que levaria a exaltação do amor e da paz. Amor que segundo Humberto Maturana (1999) funda o social, propicia a real comunicação entre as pessoas.

Despertou desses pensamentos pelo toque do telefone, confirmando, para aquela tarde, seu encontro com Ilma e Maria, no CEPOMA (Centro de Educação Popular Marilda Araújo). Foi informado que o Centro localiza-se na cidade do Recife, em Brasília Teimosa, bairro pobre da cidade. Este teve sua origem em função da pesca, uma vez que se encontra entre rio e mar. Mas problemas ecológicos acabaram por inviabilizar sua vocação pesqueira.

Chegando lá, foi recebido por Ilma e Maria, diretoras e educadoras do Centro, que afirmaram ser objetivo do CEPOMA trabalhar conhecimento e cidadania fazendo as disciplinas oficiais dialogarem com histórias, músicas e danças regionais. Sendo o maracatu infantil, uma de suas atividades, motivo de orgulho para o bairro.

Elas apresentaram Isabel Cristina dos Santos, trinta e seis anos, contadora de histórias e professora dos pequenos, a Rachid. Bel, como prefere ser chamada, diz que

sempre morou naquele bairro, refere que o fato de ser negra de família pobre favoreceu que, desde nova, se atirasse com coragem na vida, o que a levou a viver muitas histórias.



Diz que gostava de criar histórias misturando as aventuras vividas com outras que imaginava, para, em seguida, contar aos irmãos e amigos. Entrando em consonância com Walter Benjamin (1994: 201) que diz ser “a experiência que passa de pessoa a pessoa a fonte a que recorre todos os narradores, o narrador retira da experiência o que ele conta, sua própria experiência ou a relatada pelos outros, e incorpora as coisas narradas a experiência de seus ouvintes”.

Bel acredita ter recebido de Deus esse dom de contar. Lembra que concluiu o magistério com muito sacrifício, começando a trabalhar logo em seguida; há quinze anos ensina, sempre apostando na força transformadora das histórias. Para ela o conhecimento resultante da união entre as histórias e o ensino formal é mais humanizado, fortalece o indivíduo em conexão com o grupo e o meio ambiente, o que comunga com a idéia de Aparecida Nogueira (2001: 124) de que “a arte pode ser guia para uma reunificação entre o sensível e o inteligível, a poesia e a prosa, a ciência e o mito. Ela pode religar os fragmentos do real e contribuir para o reajuntamento entre o sujeito e o objeto”.

Pegando alguns desenhos feitos pelas crianças, que retratavam *Comadre Florzinha*, Bel diz que essa história havia sido contada na semana anterior, quando professores e alunos saíram pelas ruas do bairro, até o mangue, observando como aquele ambiente estava sendo tratado. Afirma que os alunos se colocaram ao lado da *Comadre Florzinha* na defesa da natureza. Através da história refletiram sobre a relação que eles e seus familiares estavam tendo com o meio. A voz que narrou a história convidou aquelas crianças a lutar contra o

conformismo, a acreditar que mudando algumas atitudes egoístas construiriam uma comunidade melhor.

Bel diz que ficou feliz quando a mãe de uma das crianças lhe contou que tendo jogado na rua uma embalagem vazia foi repreendida pela filha, que colocando a embalagem no lixo explicou que, agredida, a natureza responde. Aquela embalagem seria levada pelo vento até o bueiro, entupiria o esgoto e quando chovesse ou a maré subisse as ruas seriam alagadas, e entraria água suja em sua casa. A mãe disse que orgulhosa, perguntou onde a filha tinha aprendido tudo aquilo, tendo como resposta ter aprendido com as histórias da tia Bel.

Para Bel, este tipo de resposta ao seu contar é muito gratificante. *“É muito bom saber que estou abrindo a cabeça do povo, ajudando a ampliar seus horizontes. Me faz querer arranjar tempo para contar também aos meninos da minha rua”*. Ela admite que talvez por saber da importância das suas histórias para aquelas crianças, tenha aceitado convite para participar de um curso de contação de histórias oferecido pelo Centro Cultural Luiz Freire, com duração de um ano.

Refere que o intercâmbio de experiências com os demais contadores foi enriquecedor, diz que seu contar foi muito elogiado.

A noite já havia estendido seu tapete de estrelas sobre o céu quando Rachid e Bel se despediram, marcando um novo encontro, dessa vez com a presença das crianças.

No dia marcado, Rachid chega cedo ao Centro, sendo recebido por Bel, que o apresenta a seus alunos, aproximadamente quinze. Todos na faixa de cinco a seis anos de idade. As crianças recebem-no com entusiasmo.

Bel diz aos pequenos que Rachid, como eles, gosta muito de ouvir histórias. Sentindo a calorosa acolhida Rachid pergunta se eles poderiam ajudá-lo a encontrar um bom contador de histórias; ao som de gargalhadas o sim é acompanhado por dedinhos

apontando em direção à professora. Todos sentam ao redor dela, que pergunta se preferem uma história “*contada ou lida*”. Em coro pediram que fosse *contada*. Um dos meninos sugere a

História de Maurinho:

Maurinho morava numa casa fora da cidade, perto tinha o rio. Ele nadava e brincava no rio. Tinha uma árvore que ficava olhando pro rio porque era como se fosse um espelho. A vaca, o cavalo, todos os animais bebiam a água daquele rio, que era bem limpinho. Ai a mãe de Maurinho disse:

- Maurinho ! ó Maurinho ! Venha cá Maurinho!

Aí ele:

- Senhora?

- Pegue aí esse lixo cave um buraco, e bote o lixo dentro.

Aí Maurinho disse:

- Oxe! Pôxa que preguiça, eu não vou não.

Pegou o lixo e jogou no rio. No outro dia a mãe de Maurinho:

- Maurinho!

- Senhora mainha?

- Venha cá. Pegue esse lixo, faça outro buraco e bote o lixo dentro.

- De novo! De novo! De novo!

Estava com muita preguiça, muita, muita, muita preguiça mesmo, botou lá no rio. Todo dia ele fazia isso, todo dia, todo dia, quando ele viu, o rio estava todo poluído, muito cheio de lixo. Os animais não bebiam mais água lá. O peixe saiu com uma máscara no rosto. Ai ele disse assim:

- Maurinho! Maurinho!

Aí ele:

- Oxe! Quem é que está falando comigo?

- Maurinho! Maurinho!

- Oxe! Quem é que está falando comigo?

- Aqui!

Aí quando ele olhou viu o peixe, assustado disse:

- Diga

- Maurinho, aqui é o meu lugar, é o lugar onde eu moro, onde os animais bebem água, é onde você nada, você não pode jogar lixo aqui, se não vai acabar com a natureza, eu vou morrer e os animais vão morrer também, sem água para beber.

Maurinho ficou com pena. Saiu tirando o lixo do rio e enterrou o lixo. O rio ficou bem limpinho, os animais começaram a tomar água do rio, e Maurinho voltou a nadar de novo lá.

Entre tantas opções, a escolha de uma história voltada a rio, peixes e problemas ecológicos pareceu, a Rachid, em ressonância com Balandier (1999), um apelo à memória coletiva através da qual aqueles pequenos buscavam se identificar, se situar em um universo no qual as condições objetivas se tornaram críticas. Tal memória jogando com o passado resiste ao trabalho de desconstrução que a sobremodernidade impõe. Permite que as crianças busquem o avesso, olhando para além do que a ordem oficial lhes dá a ver.

Esse jogo do passado com o presente fez lembrar um bonito costume comum entre os aborígenes australianos:

“Quando o arroz não está crescendo bem, as mulheres vão para os campos de arroz, ficam de cócoras e contam para o arrozal o mito da origem do arroz. Então o arroz fica sabendo porque ele está lá e se põe a crescer”.(FRANZ, 1990: 74 - 75)

Assim, o passado evocado pelas contadoras, seja para o arroz ou para as crianças, faz com que se sintam parte de um destino compartilhado, livres para consolidar novos começos.



Bel pergunta, aos alunos, o que acharam da história. Em várias vozes dizem que gostaram, e aprenderam que não se deve poluir os rios e o mar, pois se as águas não forem cuidadas os peixes vão morrer, vai faltar água para beber, tomar banho... Afirmam, que depende do esforço de cada um transformar o bairro em um lugar mais bonito. Breno, seis anos, diz que aprendeu a história e gostaria de contar:

“Era uma vez, perto da casa de Maurinho tinha um rio que Maurinho nadava e a água era brilhante. Aí a mãe de Maurinho mandou enterrar um buraco pra botar lixo. Maurinho estava com preguiça e jogou no rio. Aí o rio ficou alagado. Quando foi outro dia, já estava cheio de lixo. O peixe falou pra Maurinho: - Maurinho, não faça isso. Onde os animais vão beber? Onde eu vou morar? Aí Maurinho, tirou o lixo e botou e enterrou num buraco.

Bel diz que fica feliz ao vê-los contar as histórias ouvidas. Assegura que, mesmo os alunos mais dispersos, conseguem se manter concentrados durante as histórias.

Toca o sinal para o lanche, cuzcuz com leite. As crianças convidam Rachid para lanche com eles e a tia. Durante o intervalo Bel diz que muitas daquelas crianças vêm de famílias desestruturadas, algumas têm naquele lanche a base da alimentação. Rachid admite

que nesse contexto uma aprendizagem baseada apenas em disciplinas formais não encontra alicerce sobre o qual se erguer. Como sugere Aparecida Nogueira (2001: 124), “as imagens sérias, duras, mecânicas e sombrias da razão requerem também o sobressalto, o sonho e a embriaguez da paixão”.

Em algazarra as crianças retornam. Sentando-se ao redor de Bel pedem que conte agora uma história de sua vida. Um dos meninos percebe uma cicatriz no pescoço dela, pede então que conte a história da cicatriz, todos concordam:

“Um dia eu estava em casa, estava com a garganta doendo. Aí fui para o médico, chegando lá o médico disse:

- A senhora dona Isabel, vai procurar o cirurgião de cabeça e pescoço.

Aí eu:

- Meu Deus, o que é que eu tenho meu Jesus?

Fui para o hospital Oswaldo Cruz, chegando lá um médico bem grande, bem gordo e com a mão enorme pegou no meu pescoço e eu:

- Cá ,Cá, Cá, Cá,Cá.

Comecei a sorrir.

- Não ache graça não Isabel porque é sério.

Aí ele disse:

- Olhe, você vai fazer um exame para saber se você está com um dodói no pescoço ou não.

Eu disse:

- Está certo.

Aí fui fazer o exame. O médico pegou num negócio aqui, olhou, viu que eu estava com um caroço dentro do pescoço. Fiz um bocado de exame. Aí chegou o dia de me internar. Quando eu cheguei lá.

(uma aluna interrompe: internar é passar uns dias lá, é?)

É. Quando cheguei lá, me deitei lá numa cama, aí minha mãe foi embora, eu fiquei sozinha, porque não pode ficar acompanhante. Chorei muito, tanto que uma moça chegou junto de mim dizendo:

- Chore não.

Outra que estava operada da perna me chamou, porque não podia andar, pediu pra eu ir junto da cama dela, me deu um abraço, um cheiro e disse que eu não chorasse que eu ia ficar boa. Aí a enfermeira chegou pra mim e disse:

- Olhe Isabel, não pode tomar nem água.

- Puxa!

- Porque no outro dia de manhã vai ter que operar.

Aí eu:

- Está certo.

Aí quando chegou no outro dia de manhã, um rapaz disse:

- Tire tudo, tire a roupa todinha, brinco, anel. Se tiver dentadura tire.

Eu digo:

- Oh meu Deus do Céu

Eu botei pra chorar, comecei a chorar, chorar, chorar porque eu estava com medo, sozinha ali. Eles me deram uma roupa e até a calcinha eu tirei. Vesti-me com uma bata, me deram uma toquinha e um sapatinho. O enfermeiro veio com a cadeira de rodas. Quem já viu uma cadeira de rodas?

(Todos responderam afirmativamente)

Aí me levaram na cadeira de rodas, e eu chorando com medo. Quando cheguei lá na sala, do tamanho dessa, bem grande, com um bocado de coisa, eu fiquei assim, olhando toda assustada.

- Deite aqui Isabel

Aí eu me deitei, pegaram, botaram uma coisa no meu dedo, um bocado de fio aqui, e eu deitada lá, deitada assim, com a mão assim.

(uma aluna interrompe: - Feito Penélope, que a senhora falou?)

É, feito Penélope que eu falei. Penélope agora está com Jesus, agora é um anjo de Deus. Aí eu deitada lá na cama com um negócio aqui no dedo e aqui também, um bocado de fio aqui, um negócio no meu nariz. O médico chegou junto de mim, alisou meu rosto e disse:

- Olhe Isabel, fique calma porque quem vai lhe operar é Deus, não sou eu.

E eu deitada. Deu uma agonia, uma vontade de me levantar, peguei os fios que estavam aqui, ia puxar e a enfermeira junto com dois enfermeiros bem grandes e fortes, seguraram no meu braço e nas minhas pernas. Colocaram um negócio, no meu nariz, era oxigênio. Aí meus olhos fecharam, e não vi mais nada, peguei no sono, quando fui ver, isso meu estava cortado. Quando abri os olhos a menina olhou assim pra mim:

- Isabel! Isabel!

E eu sem saber onde eu estava. Abri os olhos.

- Isabel!

E eu:

- Oi.

Não conseguia falar.

- Não fale não, faça assim com a mão.

Aí me levaram para o quarto. Eu deitada, não podia levantar, pra fazer xixi, não podia beber água, não podia comer e eu chorei tanto, e a lágrima descendo e eu deitada lá. Minha mãe foi me visitar, pegou a colher e me deu comida na boca, fiquei igual a um bebê. Eu queria fazer xixi, mas não podia me levantar, a moça que estava lá foi que me ajudou. Aí quando cheguei em casa minha mãe me dava banho e passava minha comida no liquidificador.

É por isso que eu tenho essa cicatriz”.

Após a narrativa as crianças perguntaram sobre a morte de Penélope, uma garotinha do Centro que morrera dois dias atrás, acometida de meningite. Queriam saber os detalhes, acabam sabendo que a menina foi levada a vários hospitais, até conseguir internamento. Tendo recebido alta sem o tratamento adequado, foi levada a outro hospital, já em quadro irreversível. Em alvoroço, perguntam pelo enterro, como era o caixão, onde foi enterrada...Uma a uma as perguntas foram respondidas, deixando a criançada mais tranqüila.

A história da cirurgia de Bel permitiu aqueles meninos, como sugere Morin (2001: 26), “olhar de frente, em situação estética, o próprio terror, o horror da morte, (...) o sofrimento dos traídos, desprezados, humilhados”.

Passava do meio-dia quando Rachid e Bel se despediram. Com um enorme sorriso ela disse que aquelas portas estariam sempre abertas para ele, que lamentou ter que ir. Bel tinha uma consulta marcada em um hospital público, caso perdesse teria que esperar meses por outra vaga. Abraçaram-se e saíram. Ela em direção ao centro da cidade, ele a caminho do mar.

Rachid estava tenso, sempre tinha olhado a infância como recreio da vida, mas para aquelas crianças o jardim da infância tinha que ser plantado por elas mesmas. A brisa do mar trouxe o sorriso de Bel, talvez lembrando ao amigo, que ela não desistiria de ser jardineira daquele jardim. Pensei que Bel poderia falar pela boca de *Zaratustra* “como adivinho de enigmas e como redentor de azar, ensinei-os a serem criadores do futuro. Salvar o passado no homem e transformar tudo o que foi até a vontade de dizer: Mas eu queria que fosse assim! o hei de querer”. (NIETZSCHE, 2004: 154)

Acalmando a tormenta que invadia sua alma, Rachid resolveu desfrutar daquela brisa sob a proteção de uma palhoça, pediu uma cerveja e deixou-se impregnar de mar e céu. Após algum tempo escutou vozes de dois pescadores, que bebendo lembravam saudosos das histórias contadas por um amigo que há muito não viam. Dirigindo-se aos pescadores, Rachid disse gostar de histórias. Perguntou onde poderia encontrar essa pessoa de quem falavam. Um pouco surpresos disseram que Neco era o nome do amigo, mas pescador aposentado ele morava atualmente na praia de Pontas de Pedras, município de Goiana-PE (Zona da Mata Norte. Economia voltada à cana-de-açúcar.). Rachid voltou à pousada sabendo onde escutaria as próximas histórias.

As Histórias do Pescador Neco, em Goiana.

Rachid chega em Pontas de Pedras ainda iluminado pelos últimos raios do sol. O verde da vegetação e o azul do céu abrem espaço para o mar. Essa explosão de natureza lhe “sugere um mundo recém-criado. Virgem de homens, um paraíso”. (VARGAS LLOSA, 1988: 66)

Procurou pisar devagar naquela areia morna. Temia que um gesto mais brusco quebrasse a harmonia daquele universo. Aproximando-se de dois pescadores que acabavam de atracar o barco perguntou se sabiam onde encontrar o Sr. Neco. Os pescadores levaram Rachid a um bar, próximo a igreja matriz. Chegando lá apresentaram-no ao Sr. Neco que – de estatura baixa, moreno, pele queimada do sol, cabelos grisalhos e olhar brilhante – não demonstrou surpresa quando Rachid diz ter vindo de longe para escutar suas histórias. Com gravidade diz que todo mundo quer saber histórias de pescador porque lá dentro do mar só o pescador tem coragem de ir. Na realidade, o pescador incorpora os dois grupos que para Benjamin (1994) torna a figura do narrador plenamente tangível. Tanto é aquele que sem sair do seu país conhece suas histórias e tradições, como é o viajante que tem muito que contar. Nessa perspectiva o pescador indo aonde os outros não vão, lhes traz a conhecer outras belezas, outros temores.

Sr. Neco convida Rachid para conversarem na beira da praia, melhor lugar para ouvir histórias de pescador. Diz se chamar Manuel Carneiro da Silva, setenta e três anos. Pescador aposentado pescava de Pernambuco até o Ceará. Com orgulho afirma que embora tenha pouca leitura tem o diploma de pescador. Para ele *“a leitura é muito importante, mas as histórias dão a teoria, trazem os ensinamentos dos antigos, e o mar dá a prática”*. Com um brilho

maroto no olhar, diz: *“tem muito doutor formado que não sabe o que eu sei, e eu digo porque; a maioria desses doutores não sabe ler os planetas, se eu deixá-los na jangada, lá dentro do mar, eles não conseguem voltar”*. Para Morin (1999: 48), *“o mundo ocidental inventou um modelo prometêico de dominação, de conquista da natureza, que afasta qualquer idéia de sabedoria”*.



Segundo Sr. Neco, para ser pescador, principalmente jangadeiro, tem que se ter muita coragem, fé e sabedoria, pois ele entra no mar com o poder de Deus, a força do vento e a orientação dos planetas. Afirma que pescador de barco moderno não tem tanta coragem, uma vez que conta com a ajuda de muitos equipamentos.

Conta que sua jangada normalmente era acompanhada por tubarões e peixes de todos os tamanhos, mas também já foi acompanhado por baleias da barriga branca: *“já tive que enfrentar, à noite, raios e trovões sem poder abrir a vela e sair, porque os planetas que mostram o caminho desapareciam no céu e o cara tem que ficar esperando sem emoção, nunca tive medo”*.

“A gente quando está lá dentro do mar, mesmo de dia, escuta muitas vozes. A gente escuta grito, olha pra trás não vê ninguém, olha pro lado não vê ninguém. Uns dizem que pode ser impressão, outros dizem que é gemido e grito de pessoas que morreram no mar, outros dizem que pode ser o vento gemendo ou a onda do mar. Mas pra mim é o mar que geme, porque o mar é vivo. Então nunca me arrepiei com os gritos ou gemidos, não tenho medo”.

Rachid percebe, através da história que acabara de ouvir, que Sr. Neco não adequou suas percepções predominantemente às exigências do pensamento domesticado. Com isso, acredita no que escuta, sem a necessidade de submeter seus sentidos ao crivo da razão. Para ele a verdade é uma experiência, não um molde em que se adequar.

Sr. Neco ressalta que o pescador sabendo que a natureza é viva presta mais atenção aos seus sinais, procura escutar, ver e se orientar melhor que as outras pessoas. Acredita que *“tudo que tem na terra tem no mar, na terra tem serpente no mar tem a Moréia, na terra tem barata e aranha, no mar também tem, na terra tem cavernas no mar também. Posso medir a quantidade de água que tem num lugar jogando a linha. Aí sei se tem caverna, areia...”* As palavras dele entraram em sintonia com Lévi-Strauss (1970: 28,29), para quem “um saber tão sistematicamente desenvolvido não pode estar em função de simples utilidade prática, (...) antes responde a exigências intelectuais”.

Para Sr. Neco o pescador controla o próprio organismo, *“não sente enjôo, a mente e o corpo se entendem”*. Tim Ingold (1996) defende haver um contínuo entre os homens e a natureza, pelo viés da biologia. Dessa forma se faz necessário superar o dualismo corpo e mente, humano e não-humano. Para ele a idéia de aprender e perceber faz parte de uma aquisição de habilidades através de uma percepção direta engajada com outros.

Rachid diz que já ouviu muitas histórias de pescador. Sério, Sr. Neco diz que tem muita história mentirosa, como as de sereias. Por isso só conta o que se passou em sua vida ou aquelas que tem certeza serem verdadeiras, como a de João Gala Foice:

“Tem muita história da carochinha, essas são mentirosas. Erros eu não conto que não sei mentir, só conto o que aconteceu de verdade. Do mesmo jeito que tem a Caipora na terra, que guarda a mata e faz o caçador se perder, no mar tem o João Gala Foice. É um farol na maré que anda sem ninguém. Ele fica como se fosse um farol na frente, ele muda de lugar e faz o pescador ficar variado no mar, faz não acertar o porto. Dizem que muitos pescadores nunca conseguiram voltar”.

Como refere Edgard de Assis Carvalho (2004: 01) “o arrogante pensamento moderno, científico, consolidou-se a partir do século XV e assumiu contornos mais nítidos a partir do iluminismo, que instalou a crença de que a razão é o único caminho possível para se atingir o conhecimento do mundo”. Entretanto, essa luz acabou por atordoar o

homem, que em meio a todo desenvolvimento técnico não conseguiu se livrar da animalidade que o atravessa. Assim, *João Gala Foice* brinca com esse homem que tendo dominado terra e mar, é atraído pela luz que lhe oferecem como a traça que se joga na chama da vela. O pescador sábio saberá esperar sem medo, na sombra, na incerteza que o céu se ilumine.

Com um traço de mágoa na voz, Sr. Neco diz que ele e o mar foram traídos. Ele porque sua aposentadoria é minguada, o mar porque além de submetido à pesca predatória, é depósito de esgotos. A essa hora a brisa tornara-se fria, Sr. Neco levanta-se, sendo acompanhado por Rachid. Em silêncio andam até a igreja e sentam no pátio. Retomando a palavra diz que os fortes não desistem de lutar, conta que para complementar a renda constrói jangadas de pesca, miniaturas de barcos e jangadas para turistas e trabalha como carpinteiro. Já a mudança de atitude do mar e dos ventos, segundo afirma, é resposta às agressões que a natureza sofre, *“a areia da praia não chegava na minha casa, mas agora o mar avança e a areia invade as casas, a minha fica com areia por todos os lados”*.

Percebendo uma nuvem no olhar de Rachid, Sr. Neco sorri. Colocando a mão em seu ombro o tranquiliza: *“o homem pode ser forte, mas não consegue destruir tudo isso não, olhe em volta, esse mar, esse céu é muito maior. Em homenagem a tudo isso vale a pena, de tardezina, beber uma cachaça com os amigos contando histórias”*.

Unindo as gargalhadas seus olhares abarcaram céu e mar. A lua cheia traçava a nossa frente um caminho prateado em direção ao infinito, uma abertura sutil em meio à objetividade opressiva.

As Histórias na Caverna Simbólica.

Rachid chegara de Pontas de Pedras no início da manhã. Ainda comovido com a sabedoria do pescador e com a beleza do lugar, não conseguiu descansar, decidiu andar pela cidade sem um destino determinado. Passou por praças, mercados, pontes, prédios de diversos estilos, quando uma fila, com várias pessoas, no centro do Recife, prendeu sua atenção. Ficou sabendo que aguardavam para entrar no cinema para assistir ao filme *Peixe Grande*²⁰. Resolveu fazer o mesmo.

Entrando na enorme sala escura, na qual explodiam imagens e sons, teve a sensação de penetrar em uma caverna mágica, concordando com Edgard de Assis Carvalho (2003), que relaciona o cinema a uma caverna simbólica, uma zona obscura antropocósmica, onde o homem se revela como realmente é, fornecendo pistas para a decifração dos enigmas da cultura. Para este autor o cinema exemplifica a retroalimentação das esferas do real e do imaginário.

No filme *Peixe Grande*, se coloca a relação tumultuada entre pai e filho que se encontram após vários anos sem contato. *O filho regressa a casa quando o pai está acometido de um câncer em estágio terminal. O motivo do desentendimento entre eles eram as histórias. O pai sempre contava ao filho, desde que este era pequeno, todos os fatos cotidianos como histórias fantásticas. Com o passar do tempo o rapaz passou a não acreditar em nada contado pelo pai, afastando-se então dele. Quando o filho regressou, resolveu investigar, através de documentos e visitas a lugares e pessoas, se havia verdades nas histórias ouvidas durante toda vida. Testemunhos orais e documentos escritos acabaram por confirmar que todas as histórias contavam verdades, só que encantadas. Retornando de um desses contatos encontrou o pai em seus últimos momentos de vida, este pede para que o filho conte como será a morte que está vindo. Diante do pedido e já entendendo a mágica das histórias, consegue criar para o pai uma morte iluminada, com desfecho surpreendente. Como o pai um dia tinha contado a história do seu nascimento.*

O contador de *Peixe Grande* operando a dialogia entre real e imaginário vestia o cotidiano com a mágica das histórias. Para ele, como para Leonardo da Vinci (JUNG, s. d.: 27) “não

²⁰ Produção de Jinks/ Cohen Company – A Zanuck. Filme de Tim Burton. Estrelado por Steve Buscemi e Danny Devito. Columbia Pictures, 2003.

era difícil, olhando as manchas de uma parede, ou as cinzas de uma fogueira, ou as nuvens, a lama e outras coisas do gênero encontrar idéias verdadeiramente maravilhosas”. Por outro lado, o filho tinha como única lente para ver o mundo o racionalismo, que o tornava cego ao que lhe era apresentado fora deste registro.

Quando o filho consegue se despojar de suas certezas resgata não só a relação com o pai, mas reencontra a própria paz. “Pois a troca entre real e imaginário, por mais desigual e assimétrica que seja, se assemelha a um contrato ético que visa o viver bem” (CARVALHO, 2003: 80). Para Rachid, as lágrimas que faziam brilhar os olhos do público pareciam querer lavar certezas, fertilizando o terreno da imaginação.

Rachid saiu do cinema surpreso e comovido. Sentiu como se estivesse diante de um “operador simbólico que aciona emoções incontidas, medos arcaicos, desejos inconfessáveis” (idem: 90). Resolveu escutar outros contadores nessas cavernas.

No filme *O Guardião dos Sonhos*²¹ ele assiste a história de um jovem índio que, convivendo com os brancos, deixa de acreditar nas tradições de seu povo, não vendo nelas qualquer valor, apenas fantasias. O avô dele era um contador de histórias.

O jovem índio, profundamente angustiado, envolve-se com uma gangue de brancos, sendo por ela ameaçado. O avô pede que o neto seja seu motorista até uma aldeia onde se realizará um encontro de vários grupos indígenas. Precisando fugir da gangue, o jovem aceita. No caminho, vai ouvindo várias histórias contadas pelo avô. Com a morte deste, durante a viagem, o neto decide ir ao encontro, substituindo o avô, como contador de histórias.

Quando o velho índio iniciava a contação se fazia acompanhar por toques rítmicos de um pequeno tambor. O momento dotava-se de um halo-divino. Naquele instante o campo para o jogo da aliança com os ancestrais e com o grupo estava preparado.

O jovem manteve em relação às histórias uma postura de descrédito. Entretanto, à medida que eram contadas elas o envolviam. Pois segundo Clarissa Pinkola Estés (1996:

²¹Filme dirigido por Stene Barron. Escrito por John Fusco. Produzido por Matthew O'Connor. Estrelado por August Schellenberg e Eddie Spears. 147 minutos. ALPHA Filmes, 2002.

92), “as histórias são usadas para iluminar, recriar a memória. Como os sonhos noturnos, as histórias estimulam usar a linguagem simbólica para chegar direto ao espírito e à alma, que procuram ouvir suas instruções ancestrais ali embutidas”.

As histórias contadas pelo velho índio narravam feitos fantásticos de jovens heróis ancestrais, que mesmo passando por momentos de dor e dúvidas optavam por trilhar o caminho que levasse ao fortalecimento do laço social.

No decorrer da contação o neto percebeu que as histórias de seus antepassados eram sinalizadores para sua própria vida. Elas traziam os valores do seu povo, suas crenças e lutas. Penetrado pelas histórias passa a si reconhecer como peça do jogo da aliança. E, quando decide contar as histórias recebidas do avô, à sombra de uma árvore, cercado de crianças, e dá o primeiro toque no tambor, comunga com o princípio do Dom de Marcel Mauss, sendo as histórias verdadeiras dádivas que, numa remessa de reciprocidade, seriam levadas a circular de um para o outro num movimento contínuo. Fortemente ligadas à pessoa, ao grupo, seriam veículo de seu “*mana*”, de sua força mágica.

Assistindo ao filme *Os Narradores de Javé*²², Rachid presenciou a luta de moradores de um vilarejo, *Vale de Javé*, contra a construção de uma hidroelétrica que inundaria todo o vale. A única maneira encontrada pelos moradores para impedir a destruição do lugar foi mostrar às autoridades que a vila era importante merecendo ser preservada. E, embora nada tivessem de concreto que justificasse o tombamento, lembraram que tinham um patrimônio cultural inestimável, suas histórias, as histórias do lugar, cheias de fatos heróicos que tornavam aquele vale esquecido em terra de heróis. Razão pela qual deveria ser preservado.

Os habitantes de Javé reconheceram que as histórias poderiam ser instrumento para enfrentar a realidade que ameaçava desconstruí-los, enquanto grupo, naquele espaço. Para Michel de Certeau (2002: 84,85) “as histórias invertem, freqüentemente, as relações de força e, como as histórias de milagres garantem, ao oprimido, vitória num espaço

²² Filme brasileiro dirigido por Eliane Caffé. Estrelado por José Dumont e Nelson Xavier. Vencedor do Festival do Recife e do Rio 2003.

maravilhoso, utópico. Este espaço protege as armas do fraco contra a realidade da ordem estabelecida. Metamorfozeiam a ordem dominante fazendo funcionar as suas leis e suas representações num outro registro, no quadro de sua própria tradição”.

Em Javé, o contador de histórias tinha sido banido do convívio social, sob a acusação de inventar mentiras sobre os moradores, o que gerava desordem. Frente a necessidade de coletar as histórias do vale a população pede ajuda ao mentiroso. Mas, cada morador reivindicava unicamente para si laços ancestrais com o mito fundador da comunidade. Aprisionadas na individualidade as histórias não tiveram forças para salvar Javé.

Percebeu-se que uma sociedade sem histórias é facilmente dominada, nesse movimento Georges Balandier (1999) refere que os contadores e narrativas têm grande valor na construção das identidades sociais, uma vez que estas requerem uma memória e a constante possibilidade de se situar, de manter relações vivas, feitas de palavras incorporadas que se transmitem ao longo do tempo garantindo o papel da memória coletiva.

Assim, apostando na força libertadora e unificadora das histórias o mentiroso, contador de histórias é engajado no último grupo de retirantes. Segue recolhendo cada história que começava a surgir, para que fossem guardadas e transmitidas como um bem precioso, parte essencial do patrimônio cultural da sociedade que se formava. Alicerce sobre o qual o patrimônio físico seria erguido.

No filme *CHUNHYANG: Amor Proibido*²³, Rachid assistiu a um contador, narrando para uma platéia fascinada a história de amor entre dois jovens de classes sociais diferentes, ele filho do prefeito da província, ela filha de uma cortesã, o que na Coreia do Sul do séc. XVIII tornava o amor impossível. A performance do narrador leva o auditório ao sorriso ou às lágrimas, numa explosão de emoção. O contador coreano traz nas mãos um leque cujos movimentos transitam entre a suavidade do vôo de uma borboleta à força de uma faca cortando o ar.

W. Benjamim (1994: 221) refere que, no discurso do verdadeiro narrador, a mão intervém decisivamente com seus gestos, que sustentam de cem maneiras o que é dito, numa coordenação da alma, do contato do olhar e da intimidade do toque. Abrange-se assim uma totalidade dificilmente apreensível de modo direto e imediato por meio de discursos formais.

²³ Filme produzido por Lee Tai-Yon. Distribuidor exclusivo: Imagem Filmes Distribuidora Ltda. São Paulo.

O narrador se faz acompanhar pelas batidas de um tambor que se alteram durante a contação. Estas batidas soam como o pulsar de um coração. A frágil figura do narrador agiganta-se, metamorfoseia-se em todos os sentimentos.

Para Henri Bergson o afloramento do passado combina-se com o processo corporal e presente da percepção. Pela memória, o passado não só vem à tona misturando-se com as percepções imediatas, como desloca estas últimas ocupando o espaço das consciências. A memória no dizer de Bergson aparece como força subjetiva ao mesmo tempo oculta e invasora.

Pausas feitas durante as histórias fazem o silêncio falar em esperança. A flecha do tempo flutua a espera da próxima palavra. Contador e público entrando em ressonância ressaltam a tênue fronteira existente entre razão e paixão.

Rachid saiu do cinema extasiado. Entretanto sentia-se invadido pela atmosfera que, naquele teatro distante, envolvera o contador coreano e seu público, precisava alimentar seu espírito com uma energia semelhante. Aproximando-se de um grupo de jovens escutou que eles planejavam assistir ao espetáculo *Diz que Tinha*, construído a partir de narrativas do universo caipira de Minas Gerais, protagonizado pela atriz e contadora de histórias Cecília Borges. Comentavam que o espetáculo fazia parte do projeto *Palco Giratório*²⁴, uma das iniciativas mais importantes desenvolvidas na área de Artes Cênicas, para priorizar o intercâmbio entre grupos brasileiros de teatro e dança. A apresentação aconteceria no Teatro do SESC, localizado num dos bairros mais populosos do Recife, Casa Amarela.

Rachid agradeceu aos deuses que tão prontamente atenderam seu desejo, certamente eles conspiravam a seu favor.

²⁴ **Diário de Pernambuco** – Viver. Recife, nove de Maio de 2004, p. D 3

As Histórias de Cecília Borges, no teatro.

No dia seguinte, ao cair da tarde, Rachid chegou ao teatro. O grupo de jovens, que encontrara no dia anterior, já estava naquele espaço e conversava animadamente. Aos poucos várias pessoas foram chegando, na maioria, jovens com idade entre os dezoito e vinte cinco anos. Às 20:00 horas o espetáculo começa.

A contadora e atriz Cecília Borges diz que estudou Artes Cênicas na Universidade de Brasília, mas que sua maior escola foi o picadeiro, como palhaça. Aproxima-se, assim, da idéia de Aparecida Nogueira (2002: 157), para quem “os contadores de histórias ao lado dos palhaços, doidos e mentirosos inventam uma realidade mais prazerosa e onírica, na qual os itinerários empírico-lógico-racional e mítico-mágico-simbólico pulsam simultaneamente, numa dialogização infinita”.

Informa que sempre gostou de ouvir e contar histórias. Atualmente recolhe histórias contadas pelo povo, no interior de Minas Gerais. Diz que o espetáculo consta da contação de duas histórias; uma vivida e outra que ouviu contar. Afirma que as histórias servem para aliviar a cabeça, o coração, o corpo e afastar as energias negativas.

A partir desse momento incorpora Mariquinha, e, segurando um pau com fitas coloridas (pau de reis) diz que vai contar a história da própria vida:

Diz que era uma moça pobre e que se apaixonou por um caboclo forte chamado Zezinho. Acredita que Zezinho a enfeitiçou; ele dizia que mexendo nas partes do corpo que ficavam mais cobertas o amor ia entrando, tomando conta. Mariquinha reconhece ter permitido o feitiço, só que quando percebeu o feitiço tinha grudado nela, por dentro, parecia que Zezinho já fazia parte dela. Mas, chegou uma professora de Bodocó, interior de Pernambuco, de blusa de renascença, ela e Zezinho se gostaram e casaram. Mariquinha tentou tirar o feitiço de dentro dela, mas não conseguiu, continuou amando Zezinho. Mas acabou casando duas vezes, tendo sete filhos, entre eles duas filhas. Diz Mariquinha que o feitiço que tinha dentro dela passou para as filhas; uma não quer saber de gostar de ninguém, a outra, a mais nova, Deusdete, gostou demais, experimentou um, depois outro e outro, de todas as cores e jeitos. Deusdete saiu pelas estradas, só ela e a

mala correndo atrás do amor. A mãe tem esperança de voltar a vê-la. Mariquinha encontra com Zezinho, acha que ele está muito envelhecido, talvez o feitiço também tenha envelhecido e acabado.

Mariquinha resolve contar uma história que ouviu dizer:

Uma velha morava com duas jovens, Maria e Joana. A velha preferia Joana, deixando para Maria todos os afazeres da casa. Ela tinha que fiar sozinha enorme quantidade de algodão, Maria reclamava, chorava, mas tinha que obedecer. Nisso, a vaca de Maria chegou e disse: Deixe que eu resolvo, e comeu todo o algodão. Maria ficou desesperada, mas quando a vaca fez cocô saíram os novelos de linha já prontos e perfumados. Então a velha mandou Maria lavar e passar todos os panos da casa, eram tantos que Maria desmaiou. A vaca comeu todos os panos, quando fez cocô os panos saíram limpos, perfumados e passados. Quando a vaca foi acordar Maria a velha viu, e entendeu que era a vaca que estava fazendo todo o serviço. Disse então a Maria que desejava comer a carne da vaca dela, não adiantou pedir em prantos pela vida da vaca. A velha mandou que levassem a vaca para o curral e a matassem. Maria foi junto, aproveitando um momento em que estavam a sós, a vaca pediu que Maria não chorasse, e quando ela morresse pedisse para lavar seu fato. Assim Maria fez, recolheu os fatos, as tripas, e foi lavar no rio, enquanto lavava encontrou em meio as tripas uma varinha mágica. Colocou no seio e foi voltando para casa. Ouviu um gemido num casebre, entrou para olhar, porque tinha bom coração. Encontrou um velho amarrado a um pau, o velho dizia que para matar uma onça não era preciso arma, bastava sal e pimenta. Maria perguntou como era possível, ao que ele respondeu: você sobe numa árvore bem alta, quando a onça subir atrás você joga sal e pimenta nos olhos dela, ela cai e morre. Nisso apareceu uma onça, Maria fez o que o velho disse, depois desamarrou o velho, varreu a casa dele, cozinhou um pouco do fato para ele e se despediu. Quando ia saindo encontrou três magas. A primeira disse que pelo bem que ela tinha feito ia ter uma estrela de ouro na testa, a segunda disse que pelo bem que ela tinha feito, todas as vezes que falasse sairia bolas de ouro pela boca e a terceira disse que por todo bem que ela tinha feito ia ganhar sapatinhos de cristal. Chegando em casa, a velha viu a estrela, perguntou onde tinha conseguido, quando Maria respondeu caiu ouro da boca. A velha mandou chamar Joana, mandou matar outra vaca, e mandou Joana lavar o fato, para conseguir ouro. Joana encontra o velho, pergunta pelo ouro, como ele não sabe responder ela o agride e sai zangada. Aí encontra as três magas: a primeira diz que pelo mal que ela fez terá um chifre na testa, a segunda diz que por todo mal que ela fez, toda vez que falar cairá bosta da boca e a terceira diz que por todo mal que ela fez peidaria a cada passo. Chegando em casa nesse estado deixou a velha desesperada. Mas ela fez um lenço para esconder o chifre de Joana, pediu que ela ficasse calada e andasse miudinho, para irem a missa. Maria pediu para ir, mas a velha não deixou. Como Maria tinha a varinha mágica, pediu um cavalo e uma carroça. Maria foi à missa e à quermesse, aí perdeu um dos sapatinhos de cristal. O príncipe que estava na festa e tinha achado aquela moça linda pegou o sapato, e foi de casa em casa experimentar o sapato em todas as moças. Quando chegou na casa da velha perguntou se tinha alguma moça lá, a velha chamou Joana, ele provou o sapato nela, mas não serviu. Então ele viu Maria e chamou para experimentar o sapato nela, mas o sapato saiu voando das mãos do príncipe para o pé de Maria, que estava calçada com o par dele. Então eles casaram e foram felizes para sempre, mas a festança do casamento se estendeu pelas festas de Santo Antônio, São João, São Pedro, natal, ano novo, até a festa de Reis, dos reis Magos, maridos das magas. Nessa festa Mariquinha disse que estava lá, porque as histórias são assim, se misturam. E nessa festa de Reis, comemorando o casamento de Maria com o príncipe, Mariquinha viu a filha Deusdete, cantando e dançando reisado. E todos foram felizes para sempre.

Rachid percebe que a história da *Velha e das Duas Jovens* corresponde a da *Maria Borrallheira*, contada por Dona Amara Ferreira. Entretanto, as duas histórias não apresentam um início comum. Na da *Velha e das Duas Jovens* não se coloca a relação de parentesco entre o

trio de personagens centrais, ou como vieram a morar juntas. Inicia com os maus tratos da velha para com Maria, que recebe ajuda mágica de sua vaquinha, para realizar as tarefas impostas pela velha. Já *Maria Borralheira* inicia com a viúva seduzindo Maria, para conseguir casar com o pai dela, a partir daí, Maria passa a ser vítima da maldade da madrasta, tendo como consolo a amizade de sua vaquinha.

As duas versões são concordantes a partir da intenção da velha / madrasta de sacrificar a vaca de Maria, até o desfecho. Embora concordantes, as duas narrativas permitem a localização de marcas particulares, que informam o universo do conto. Na versão de Cecília Borges, colhida no sul de Minas Gerais, na testa de Joana nasce um chifre, que lembra um universo no qual a pecuária desempenha importante papel. Os campos viçosos durante maior parte do ano e os bebedouros salitrosos em quase todas as fazendas mineiras dispensam a salga do gado, que se cria admiravelmente bem (PONTES, 1970)²⁵. Na versão contada por Dona Amara, Zona da Mata de Pernambuco, na testa da Maria má nasce um mangará de banana, fruto que, ao lado dos canaviais, compõe o cenário de praticamente todas as fazendas da região.

Na narrativa mineira surgem três magas, cujos poderes mágicos recompensaram Maria e puniram Joana. As magas presentearam as jovens, aproximam-se, assim, da figura dos Reis Magos, festejados na Festa de Reis, auto-popular natalino de evocação da visita dos três Reis Magos a Jesus, bastante integrada ao calendário do Sul de Minas²⁶. Já na narrativa pernambucana são três pombas que, detentoras de poderes mágicos, recompensam Maria boa, e punem Maria má. As pombas-do-sertão, também denominadas pelos sertanejos de arribações, utilizam os canaviais da Zona da Mata pernambucana como abrigo

²⁵ www.asminasgerais.com.br/cidades offline/triangulo areahtm (acesso em 15 de Outubro de 2004)

²⁶ www.conhecimentosgerais.com.br/cultura-popular/festas-religiosas-populares (acesso em 15 de Outubro de 2004)

para reprodução. No passado, essas pombas constituíram uma das poucas fontes de proteína animal, em anos de seca, para o sertanejo,²⁷ eram portadoras da mágica da sobrevivência. A tradição popular transformou a Asa Branca, ave da família das pombas, num símbolo do sertão. A presença da Asa Branca é sinal de bom agouro, de estação de chuvas. Quando os bandos somem, os sertanejos se preparam para novo período de estiagem.²⁸

As duas histórias num determinado ponto se encontram, e são uma só. “As narrativas revelam que o mundo do contador é sua história, riscada também nas histórias que aí se contam” (LIMA, 1985: 56). Assim, a contadora sinaliza que “vivemos numa história, a nossa, e também na história de algumas pessoas que nos são próximas. E também vivemos em outras histórias, que partilhamos com nossos vizinhos, com nosso povo, com toda terra” (CARRIÈRE, 2004: 10), com o cosmo.

A arte da narradora faz com que perceba o ponto de interseção que permite sair de uma trama e entrar na outra, sem quebrar a atenção do público, que em alerta pressente o inesperado. Na sombra do dito, o não-dito fala de tolerância, de fé, da necessidade de um tempo de espera para que os segredos sejam desvendados. Esse tempo de espera pode ser percebido no envelhecimento de Mariquinha e Zezinho.

Os aplausos de Rachid unem-se aos dos demais ouvintes, no palco Cecília-Mariquinha agradece.

Sendo um dos objetivos do projeto *Palco Giratório* o intercâmbio de experiências, abre-se espaço para um diálogo entre contadora e público. Um jovem, estudante de Artes Cênicas, pergunta, se a mídia teria o poder de calar os contadores, ela responde que tem colhido várias histórias, de muitos contadores, no interior de Minas, e o que vê são pessoas

²⁷ JÚNIOR AZEVÊDO, Severino Mendes de. Arribança: Um Recurso Manejável do Nordeste (on line) www.ufrpe.br/artigos/artigo-06.html. (acesso em 20 de Outubro de 2004)

²⁸ www.tribadoca.com.br/curiosidades.html.

orgulhosas em contar, e outras encantadas em ouvir. A mágica presente na vivificação da memória, pelas histórias, na voz do contador, não precisa de autorização da modernidade para existir. A palavra, poderosa e invisível invade o espaço, penetra o ouvinte, aconselha, aponta caminhos e, quanto mais difícil o real, mais se tornará essencial. Outro rapaz lembra ter escutado a história da *Velha e das Duas Jovens*, quando pequeno, no Crato, cidade do interior do Ceará. Cecília confessa ter um enorme desejo de conhecer essa cidade, alguns dos seus amigos que foram ao Crato voltaram fascinados com o lugar, regado de lendas, mistérios e religiosidade.

O Cariri cearense é sem a menor sombra de dúvidas um dos maiores celeiros de cultura do Nordeste brasileiro. Muitas lendas e contadores povoam aquele universo, ao lado de: Bumba-meu-boi, Maneiro-pau, Bandas Cabaçais, Reisados, Trancelins, Emboladores, Penitentes, Dança do Coco etc...²⁹

Cecília, a esta altura sentada próximo ao público, em verdadeira roda de contação, se despede, sendo novamente aplaudida.

Rachid saiu do teatro encantado com a experiência que vivera naquela sala. Estava inquieto, sentiu que os deuses apontavam onde escutar os próximos contadores. Acalmando a excitação que o envolvia, decidiu viajar no dia seguinte ao Crato.

²⁹ www.geocities.com/TheTropics/Cabana/7626/historia.htm

As Histórias de Mestre Bola, no Crato.

Rachid, após viajar por toda a noite, chegou pela manhã ao Crato, município situado na Região Sul do Estado do Ceará. Nascido da antiga aldeia do Brejo do Miranda, aldeia dos índios Cariri, ao sopé da Chapada do Araripe, é uma das áreas mais férteis do Nordeste, cercada de fontes naturais de águas cristalinas.

Encantado com a beleza e imponência da Chapada do Araripe, que envolvia a cidade como se a protegesse do mundo exterior, Rachid perguntou, a um velho, que num banco da Praça da Sé dava milho aos pombos, onde poderia encontrar contadores de histórias, o velho sugeriu que procurasse a Fundação do Folclore Mestre Elói.



Chegando lá, foi recebido por Jackson Oliveira Bantim, um dos cinco diretores da Fundação, e, imediatamente se estabeleceu, entre eles, um diálogo, como se fossem velhos conhecidos. Jackson informa que graças a Deus nasceu no Crato, onde espera morrer, e tem quarenta e oito anos. Uma jovem chega e o saúda, chamando-o de Mestre Bola. Ele explica, que quando criança, por ser gordinho, recebeu da mãe o apelido de Bolinha, os amigos passaram a chamar de Bola, e atualmente os mestres e mestras, de mais de vinte grupos, das mais diversas expressões culturais, chamam-no, carinhosamente, Mestre Bola ou Mestre Bolinha.

Lembra que na infância, na Festa de Nossa Senhora da Penha, enquanto os irmãos mais velhos tinham medo do *Mateus*, personagem do Reizado³⁰, ele não tinha medo, ia pegar

³⁰ Dança de cunho religioso, traduzida por batalha travada em ritmo cadenciado utilizando espadas, os integrantes do grupo são divididos em fileiras.

o terço do *Mateus*. Achava da maior importância ver Mestre Lourenço Aniceto, com cem anos, dançando com a banda Cabaçal³¹, na exposição de animais. Nesse momento chega um homem, com aproximadamente dez anos a menos que Jackson. Apresentado a Rachid e, informado sobre o que conversavam, lembra que Bola era um excelente contador de histórias.

Bola admite, diz que tanto ele quanto Ronaldo Brito³² (reside atualmente em Recife) moravam na mesma rua, e eram apaixonados por histórias, que ouviam, principalmente, de sua mãe e da avó materna. Sugere que Rachid, de volta a Olinda, marque um encontro com Ronaldo, Rachid concorda imediatamente. Bola recorda que a energia elétrica chegou ao Crato no início da década de sessenta, então, ele reunia as crianças da rua, à luz do poste da esquina, para contar histórias. O amigo lembrou que Bola ficava sentado encostado ao poste, ao seu redor formava-se um círculo, os maiores tinham a honra de ficar mais perto do contador.

Sorrindo, Bola concorda, diz que contava em capítulos, parava no momento mais interessante, no dia seguinte toda meninada estava ao redor dele, ansiosa pelo desfecho da trama. Segundo Malba Tahan “as histórias que mais motivavam os árabes, eram as histórias em série ou em cadeia. Nessas histórias cada conto terminava com uma deixa que o ligava ao conto seguinte, forçando o ouvinte interessado a voltar, mais tarde, para ouvir a continuação do caso, sempre interrompido num momento palpitante. Entre as chamadas histórias em cadeia, as que despertavam maior interesse eram aquelas que formavam o prodigioso conjunto denominado Alf Lailah oua Lailah (Mil Noites e uma Noite)- título que as inúmeras traduções consagraram sob a forma Mil e uma Noites”. (GALLAND, 2001: 17)

O amigo lembra que ao final das histórias Bola sempre fazia um comentário do tipo:

³¹ Bandas de couro ou pífano. Formada por quatro ou cinco elementos. Os instrumentos são feitos artesanalmente.

³² Ronaldo Correia de Brito nasceu em 1950 na cidade de Saboeiro, no sertão dos Inhamuns, no Ceará, formou-se em Medicina no Recife. Escreveu em parceria com Antonio Madureira e Assis Lima as peças teatrais Baile do Menino Deus, O Pavão Misterioso, Bandeira de São João e Arlequim, todas lançadas em cd pelo selo Eldorado. É autor dos livros de conto “As Noites e os Dias”, pela Bargaço e “FACA”, pela Cosac & Naify

Eu estava na festa, na volta ia trazendo para vocês um pote cheio de mel, mas escorreguei, na descida da serra da Batateira, e o pote quebrou. Afirma que chegava a sentir o gosto do mel. Bola diz que assim, através do seu testemunho, a meninada aprendia a acreditar nas verdades das histórias.

Bola recorda que ainda adolescente, brincando de cinema, fez seu primeiro filme, Lua Cambará, em Super Oito. *Mas, meu pai queria que eu fosse engenheiro, como os meus dois irmãos mais velhos, ainda tentei convencê-lo a me deixar fazer Belas Artes, na Bahia, mas ele disse que isso não dava dinheiro, e me mandou para Campina Grande. Só cursou o primeiro ano, o dinheiro mandado pelo pai ficava no banco, para ser devolvido; enquanto isso, trabalhava com cinema.*

Resolveu voltar ao Crato, devolveu ao pai o dinheiro, e foi trabalhar com cinema, teatro, festivais. Aproximou-se de Mestre Elói (Elói Teles), radialista, ele tinha cinco programas de rádio, em que defendia o povo pobre, e apoiava as expressões da tradição. Mestre Elói lutou ao lado dos grupos da tradição por quase quarenta anos. Bola diz que começou a acompanhar Mestre Elói: *ele me deu um espelho de todos, disse como eu devia fazer para contornar os conflitos, que eu devia ser tolerante, devia aceitar o outro.*

Mestre Elói, segundo Bola, era considerado um pai pelos demais mestres. Com a morte de Mestre Elói, há cinco anos, Bola confessa ter ficado com medo da dispersão dos grupos. No cemitério os mestres diziam *está sem horizonte, sem sol, sem lua*. Mas, após o enterro, os demais mestres se reuniram em torno de Bola, conversaram muito, todos os mestres eram mais velhos que Bola, o que de certa forma o deixava inseguro. Entretanto, ele simplesmente lhes falou, certamente iluminado pelo velho mestre, e suas palavras chegaram, magicamente, a cada um. Passou, então, a ser considerado por eles como sucessor de Mestre Elói. Para Morin (s./d. : 154) a “palavra mágica chama e ordena. Nem todos os nomes têm os mesmos poderes e nem todos os seres dispõem dos poderes

mágicos da Palavra. Os grandes poderes estão concentrados em nomes secretos. (...) E os detentores desses poderes são os feiticeiros ou os magos. É através deles que a palavra se torna Verbo e, (...) comanda as coisas, as forças ou os espíritos que nomeia”.

A partir daí, passou a ser um pouco pai, delegado, juiz, figurinista (ajuda na escolha dos figurinos dos grupos, dos modelos aos tecidos), muitos dos problemas dos grupos, ou de seus integrantes são levados para que ele resolva. Conta que:

Um dia, seu Chico, um daqueles cabras da peste, que só anda com uma peixeira bem amolada na bainha, veio me procurar.

- Mestre Bolinha, Duda, aquele cabra sem-vergonha, mexeu com minha filha. Ele tem que casar, ou então o jeito é matar mesmo.

Chamei os dois, Duda e Lúcia, e perguntei se eles queriam casar.

- Lúcia, você quer casar com Duda?

- Não.

- Duda, você quer casar com Lúcia?

- Não.

Aí eu disse para Duda:

- Olha Duda eu vou ter que dizer para seu Chico que você não presta, é o único jeito de sair dessa.

Chamei seu Chico e perguntei:

- O senhor gosta da sua filha?

- É a coisa que mais gosto no mundo, é minha filha e Deus.

- Então, como é que o senhor vai entregar sua filha a um cachaceiro sem-vergonha desse?

Ele acabou concordando, e desistindo de obrigar o casamento. Duda disse que já estava sem se agüentar.

- Tive perto de ter raiva do senhor.

Acabou tudo bem.

Para Bola, os grupos estão se fortalecendo, continuam contando suas histórias, brincando, fazendo renovações, etc... Mas, eles não estão presos aos *seus espaços, pés-de-serra*, se apresentam também em feiras, exposição de animais, festas religiosas, nas capitais. Orgulhosos, estão, levando seu fazer a pessoas de vários lugares, e sempre são muito aplaudidos. Segundo Bola, quanto mais se escuta que as histórias e as brincadeiras populares estão desaparecendo, ou perdendo significado, mais se percebe um movimento contrário. Lembra, em consonância com Carvalho (2003: 82), que “essas expressões (...) assemelhem-se a objetos sagrados, dons reencantados. (...) Sua função seria resistir às pulsões desbussoladas do mercado e, igualmente, incutir um novo paradigma fundado na

construção de esferas de solidariedade”.

Curioso, Rachid pergunta o que são as renovações. Bola explica que primeiro se faz a entronização do Coração de Jesus (entrada do Coração de Jesus, na casa, pela primeira vez). As mulheres o saúdam com orações, *num palavreado muito nosso, diferente do de Roma*. Celebram também com o aluá (bebida a base de casca de abacaxi com temperos), bolo de puba (massa de mandioca), de milho, tapioca (iguaria feita de goma de tapioca), filhoses (bolinhos de goma de mandioca frita), charutos. Após um ano se faz a renovação daquela entronização, dizem que se não for feita, o dono da casa morre.

Bola contou:

Veio um pessoal, de uma emissora de televisão filmar uma renovação, na casa de Mestre Raimundo, mas como os equipamentos eram grandes eu trouxe todos para minha casa. As mulheres fizeram as orações, todos celebraram com a mesa farta. Um ano depois, elas foram me procurar, dizendo que estava no tempo de fazer a renovação. Eu disse que era católico, mas não achava que fosse preciso, tinha sido só para televisão. Elas argumentaram que fizeram para o Santo, e deixaram a televisão filmar. Fizem a renovação, e, pelo sim pelo não, transferei as renovações que seriam feitas na minha casa para a exposição. Então, não arrisco quebrar a tradição, e o público da exposição tem o prazer de assistir todos os anos, e acaba invadido pelo poder de tanta fé.

Para Mircea Eliade (1993), o sagrado é constituinte do humano. Assim, nesta época de convulsões sociais e mudanças drásticas (JUNG, s./d. : 58), manifesta-se no homem um regresso ao sagrado, como via para saber mais a respeito da própria humanidade. Nessa perspectiva, o público buscando as renovações, conscientemente como espetáculo, busca e é impregnado do sagrado que as constitui. Ainda em sintonia com esse pensamento, Bola cita a Dança de São Gonçalo, que vem ressurgindo e encantando o grande público.

Tinha uma cidade, em Portugal, que tinha uma casa da luz vermelha, casa de mulheres da vida, muito freqüentada por homens. São Gonçalo notou que muitas mulheres também procuravam a casa da luz vermelha. Um dia, ele perguntou porque elas iam aquele lugar. Elas responderam, que buscavam bebida, dança, música e homens. Após pensar um pouco, ele propôs que elas se reunissem para dançar ali na estrada, ele providenciaria um pequeno tambor, teriam também bebida, o aluá, e, tendo tudo isso os homens viriam

dançar com elas. Enfileiradas, elas começaram a dançar, três passos para frente, três para trás, vão rodando e cantando músicas belíssimas. Os homens chegaram. A casa da luz vermelha fechou.

Talvez obedecendo à tradição, de que uma história puxa outra, Bola lembra que contava muito a história dos três irmãos, filhos de um rei:

Tinha três irmãos, filhos de um rei, eles queriam ir embora do reino paterno. O rei perguntou o que eles queriam levar do reino. O mais velho disse que queria muito dinheiro, o pai deu e o primeiro filho foi embora. O do meio disse que em primeiro lugar queria dinheiro, mas pediu a benção do pai, que entregou o dinheiro, abençoou e deixou que o segundo filho fosse embora. O filho mais novo só quis a benção, foi abençoado e partiu. O primeiro logo acabou com tudo, e desapareceu no mundo. O segundo demorou um pouco mais a acabar com tudo, mas também não voltou. O mais novo, depois de enfrentar muitas dificuldades, voltou ao reino do pai, vivendo feliz para sempre.

Segundo Von Franz (1990: 60), histórias que apresentam, o rei e seus três filhos, são extremamente freqüentes. Considerando-se somente a coleção de Grimm, encontram-se ao menos sessenta histórias dessa forma. Os irmãos mais velhos são espertos, enquanto o mais novo é o herói inocente da história. Para Balandier (1997) o filho mais novo é considerado elemento de desordem, teria essência revolucionária e, num mundo dominado pela técnica e pelo poder econômico, esse filho buscaria a “humanidade do humano” (MORIN, 2001), viveria sob um olhar de uma ética da relação.

Bola, pensativo, diz que a história da sua vida se confunde com a do filho mais novo do rei. Recusando fazer engenharia, fez opção pela benção. Os irmãos, não voltaram à cidade natal, são engenheiros em Fortaleza e Recife. Ele, o mais novo, voltou ao Crato, onde é muito feliz. Acredita que contando tantas vezes essa história estava traçando o próprio caminho. A história foi exemplo de vida, diz se sentir o próprio personagem da história em pleno movimento de vida.

Desculpa-se por ter falado demais, diz que quem procura contadores de histórias acaba correndo o risco de escutá-los por horas seguidas. Um amante das histórias não cala

facilmente. Sugere que Rachid visite Mestre Raimundo e Mestra Zulene. Prefere não falar sobre eles, diz que por serem especiais, é necessário vê-los e escutar cada palavra que dizem, com o cuidado com que os sertanejos aparam a água da chuva.

Rachid agradece pelas histórias e informações, mas está emocionado com a transparência daquele homem, que sem qualquer pudor abriu sua alma. Através das histórias que acabara de ouvir conhecera muito do Crato, e do contador, Mestre Bola.

As Histórias de Mestra Zulene, no Crato.

Rachid vai ao encontro de Mestra Zulene. Fica encantado com a beleza singela do lugar: uma casinha branca, no pé-de-serra. É recebido pela Mestra Zulene Galdino de Souza: cinquenta e cinco anos, baixa estatura, morena, traços de índia, sorriso claro e



turbante branco. Sua simplicidade ativa me fez lembrar a descrição de um contador de histórias feita pelo escritor italiano Edmundo De Amicis³³: “Era um homem de seus cinquenta anos, quase negro, a barba negríssima e dois grandes olhos cintilantes; trajava, como quase todos os outros narradores de Bagdá, um enorme pano branco apertado em torno da cabeça, por uma corda de pêlos de camelo, que lhe dava a majestade de um antigo sacerdote.”

Rachid explica a Mestra Zulene que é um amante de histórias, e que chegara até ela por intermédio de Mestre Bola. É convidado a entrar na pequena sala, de piso de terra batida, ocupada, apenas, por uma cadeira e uma pequena mesa, sobre ela um rádio/cd, nas paredes quadros do Padre Cícero, Coração de Jesus, Preto Velho, Cosme e Damião e da Virgem Maria, alguns enlaçados por fitas. Percebendo o passeio do olhar de Rachid pelos quadros, revela ter muita fé em Padre Cícero, de quem recebeu muitas graças, explica que as fitas significam promessas feitas.

Ela diz que sempre gostou de contar histórias, e que muitas das crianças para quem contou já estão casadas, e hoje conta aos filhos delas. Recorda que aprendeu a contar

³³ In: GALLAND, Antoine. **As Mil e Uma Noites**. Vol. I. Apresentação de Malba Tahan. 6 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p.16

histórias escutando o pai, Luiz Galdino Pereira, que além de mestre de engenho (de fazer rapadura) era bom contador, marcador de quadrilha e rimador de maneiro-pau³⁴, nas noites de lua clara gostava de brincar na bagaceira. Acredita que só ela, dentre os irmãos, herdou o bom pensamento do pai. Conta que quando criança não gostava de ficar dentro de casa:

Saía pela manhã e chegava onze horas, com o buchinho cheio, porque eu andava dentro da mata, com as índias, umas meninhas pequenas iguais a mim. Eu comia folhas como elas comiam. A arte delas, elas me ensinaram a fazer: pegava soim (sagüim) na mata, fazia sandália de barro e de folha de banana. Quando eu chegava em casa minha mãe perguntava:

- Zulene, porque você não para em casa?

Eu dizia que era porque eu gostava de brincar na mata, com umas meninas iguais a mim.

Eu fui crescendo no meio dos índios, eu não comia comida com sal, era folha, comida sem sal, pegava com laço lagartixa e comia.

Quando a gente entrava na mata do Araripe não ficava com o pensamento da gente, era outro pensamento diferente.

Pra eu ficar mansa, fiquei trancada no quarto um mês e quinze dias e lá só quem entrava era papai, porque eu achava que ele era igual a mim, aí eu aceitava, e ficava feliz. Um dia ele deixou a chave na porta, aí eu escapei e fui embora. Papai botou o pessoal pra me procurar, mas só quem me achou foi dois cachorros. Quando os cachorros me pegaram, sem me machucar, aí o pessoal que estava me procurando me botou pra casa.

Aí foi outra temporada trancada no quarto pra amansar. A partir daí papai foi me ensinando, me incentivando nas histórias, nas brincadeiras, eu fui aprendendo e hoje sou uma mestra do folclore. Mestre Elói sempre dizia que eu era uma mestra das boas, me pedia pra nunca deixar de ensinar ao povo, para nunca deixar a cultura cair.

Para Mestra Zulene a intenção do pai, ao trancá-la no quarto, não era afastá-la das amigas índias, mas prepará-la para ensinar aos outros as coisas da vida. Segundo Eliade (1993: 348,349), muitos mitos e lendas descrevem as dificuldades encontradas por um semideus ou por um herói para penetrar num domínio interdito que simboliza sempre um território transcendente. Os mitos da procura e das provas iniciáticas revelam o próprio ato pelo qual o espírito transcende um cosmo condicionado, polar e fragmentado, para encontrar a unidade fundamental anterior a criação.

Nesse sentido, a reclusão imposta pelo pai, talvez tivesse por objetivo impedir o

³⁴ Antiga dança de roda, cantada e ritmada por pequenos cacetes. Os dançarinos viram-se para direita e para a esquerda. Cantam quadras intercaladas com o refrão maneiro-pau.

descolamento do seu pensamento sensível do inteligível, para que capaz de transitar entre os dois registros pudesse assumir o papel de guardiã das memórias e dos valores do seu povo. Assim, se explicaria o fato de permanecer feliz, mesmo privada da liberdade física, seu sentimento talvez se aproximasse do que sente a lagarta no casulo, percebendo se aproximar o momento de voar como borboleta. A fuga refletiria a ânsia de acelerar o processo de transformação. Enquanto à volta, pela boca dos cães, mostraria a necessidade de se cumprir o tempo de espera imposto pela natureza.

Rachid pede para ouvir uma história. Ela concorda em contar, mas antes pede licença para chamar suas crianças, pois não vê sentido em narrar sem um público infantil. A história é pública. Quando se começa a contar, ela fala por si. Narciso, que só pensa nele, não pode nem inventar, nem contar. Ele está perdido em sua imagem refletida, muda. O relato de uma história, essa ação pública ajuda a manter a coerência das nações. (CARRIÈRE, 2004)

A cena que se segue é de uma beleza comovente. A Mestra, subindo a ladeira de terra, segurando um pau, cercada de crianças em algazarra. Parecia uma pastora guiando um rebanho feliz. Chegando à casa todos sentam nos degraus em redor da Mestra. Eram aproximadamente vinte crianças e adolescentes. Explica que embora tenha pouco estudo assume a educação desses jovens dos três aos dezoito anos (*quando minha temporada acaba*): *eles moram com os pais e estudam na escola, mas aqui aprendem a se livrar dos maus pensamentos. Minha missão, que recebi de papai e de Deus, é ensinar as coisas da cultura, que afasta essas crianças da maldade, da bebida e do fumo. Comigo eles brincam na alegria, por isso as mães incentivam que eles venham aqui. Tem muito pai e mãe de família, que criei nas apresentações, que chegam e me pedem a bênção, porque se tornaram pessoas de bem, procuro saber se eles estão se cuidando, eles me obedecem, nunca esquecem da Mestra deles.*

As crianças pedem uma história, Mestra Zulene resolve contar a do bêbado:

Tinha um bêbado, ele era muito viciado, aí ele chegou na igreja, pegou a corda do sino, estava com vontade de beber, aí mais na frente vendeu a corda e foi beber. Quando o padre foi procurar a corda do sino pra poder tocar o sino não encontrou. Aí o bêbado foi dormir na porta da igreja, aí o padre disse:

- Acorda, acorda.

O bêbado abriu o olho e disse:

- Padre, a corda eu vendi e tomei de cachaça.

Aí o padre disse:

- Meu filho, eu estou chamando é pra você acordar.

Aí ele acordou e ficou com aquela gastura, aí ele vomitou pra lá, aí chegou um cachorro e ficou lambendo aquela coisa. Aí o bêbado disse:

- Eu me lembro que comi feijão, macaxeira, mas não lembro de ter comido esse cachorro.

Aí ele não sabia ler, aí ele pensou, esse cachorro está muito grande. Vou, na casa de fulano de tal pra perguntar se eu comi esse cachorro. Aí quando ele chegou lá, ele não sabia ler, aí o rapaz fez mensagem escrita que dizia GUIE O BESTA, e disse pra ele mostrar aos companheiros, e nisso ele ficou mostrando até às cinco horas da tarde. Como ele não sabia ler, pensava que estava perguntando se ele tinha comido o cachorro, mas estava era sendo chamado de besta.

Mestra Zulene lembra que escutou essa história do pai. Diz que ela aconselha, de um jeito engraçado e difícil de esquecer, a se afastar da bebida, porque o vício perturba e enfraquece o pensamento. Para Benjamin (1994: 200), o narrador é um homem que sabe dar conselhos, mas aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário saber narrar a história. O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A história mostra também, segundo a contadora, a importância de estudar, porque para enfrentar a vida moderna é bom unir o saber dos antigos com o de hoje. A Mestra aproxima-se da ideia de Morin (1990: 138), que defende ser ambição da Complexidade reatar articulações que são destruídas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento.

Mestra Zulene começa a contar a *história da mulher que traiu o marido*:

Tinha um homem que namorava uma vizinha, que era casada. Todo dia quando o marido dela saia pra trabalhar ela saia para brincar com o outro. Mas quando ele voltava encontrava ela em casa. Aí os amigos dele diziam que ela era falsa, aí ele dizia:

- Que nada rapaz, ela é boa, eu só acredito que ela é falsa se eu ver.

Aí o amigo disse:

- Pois vai lá tal hora que ela vai lá pra baixo do pé de pau e seu vizinho tá lá esperando.

Aí um dia o marido chegou lá e subiu no pé de pau, aí depois chegou a mulher, mais tarde chegou o amigo.

Aí o amigo disse pra a mulher:

- Vamos brincar de vaca e de boi.

Aí ela disse:

- Vamos!

E tiraram o vestuário deles e foram se cheirando. Aí ela disse que estava com vontade de fazer xixi. Quando o homem olhou pra cima viu o marido da mulher. Aí disse:

- Pois se você tivesse vendo o que eu estou tinha vontade de cagar!

Aí o homem saiu correndo e o marido dela atrás, pega num pega o marido acabou foi pegando a mulher, que levou uma surra do marido.

Rachid percebe que essa história apresenta o mesmo formato da vivida pelo Sultão Chahriar (*As Mil e uma Noites*). Quando a mulher aceita brincar de vaca, afasta-se do fato cultural da aliança, da regra, para se aproximar do fato natural do instinto, do desejo. Estabelece a desordem na família, *átomo do parentesco*. Seguindo a formulação de Marcel Mauss (1974), a proibição constitui uma regra da dádiva. A regra afirma que os esposos devem fidelidade um ao outro, implicando reciprocidade. Para esse autor, a quebra da regra por uma das partes abre caminho para o enfraquecimento do laço social. Mestre Zulene diz: *a história mostra, para as meninas, que a mulher não deve dar atenção a todo modismo que aparece, o nordeste é terra de mulher séria. Se a mulher continuar séria a família toda fica arrumada, mas se ela for traiçoeira desmantela a família toda.* Um dos meninos pergunta, a Rachid, se ele sabe porque o rato vive correndo do gato. Diante da resposta negativa Mestre Zulene conta:

O gato e o rato eram amigos, aí o gato chamou o rato pra ir pro forró, um samba. Aí o gato disse:

- Camarada rato vamos jantar logo.

- Agora não, vamos deixar pra jantar quando voltar do samba.

Aí o gato guardou o queijo pra jantar na volta. Aí o rato veio antes e comeu o queijo. Quando o gato veio o rato tinha comido tudo. É por isso que hoje em dia o rato tem medo do gato.

Lembrei que no Togo, país localizado na África, também se conta a origem da inimizade universal que reina entre gatos e camundongos:

Em tempos remotos, o gato e o camundongo viviam em harmonia. Às vezes viajavam juntos. Durante uma dessas viagens, chegaram às margens de um imenso rio, que tinham de atravessar. Procuraram um barco, ou pelo menos algum objeto que pudesse lhes servir de barco. O camundongo teve a idéia de desenterrar um inhame e cavar nele um buraco. O gato ajudou (...), e o camundongo o escavou, dando-lhe a forma de um barco. Em seguida, entraram no rio. Mas o rio parecia não ter fim. O gato sofria com a fome de maneira atroz, enquanto o camundongo, a cada noite, se levantava, às escondidas para roer um pedaço do barco. Certa manhã, quando da pequena embarcação cada vez menor, já se via a outra margem, o fundo da canoa arrebentou. O gato compreendeu a traição cometida pelo camundongo. Insultou-o, atirou-se sobre ele e o devorou. Supõe-se que os dois animais morreram, o camundongo comido, e o gato, afogado. Mas dizem que os peixes contaram essa história aos outros gatos e aos outros camundongos, oferecendo versões diferentes. Desde essa infeliz travessia, os gatos e os camundongos travam uma guerra sem fim.(CARRIÈRE, 2004: 286)

As duas histórias explicam a desavença entre gatos e ratos de forma semelhante. Focalizam o caos que pode ser gerado a partir da quebra de alianças. Para Mestra Zulene essa história, que ouviu do pai, além de explicar porque as coisas são como são, mostra como outras coisas, que estão arrumadas, podem se desarrumar para sempre. Assim, entra em consonância com Morin para quem: os mitos não falam só da cosmogênese, não falam só da passagem da natureza à cultura, mas também de tudo o que suscita a interrogação, a curiosidade, a necessidade, a aspiração.³⁵

Mestra Zulene diz que desde 1975 ensina as brincadeiras para suas crianças, e que se apresentam em vários eventos da cidade: *nós não ganhamos nada com as apresentações, só o lanche, e às vezes uma ajuda para as roupas. Mas, com o que ganho na roça, com Zé meu marido, mais o que ganho fazendo faxina, completo o vestuário deles. Essas brincadeiras, que eu faço, não é interessado a nada (recompensa financeira), eu quero que Deus me ajude a continuar na minha saúde, eu brincando com as crianças, elas aprendendo, e a gente se divertindo. Porque tristeza atrai doença e infelicidade. Pede, então, que as meninas troquem de roupa (as roupas ficam guardadas em sua casa), a fim de se*

³⁵ MORIN, Edgar. O Duplo Pensamento (Mythos-Logos) In: **O Método III – O Conhecimento do Conhecimento**. Lisboa: Europa – América, s./ d. p.150.

apresentarem para Rachid.

Enquanto as meninas entraram os meninos permaneceram ao lado da Mestra. Rachid mostra-se encantado com tudo que vê e ouve. Naqueles rituais de contação e brincadeiras cultua-se o amor, um amor que desafia a ordem prometéica e escapa a qualquer análise reducionista. Rachid comenta que ali acontece uma explosão de beleza e paz que transborda da Mestra, das crianças, da casa, da serra. Os olhares de Rachid e da Mestra se encontram no verde da serra. Mestra Zulene diz que antes morava na mata, perto da nascente, numa casa sem energia, coberta de palha. Talvez por isso tenha tanta dificuldade em se acostumar a luzes artificiais e telhas: *às vezes fico olhando as telhas e fico meio desorientada, parece que balançam, porque eu não tenho costume. Aí apago a lâmpada e vou lá para o terreiro. A vida lá na serra era mais tranqüila, movimento só o da Caipora:*

Lá na mata, na serra (Araripe), perto da minha casa, lá as caiporas me arrodeavam muito, eu era obrigada a comprar cigarro de fumo e botar lá nas pedras pra elas não me aperriarem tanto. Eu sempre aceitava o assobio da caipora. Teve um dia que de tardezinha eu juntei os cachorros e fui para nascente. Aí ouvi um assobio. Aí fiquei assobiando:

- Caipora, caipora eu estou aqui!

Eu estava de brincadeira com ela. Quando fui tomar banho vi foi correndo os cachorros gemendo de peia que a caipora deu. Aí eu saí correndo, foi quando vi uma pedra bem grande rolando de cima da serra para cima de mim. Quando caiu nos meus pés era bem miudinha. Já meu marido disse:

- Não vai mais lá que ela é perigosa. A peia que ela dá na gente, com o chicote, a gente não vê mais pode até matar.

Nisso, Rachid percebe um burburinho entre os meninos, em torno de Rafael, um garoto de dez anos, os amigos pedem que ele conte a experiência que teve com a Caipora:

Eu já apanhei da caipora, levei uma peia que saí com o couro quente. Eu estava caçando passarinho, ia caçar numas palmeiras lá em cima, na serra. Ia pegar um no ninho, que tinha dois passarinhos. Aí a bicha veio correndo atrás de mim, dando peia, eu saí correndo, tremendo. Nunca mais quis caçar passarinho.

Para Eliade (2003:339), os mitos revelam o real de uma forma inacessível à apreensão empírico-racionalista. Para Mestra Zulene, Rafael e seus companheiros, o mito é realidade vivida, seus sentidos desdobram-se para além da superfície cartesiana. A narrativa de Rafael caiu sobre Rachid como um bálsamo precioso. Para Rachid ouvir um menino dá testemunho da verdade do mito, com a mesma leveza com que solta pipa, sendo essa verdade compartilhada pelos companheiros, serviu de atestado de vida do planeta, mostrou que o espírito humano não destruiu o mapa do caminho à unidade original.



As meninas retornam orgulhosas, trajando vestidos de chita, a Mestra também troca de roupa, surge com saia rodada e chapéu enfeitado com uma rosa vermelha. Coloca músicas de Luiz Gonzaga, e de apito na boca marca as danças. Impossível resistir, todos nos demos as mãos e giramos ao som da música e do apito, rodávamos, e a cada ciclo fechado abria-se outro, talvez comemorando as várias possibilidades disponíveis a cada ciclo da vida.

Entram os meninos com calças azuis e camisas amarelas, trazem nas mãos paus de bambu, vão para frente da casa, e sob o comando da Mestra começam a brincar o maneiro-pau, a Mestra puxa a rima:

*Vai começar a brincadeira
Maneiro pau/ Maneiro pau
Cuidado pra não errar
Maneiro pau/ Maneiro pau
Segura o cacete amigo
Maneiro pau/ Maneiro pau
Quero ver pancada igual
Maneiro pau/ Maneiro pau
Eu vou contar uma história
Maneiro pau/ Maneiro pau*

*Que se deu lá no Grangeiro
Maneiro pau/ Maneiro pau
A moça que tem vergonha
Maneiro pau/ Maneiro pau
Não casa com cachaceiro
Maneiro pau/ Maneiro pau
Quando eu saí de casa
Maneiro pau/ Maneiro pau
Minha mãe me prometeu
Maneiro pau/ Maneiro pau
Minha filha num se apenhe
Maneiro pau/ Maneiro pau
Que seu pai nunca apenhou
Maneiro pau/ Maneiro pau
Pedi a mestre Elói
Maneiro pau/ Maneiro pau
Pra ele me ajudar
Maneiro pau/ Maneiro pau
Pra eu nunca esquecer
Maneiro pau/ Maneiro pau
Essa dança do folclore
Maneiro pau/ Maneiro pau*

A Mestra diz que essa rima é boa tanto para os meninos como para as meninas. Ensina que a bebida gera violência, e que as pessoas não devem se submeter à agressão. Ela acredita que a força da rima e do ritmo bem marcado pelas batidas dos paus desperta desejos de liberdade e dão força ao fraco. Ressalta que também apresenta a lapinha³⁶, mas modificou as cores da lapinha do vermelho e azul, para azul e branco: *vendo o movimento da violência eu mudei as cores da minha lapinha, botei o azul e o branco que é pedindo paz para o nosso Brasil*. Rachid percebe no brilho dos olhos dos meninos e na decisão dos seus gestos que brincando estão lutando por cidadania, se fortalecendo enquanto grupo. Mestra Zulene passa a um dos meninos o posto de puxador, ele de imediato começa tirar a rima:

*Eu vou contar uma história
Você tem que acreditar
É o direito do povo
Quero ver tudo de novo
Quero ver pancada igual
Nosso direito vem*

³⁶ Verdadeiro espetáculo teatral de cunho religioso, realizado entre as festividades de Natal e Dia de Reis. Representação popular do nascimento de Jesus Cristo.

*Nosso direito vem
Se não vir nosso direito
O Brasil perde também
Confiando em certo rei
Que nasceu lá em Belém
Que morreu crucificado
Porque nos queria bem
Confiando em seu amor
E agora seu doutor
Nosso direito vem
Nosso direito vem
Se não vir nosso direito
O Brasil perde também
Só porque tem muitas terras
E também muita fartura
Um carro bonito
Passado na escritura
Cuidado com esse mistério
Um dia no cemitério
Nossa carne se mistura
Nosso direito vem*

Para Merleau-Ponty³⁷, só quando se recupera o nexo entre memória e práticas corporais é que podemos conceber o passado como força que determina o devir. Perpassando pelo subjetivo, o corpo não é mais matéria inerte ante o espetáculo da cultura. Nesse sentido, Mestra Zulene acredita que narrando histórias, ritmando-as, brincando, vai cumprindo a missão de não deixar a cultura cair, e vai criando nas crianças um pensamento positivo, que forma pessoas do bem.

Alberto, dezesseis anos, aproxima-se da Mestra que o apresenta a Rachid. Ela ressalta que o rapaz participa de suas brincadeiras desde os cinco anos de idade. Informa que ele é um verdadeiro artista, excelente rimador. Alberto diz que aprendeu a ser rimador através das brincadeiras da Mestra, fala que participou de um concurso de rimas em Fortaleza e está classificado para a final. Acredita que sem o conhecimento adquirido com a

³⁷IN: RABELO, M. C. e ALVES, P. C. **Corpo, Experiência e Cultura** (versão preliminar)

Mestra não se orgulharia de si mesmo e da cultura em que vive. Rachid pede que ele faça uma rima que conte a história daquele lugar. Após pensar por alguns segundos puxa a rima:

*Escrevo em pequenos
Versos as belezas desse Crato
A serra do Araripe
Aonde canta o canário
É uma serra de fartura
Corta o pau
Faz escultura
Retrata seu próprio espaço
É uma terra de cultura
Da manga e do piqui
Pode até ser chamada
Tesouro de buriti
Mas ela é conhecida
Na chegada e na partida
Princesa do Cariri
Eu queria agradecer
A quem repente me ensinou
Não ensinou só a mim
Mas a todos os meninos
Nossa maior folclorista
A grande Zulene Galdino.*

Todos aplaudem, Alberto diz sentir uma imensa felicidade por ter aprendido tanto com a Mestra, que dedica a vida à formação das crianças da vila (Vila Novo Horizonte). Para Alain Caillé (2002), condição primeira de todo empreendimento, de toda prosperidade e de toda felicidade, a aliança representa em certo sentido aquilo que há de mais útil nesse mundo. Mas ninguém pode ter acesso a esse tipo de utilidade se não for capaz de sair do registro do utilitário. O laço deve ser querido por causa dele mesmo e não pelo bem. E é por este prisma que Mestra Zulene opera. Ensinando, respondendo perguntas, corrigindo erros, iluminando memória, estabelece, com o público, alianças que não pertencem ao registro utilitário. A satisfação da contadora só existe na satisfação do ouvinte.

Orgulhosa, ela acaricia os cabelos do garoto, diz que ele é um artista popular, uma certeza de que a cultura popular vai continuar seguindo em frente, alimentada do saber dos

antigos, na simplicidade e sem orgulho, porque Deus foi simples. Todas as crianças se reúnem em torno da Mestra que, sorrindo, diz se sentir rica embora não tenha dinheiro: *essas crianças são tudo para mim. Eu estou passando tudo que sei para eles, aconselho que aprendam para ensinarem outras crianças, porque não vou durar para sempre.*

Rachid e a Mestra se despedem entre abraços. Ele confessa estar impregnado de bons pensamentos. Desce a rua acompanhado pelas crianças, voltando o olhar recebe um aceno da Mestra. Levaria para sempre a lembrança daquele ser encantado.

As Histórias de Alagoano, no Crato.

Rachid voltou ao hotel. Visitaria Mestre Raimundo no final da tarde, pois o Mestre passa as manhãs na roça. Sentado à beira da piscina, deixava o olhar vagar pela grandiosidade da chapada, um casal que o observava já há algum tempo se aproximou. O homem se apresenta: é Olival Honor³⁸. Diz que é poeta, e reconheceu em Rachid, no seu olhar embevecido, a sensibilidade dos amantes da poesia. Rachid admite e fala do seu encantamento pelos contadores de histórias.

Márcia Figueiredo, esposa de Olival, que até aquele momento estivera calada toma a palavra. Diz que o tio, Benedito Moreira, setenta e cinco anos é reconhecido em toda cidade como um grande contador, embora alguns o considerem, por seu estilo irreverente, um pouco louco. Todos o conhecem por Alagoano, por ter nascido no Estado de Alagoas. Veio ainda rapaz para o Crato, onde abriu o Bar do Alagoano, um dos mais freqüentados pelos homens da cidade nos trinta e cinco anos em que funcionou. Lamenta que o mal de Alzheimer, em estágio inicial, como uma borracha, comece a deixar lacunas em suas narrativas. Mas, segundo Márcia, ele continua contando histórias, de forma cada vez mais solta das amarras do pudor.

Rachid decide escutar Alagoano, pois, se o mundo é absurdo, ou em todo caso opaco, indecifrável, é preciso escutar a voz daqueles cujo espírito é aparentemente desregrado. Talvez tenham mais chances do que nós (supostos normais) de fugir da selva fechada onde vivemos. Talvez tenham estabelecido um contato qualquer com o nó misterioso das coisas (CARRIÈRE, 2004). Esse pensamento entra em consonância com o

³⁸ Advogado e poeta cratense. Escreveu: Sexto Sentido - poesia-1991, Pátria Minha – poesia – 1995, Vagalumes – poesia – 1996, O Trovador – trovas – 1999 (Comemoração a posse na Cadeira n. 7 do Instituto Cultural do Cariri).

de Lévi-Strauss (1997: 134), para quem: “aquele que sonha com a Dama Dupla, a partir de então, e em tudo que fizer, ninguém mais poderá competir com ele. Mesmo que se comporte como um louco completo, rindo compulsivamente, agindo de modo imprevisível. Mas, em todos os seus trabalhos, ninguém os supera”.



Unindo-se ao casal, Rachid parte em visita a Alagoano. Localizada no alto do bairro Granjeiro a casa de Alagoano, ampla, cercada de varandas, contempla o verde que se estende a sua frente: são jambeiros, cajueiros, mangueiras, bananeiras, abrigando os mais variados pássaros, que enchem de música o ambiente. Beijando a sobrinha ele acomoda a todos, apertando a mão de Rachid pergunta se ele conhece as sete maravilhas do mundo. Frente à hesitação de Rachid, Alagoano, assumindo um ar sério conta:

*Primeira é um pássaro voar e não cair.
Segunda é um peixe viver debaixo da água e não morrer afogado.
Terceira é o jumento ter o cu redondo e cagar quadrado.
Quarta é uma cabra que não tem nada de católica e caga o rosário.
Quinta é o cachorro que não tem nada de trem e engata.
Sexta é a mulher ter o pé da barriga furado e não cair o fato.
Sétima é chupar o ovo sem babar o ovo. Não é uma arte?*

Alagoano lembra que até o Bispo gostava das sete maravilhas, tanto que mandou chamá-lo à sua residência para saber se ele conhecia tantas anedotas quantas ouvira dizer. Com um sorriso malicioso recorda a resposta dada: *só de cu sei trinta e cinco*. A partir desse dia tornaram-se amigos. Pois, tal como refere Morin (1979:118), “precisamos sobrepôr ao rosto sério, trabalhador, aplicado do *Homo Sapiens* o rosto ao mesmo tempo diverso e idêntico do *Homo Demens*. O homem é louco-sábio. A verdade humana comporta o erro. A ordem humana comporta a desordem”.

Alagoano afirma ter cursado apenas o primário (Ensino Fundamental Menor). Com orgulho diz não ter nenhum inimigo. Durante os trinta e cinco anos de bar construiu muitas amizades, tinha um credi-bar e seus clientes honravam o crédito, caso perdessem o emprego a dívida era encostada, para posterior pagamento. Ficando no térreo de uma pousada, o bar além da clientela local recebia muitos viajantes, com suas histórias, e muitos artistas. Patativa do Assaré era presença constante na pousada e cliente assíduo do bar, onde, junto com o amigo Alagoano, contava anedotas e tirava rima, triplicando o faturamento do bar. Diz que seu bar não era freqüentado por mulheres porque: *a verdade está no vinho, depois que se bebe os pensamentos ficam livres, o homem mostra sua verdade, que na maioria das vezes não agrada a mulher*. Lembra, que num mesmo dia passava pelo bar todo tipo de bêbado, que ele classificava mais ou menos assim:

O bêbado égua é aquele que quer pagar a despesa de todos sem ter condições.

O filho de uma égua é aquele que fica tão chato que a gente bota para fora por uma porta e ele entra pela outra.

O pai d'égua é o que paga para todo mundo.

Como exemplo de um filho de uma égua Alagoano conta:

Chegou um rapaz lá no bar e sentou na minha cadeira, que todo mundo sabia que não devia sentar, ele pediu um cigarro, depois outro, outro e mais outro. Aí eu perguntei:

- Meu rapaz, você traga?

Aí ele disse:

- Não, eu fumo sem tragar.

Aí eu disse:

- Pois da próxima vez traga, porque já lhe dei cigarros demais.

Rachid percebe que enquanto fala, sentado numa imponente cadeira de balanço, que mais parece um trono, Alagoano se esforça para reinar sobre as próprias lembranças; faz pequenas pausas, repete a mesma fala algumas vezes, mas constrói a narrativa. Recorda que os clientes transformavam-se em amigos, com os quais caçava nos finais de semana. Conta

que um destes companheiros era muito exagerado: *quando pescava, dizia que para puxar a rede contara com a ajuda de oito homens. Um dia esse amigo extrapolou:*

Meu amigo chegou, pediu uma cachaça e disse:

- Rapaz, eu estava caçando, avistei um bando de pássaros a mais de dois quilômetros. Fiz mira e atirei, matei cinco de uma vez.

Aí eu disse:

- Foi mesmo, pois eu fui pescar e acabei pescando um candeeiro aceso.

Aí ele disse:

- Rapaz, pelo menos apague o candeeiro.

Aí eu disse:

- Eu até posso apagar, se você diminuir a distância e a quantidade de passarinhos.

Essa história apresenta semelhança com a história vietnamita A Árvore Mais Alta, nesta, um viajante fala das maravilhas que o deixaram deslumbrado:

- Num porto longínquo - disse ele -, vi um barco. Ele era tão vasto que um jovem grumete, partindo da popa, chegava à proa de cabelos brancos.

Um dos que o escutavam disse:

- Isso nada tem de surpreendente. Numa floresta, não muito longe daqui, conheço uma árvore tão alta que um pássaro precisa voar durante dez anos para atingir o topo.

- Que mentira! - gritou o viajante. – Não existe nenhuma árvore assim.

- Ora - perguntou o outro -, e com que fizeram o mastro do seu barco?

Ao concluir a narrativa, Alagoano, em meio à gostosa gargalhada, deixa emergir o jovem audaz, aberto às surpresas, pronto a criar novas raízes, mesmo distante da sua terra natal. E nesse momento em que luta para conservar as próprias memórias, a possibilidade de manipular os avessos talvez lhe dê a sensação de decifrar até mesmo o enigma do esquecimento. Para Aparecida Nogueira (2002: 160,159), “a versão do mentiroso transfigura o real em algo mais prazeroso e sedutor. Forja um sentido misterioso, num pêndulo em que a seta do tempo oscila entre a irreversibilidade e a reversibilidade, e num espaço qualitativo que reatualiza o mito”.

Alagoano recorda, com a voz carregada de emoção, do grupo de amigos com quem caçava, quase todos já falecidos. Fala que um dos mais animados era o padre Lima Verde, que só caçava à paisana, mas:

Um dia a gente já estava atrasado para a caçada, e a missa demorando, quando acabou ainda teve batizado, e o padre apressado. Assim que terminou tudo ele veio se reunir ao grupo com a batina que tinha usado nas celebrações. Partimos para a mata. Chegando lá fizemos o mesmo de sempre, cada um escolheu um lugar para esperar a caça. O padre subiu numa árvore e ficou quieto, esperando. Nisso aparece um outro grupo com três homens, quando eles chegaram embaixo da árvore olharam para cima viram o padre de batina, pensaram que era assombração e saíram correndo. Padre Lima Verde gritou: voltem para que eu batize vocês. Aí foi que eles correram, e a gente morrendo de rir. Os homens espalharam que aquele lugar estava assombrado por um padre. Ninguém quis caçar lá e o lugar ficou só nosso.

Segundo Alagoano, o grupo se divertiu muito com a brincadeira, mas quando resolveram contar como o fato tinha acontecido, as pessoas não acreditaram, a história já tinha se repetido por várias bocas, mexido com a imaginação do povo, que não cabia mais na explicação de um autor. Tornara-se parte da história do lugar. Terra de homens de fê, de padres elevados à categoria de santos, mesmo contra a vontade de Roma. Como seria possível aquele chamado para o batismo não ser real? Deste modo, como sugere Carrière (2004: 17), sob forma narrativa a mentira torna-se aliada de todos, traço de união. Ela agradou, continuará sendo repetida, entrando sem esforço na existência cotidiana, de onde ninguém mais conseguirá arrancá-la.

A saudade dos amigos fez orvalhar os olhos e a alma de Alagoano que, com voz ainda mais grave disse: *agora, a vida para mim virou só desengano e eu daria tudo para voltar aos meus vinte anos. O retrato na sala faz lembrar com saudade a minha mocidade.* Afastando as lembranças, levantou e convidou o grupo a passear entre as fruteiras, apanhou jambos ofereceu-os a Rachid, que se despediu dos novos amigos prometendo, a Alagoano, voltar na época do caju.

As Histórias de Mestre Raimundo, no Crato.

Rachid chega à casa de Mestre Raimundo Aniceto ao cair da tarde, sendo por ele recebido: alto, moreno, setenta anos, olhos e sorriso de quem nunca abandonou o paraíso, voz mansa de quem joga a favor do tempo, parecia ser constituído de uma matéria humana rara, aquela que se encontra nos profetas, nos sábios e nas crianças.



Informa que é o mais novo entre os dez irmãos e que seu nome, na verdade, é Raimundo José da Silva, Aniceto foi um nome artístico adotado por seu pai Mestre Lourenço, criador da Banda Cabaçal Irmãos Aniceto, que esse ano (2004) fez cento e sessenta e nove anos de atividade ininterrupta. Com a morte de Mestre Lourenço, que brincou com a banda até os cem anos, cinco irmãos assumiram o grupo, mas deles estão vivos apenas Mestre Raimundo e Mestre Antônio, os sobrinhos complementam a banda.

Lembra que aos seis anos já tocava nas renovações, achava bonito ver tanta gente olhando e aplaudindo: *nossa leitura é pouca, não estudamos muito, mas na música a gente passa em cima, tocamos as músicas de ouvido, porque nossa idéia é boa.* Acredita que recebeu através do pai, junto com os irmãos, *dotes* de Deus para música, agricultura e para caçada.

Rachid, encantado com a suavidade firme daquele homem questiona se ele não teria também o dom de contar histórias. Colocando ainda mais doçura no olhar, o Mestre diz que

para ele as histórias são como a terra na qual se plantam as músicas, as histórias contam sobre a natureza, ensinam ao agricultor os saberes dos antigos, de como conhecer a terra, a chuva, o vento, o sol e esse saber constrói o agricultor e o músico. *Nossa bandinha vem da roça, da cultura, nossos números musicais contam histórias, como a do casamento do gavião, as brincadeiras do sapo, do acauã. Tem música da banda que é a batida do trovão.*

Nesse sentido, Mestre Raimundo mostra um conhecimento profundo de coisas que o pensamento predominantemente domesticado do homem moderno tem esquecido. A relação do homem e a natureza, por exemplo. O homem e a árvore, o homem e o pássaro, o homem e o rio, o homem e a terra, o homem e o céu. O homem e Deus, também (VARGAS LLOSA, 1988). Essa harmonia que existe entre ele e essas coisas, o pensamento ocidental há muito rompeu.

Já a caçada, para o Mestre, é para cabra que tem coragem, e é cercada por histórias: são contadas enquanto se caminha na mata para o local de espera da caça, e no final de cada caçada nascem novas histórias. Tanto que uma das músicas mais tocadas da banda, aplaudida no país inteiro, *O Cachorro, o Caçador e a Onça*, conta uma história de caçada, que aconteceu com o patriarca Mestre Lourenço:

Meu pai era um caçador, eu ainda tenho a espingarda que era dele, uma Nazarena, que é uma coisa louca. Meu pai andava com um cachorro e um camarada na caçada, aí a onça botou nele. O camarada subiu no pau, e meu pai ficou sozinho com o cachorro lutando com a onça. Meu pai gritava:

- Ai meu compadre! Me ajude, que a onça vai me comer!

E o camarada dizia lá de cima do pau:

- Se tu matar, o couro é meu! Se tu matar, o couro é meu!

Aí de fato nós temos a música. “O cachorro, o caçador e a onça”, nós fizemos junto com meu pai essa música. Nós fazemos o gemido do camurim (cachorro) lutando com a onça, quando a onça voa em cima dele.

Orgulhoso, Mestre Raimundo diz: *nossa banda já se apresentou no Brasil todo, levando nossa cultura. A música do cachorro é tocada por muitas bandas que nem sabem de onde ela veio, o menino de Caruaru (da Banda de Pífano de Caruaru) toca como se fosse dele, mas é nossa, foi feita por nosso pai*

(as histórias recusam um dono, espalham-se sobre os homens, são como objetos valiosos que uns roubam dos outros). *Quando vamos para uma apresentação com muitas bandas é engraçado, porque elas tocam nossas músicas sempre do mesmo jeito, nós, como criamos, sempre sai de um jeito diferente.* O Mestre mostra a Rachid os instrumentos da banda, que são feitos por eles mesmos à mão, no facão. Os irmãos recebem encomendas de instrumentos de todo país, demoram um mês para entregar uma bandinha: *agora mesmo estou fazendo um taró, faço com Timbaúba (a Timbaúba ficou para fazer zabumba, é molinha de trabalhar), Inharé e couro de veado. O povo gosta muito das nossas músicas, mas nós gostamos mais, porque fizemos as músicas e os instrumentos.* Nesse momento, Mestre Raimundo, vaidoso, aproxima-se do mito de Narciso, alimenta-se do reconhecimento e dos aplausos do público.

Mestre Raimundo diz ser muito feliz, pois ama tudo que faz, seja na roça ou na banda. E, embora o pensamento ocidental tenha estabelecido uma ruptura do tempo - trabalho e lazer - reflete outra forma de pensar e estar no mundo. Para ele o trabalho não é peso, há uma interação com o ritmo da natureza num pulsar junto. Pelo menos de quinze em quinze dias ele faz uma caçada, outra paixão. Rachid percebeu que ao falar na caçada sua voz assumiu um tom preocupado. Perguntou se a caça na região estava escassa, o Mestre responde que aquele é um lugar de fartura, o problema estaria na interferência do IBAMA³⁹, que: *não sabe de caçada nem de mata e decretou uma inquisição que desmantelou a caça. Se ele pega um cabra com uma espingarda ele toma, diz que é para proteger os bichos, mas a natureza sabe como se proteger. Você vai caçar, se não for para pegar a caça a gente passa por cima dela e não ver, no outro dia se for para pegar a gente pega.* Rachid vê a preocupação desaparecer do rosto do Mestre que numa alegria de menino diz: *mas a gente dá um jeito, sai de fininho e aqui e acolá caça uma coisinha, assim o IBAMA não consegue desmantelar o mundo.*

O discurso do Mestre indica a necessidade de se repensar as políticas públicas, de

³⁹ Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

aproximar os ideais oficiais dos populares, buscando intersecções. Como sugere Morin, é preciso uma razão aberta: que compreenda ao mesmo tempo as carências e os excessos de ambos os pensamentos, que possa compreender as suas virtudes contrárias, que leve ao diálogo consciente dos dois pensamentos. Mas, a narrativa do Mestre reflete também o caráter astucioso do nordestino, que acostumado a cenários adversos, desenvolve estratégias de sobrevivência que lhe permitem, contra todas as probabilidades, ser feliz.

Segundo o Mestre, de caçada, fora o caçador, quem entende é a Caipora:

Eu nunca vi a caipora, mas já vi a sugestão dela, ela deu num cachorro meu, amarrou o cachorro de pé. Cortei o cipó e o cachorro saiu se esfregando no chão que dava pena, aí eu deixei de caçar de cachorro. Você ver Angico cair de estalar dentro da mata, quando você vai lá não tem nada no chão, é só pra fazer medo. Tem dia que é perdido, ela não deixa pegar caça, cachorro fica chorando.

Tem muito caçador que leva um negócio pra ela, um fumo, bota num toco e daqui a pouco está com um veado nas costas, que ela dá. Tem um camarada daqui, ele não gosta que conte, mas deixou de caçar por causa dela. Ele estava caçando quando olhou e viu um toquinho em pé, ele se aproximou e era ela em pé. Ele disse que é bem miudinha, a cabeça bem peladinha, bem moreninha. Esse homem deixou a caçada porque ela gostou dele, vinha atrás dele, vinha bater na casa dele. Ele estava deitado, era meia parede, ele via ela caminhando em cima da parede. Ele viu isso muito tempo, ela trazia ele da mata, ela dava a ele, tatu, veado. Ele mora no Riacho Fundo, está meio velhinho, mas quando eu chego lá ele não gosta de falar, ficou medroso.

Mestre Raimundo diz que a natureza conta todas as histórias, mas ele: *só conto bem dos meus tempos para cá, porque são do meu conhecimento. Para trás conto como me contaram. Agora a história da pedra da Serra da Batateira não é do meu tempo, é do começo, mas a pedra está lá, de amostra:*

Tem uma pedra na Serra da Batateira que é mais ou menos do tamanho de uma Zabumba, o bico dela é estreitinho, mas para baixo ninguém sabe a distinção dela. Ela joga muita água aqui para o Crato, água boa, fininha. É uma riqueza, uma coisa de louco, a água corre por um lado e outro, a pedra fica no meio. A nascente que sai dos lados dela nunca parou. Dizem que se tirarem a pedra do lugar acaba o mundo de água, porque ela tapa o mar. Eu já olhei para ela muitas vezes. Acho que se tirarem ela o mundo não acaba, mas ninguém tira. Porque está na história.

Essa história remete ao tema da narrativa mítica A Caixa de Pandora:

A mulher não fora ainda criada. A versão é que Júpiter a fez e enviou-a a Prometeu e seu irmão, para puni-los pela ousadia de furtar o fogo do céu, e ao homem, por tê-lo aceito. A primeira mulher chamava-se Pandora. Foi feita no céu, e cada um dos deuses contribuiu com alguma coisa para aperfeiçoá-la. Vênus deu-lhe a beleza, Mercúrio a persuasão, Apolo a música, etc. Assim dotada, a mulher foi mandada à terra e oferecida a Epimeteu, que de boa vontade a aceitou, embora advertido pelo irmão para ter cuidado com Júpiter e seus presentes. Epimeteu tinha em sua casa uma caixa, na qual guardava certos artigos malignos, de que não se utilizara, ao preparar o homem para sua nova morada. Pandora foi tomada por intensa curiosidade de saber o que continha naquela caixa, e, certo dia, destampou-a para olhar. Assim, escapou e se espalhou por toda a parte uma multidão de pragas que atingiram o desgraçado homem, tais como a gota, o reumatismo e a cólica para o corpo, e a inveja, o despeito e a vingança para o espírito. Pandora apressou-se em colocar a tampa na caixa, mas, infelizmente, escapara todo o conteúdo da mesma, com exceção de uma única coisa, que ficara no fundo, e que era a esperança. Assim, sejam quais forem os males que nos ameacem, a esperança não nos deixa inteiramente; e, enquanto a tivermos nenhum mal nos torna inteiramente desgraçados⁴⁰.

As duas narrativas mostram materiais (uma pedra e uma caixa) ao mesmo tempo naturais e sobrenaturais, elas remetem à origem, são prova efetiva da verdade do mito, oferecem um sentido. Para Eliade (1993), o mito consegue sacralizar a natureza, ele é uma realidade que pode ser abordada, é uma experiência de fé. Essas narrativas alertam quanto ao perigo de ceder ao desejo de dominar todos os segredos da natureza sem a preocupação com o futuro do planeta. Já Mestre Raimundo, sábio guardião das memórias do seu povo, prefere não desafiar a verdade do mito. E, tal como a esperança permaneceu na Caixa de Pandora (BULFINCH, 1999), permanece, segundo Morin (2001: 71), como aposta para esse século. Poder-se-ia, então, esperar uma política a serviço do ser humano, inseparável da política de civilização, que abriria o caminho para civilizar a Terra como casa e jardim comuns da humanidade. Assim, é necessário que os contadores continuem contando sobre os danos causados pelos demônios da intolerância, da arrogância, talvez disso dependa a sobrevivência do planeta.

Para Mestre Raimundo é importante está atento aos ensinamentos da natureza. *É um negócio que os garotos vão aprendendo com os mais velhos, a pessoa pode não ter estudo, mas tem que ter um pensamento bom, porque é pelo pensamento que a gente verifica, presta atenção a tudo, sabe do tempo, do inverno, dos astros. O agricultor é ligado pelo pensamento, presta atenção a tudo. É obrigado a ser*

⁴⁰ www.Salves.com.br/TxT-pandora.htm

vigilante, a conhecer os materiais, a conhecer o mundo, observar as frutas. Meu irmão, por uma nuvenzinha só, era capaz de saber que o inverno tinha chegado e que no dia seguinte teríamos a primeira chuva. Os mais velhos vão ensinando aos mais jovens a conhecer a roça, saber do tempo, a prestar atenção a tudo, e, como as frutas, eles vão ficando mais madurinhos. Os mais velhos contam aos mais novos como as coisas acontecem e eles vão verificando, aprendendo a olhar, e um dia vão poder ensinar.

O mesmo acontece com a música, os velhos ensinam aos novos como escolher os materiais para os instrumentos, como fazê-los, como tocar, como botar música nas histórias, porque assim acredita o Mestre, eles aprendem a ter prazer na agricultura e na banda.

Segundo Benjamim (1994:200), “o senso prático é uma das características de muitos narradores natos, relata que esse atributo é encontrado num Gotthelf, que dá conselhos de agronomia a seus camponeses, num Nodier, que se preocupa com os perigos da iluminação a gás, num Hebel, que transmite pequenas informações científicas. [...] A natureza da verdadeira narrativa tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária”.

Mestre Raimundo fala que embora os Irmãos Aniceto sejam conhecidos até fora do país, os cachês são suficientes apenas para o cigarro e o café. O primeiro cd⁴¹ foi logo esgotado, nem o Mestre ficou com um, o único que tinha acabou sendo levado por uma repórter, que após uma entrevista pediu o cd. *Mas eu escuto sempre porque toca muito na rádio da região, e até o padre toca a chamada para missa com ele. O segundo fica pronto no final do ano. Quem tem um cd dos Irmãos Aniceto não larga. Eu sou muito satisfeito com o que aprendi e estou aprendendo ainda, na roça ou tocando eu vivo na alegria. O meu maior prazer é tocar no palco e ser aplaudido, pelo público, a gente cresce, fica grande. Se eu estou na roça e vejo o trovão bater aí é que eu avanço. E essa cultura não corre o perigo de acabar, porque nós vamos continuar contando as histórias do nosso pai, as nossas histórias, os novos vão se orgulhando, aprendendo, e vão sentir o mesmo prazer que nós sentimos.*

Mestre Raimundo leva Rachid até um quarto atrás de casa, mostra vários sacos de arroz, o suficiente para chegar com fatura até a próxima colheita. Oferece a Rachid um

⁴¹ Banda Cabaçal Irmãos Aniceto. Volume – 1 da Coleção Memória do Povo Cearense, 04/03/99, que consta de cinco volumes.

café e assegura que guardará um cd para ele. Rachid entendeu que as colheitas daquele Mestre serão sempre fartas, pois ele se doa inteiro: seja na agricultura, na música ou nas relações com as pessoas. Certamente não faltará arroz, cds e amigos em sua vida.

Após visitar Mestre Raimundo, Rachid se prepara para voltar a Olinda. Sai do Crato transbordando da positividade que recebera: das pessoas maravilhosas com quem teve contato, da Chapada do Araripe que o abraçou, das fontes cristalinas que lavaram sua alma. Procuraria Ronaldo Brito, como Mestre Bola sugerira, assim que chegasse, pois o tempo dado pelo gênio estava se esgotando.

As Histórias de Kika e Carol, no espaço Zumbaiá.

Rachid chegou em Olinda, e imediatamente marcou um encontro com Ronaldo Brito, mas apenas para o dia seguinte. Decidira aproveitar o dia passeando pelas praças do Recife. Chegando à Praça da Jaqueira sentiu-se como em um dos jardins do seu palácio: os canteiros, os banquinhos, a pequena capela, os vendedores de balões, as bolas de sabão que bailavam no ar e mil outros adornos concorriam para torná-la verdadeiramente bela, mas o que tornava aquele lugar mais admirável era o som de sorrisos infantis que enchia os ares.

Um pouco cansado, resolveu tomar um café em uma galeria próxima à praça, de lá continuaria observando aquela desordem ordenada que harmoniosamente envolvia: crianças, vendedores, esportistas, místicos, idosos... Chegando à galeria foi atraído pelo nome Zumbaiá, na vitrine de um dos seus espaços, lhe pareceu um nome forte, quis saber o que significava, e que tipo de pessoa faria parte dele, tocou a campainha.



Francisca Suassuna de Mello Freyre, vinte sete anos de idade, abre a porta. Rachid explica que foi seduzido pelo nome colocado na vitrine, sorrindo ela o convida a entrar e o apresenta a Ana Carolina da Silva Araújo, trinta e dois anos. Ambas dizem que são contadoras de histórias, psicólogas e arte-terapeutas. Agradecendo a interferência do acaso, Rachid fala do seu envolvimento com as histórias, elas o convidam para entrar em uma sala maior, com tapetes e almofadas no chão, pedem que tire os sapatos, pois aquele é um espaço sagrado. Elas não o consideram como um simples consultório, mas como um espaço no qual se entra na história do outro.

Carol explica que Zumbaiá é uma palavra de origem africana e significa reverenciar o sagrado. Cada paciente que chega traz a própria história, e as terapeutas procuram facilitar o encontro entre essa história individual com as histórias universais, ambas sagradas, formadas da mesma essência.

Carol que além de trabalhar com histórias como psicóloga, trabalha com os velhos do bairro de Apipucos, como arte-terapeuta, num programa da Fundação Gilberto Freyre, diz que fez opção por trabalhar com histórias porque através delas chega-se como nuvem a lugares onde às vezes está uma grande tempestade, elas dão o recado que se precisa receber num momento preciso. Elas podem, também, ser a gota que desencadeia a tempestade.

Ressalta, que não basta contar histórias para chegar à alma do ouvinte, é preciso ser um contador de histórias, pois uma história só se deixa revelar completamente quando se reconhece na boca de um contador. Diz que, quando pequena, ouviu muitas histórias contadas pela avó materna, uma grande contadora de histórias, e da mãe. Lembra que quando faltava energia a mãe pegava uma enorme peneira e movimentando-a suavemente, contava histórias, assim, a luz chegava trazida pelas histórias. Se permitir ouvir histórias é muito importante, é dá prioridade para o tempo de encontro.

Kika (Francisca) diz que vem de uma família de contadores. Em Taperoá, cidade paraibana, em noites estreladas toda família se reunia no terreiro da fazenda para ouvir os causos. O bisavô era um grande contador de histórias, os avós herdaram o dom e também eram conhecidos como bons contadores, e os pais a acalentavam com histórias. *Hoje poucos pais contam histórias para os filhos dormirem, colocam dvds, não tem a troca de afeto que acontece na contação. Depois trazem as crianças com problemas para dormir.*

Kika trabalha com histórias: no Zumbaiá (com adolescentes e crianças), com os velhos de Apipucos, em uma clínica psiquiátrica (com adultos), no Colégio Santa Maria

(com crianças) e com crianças em tratamento de câncer e cardiopatias do Hospital Geral. Para Kika é especialmente importante ser a voz das histórias para as crianças com câncer: a partir do momento do internamento a liberdade é tolhida, pois o hospital é regido por muitas regras. O início do tratamento dentro do hospital é aproximadamente de oito meses, com apenas um acompanhante, braço preso na quimioterapia. Eles acompanham o vizinho morrer, às vezes o vizinho chega depois e morre, fica-se na expectativa da própria morte. Nesse movimento as histórias possibilitariam uma *maneira mais dionísica* de lidar com a morte. Através das histórias pela voz do contador se estabelece um espaço de relação, toda enfermaria compartilha uma história, as crianças esquecem as grades dos berços, sentem-se livres, vão a outros lugares, vislumbram outras possibilidades.

Para Kika tão importante quanto ouvir histórias, para aquelas crianças, é o momento onde criam histórias, nesse instante o lápis da vida está na mão de cada um, podem escolher o cenário, decidir o destino dos personagens. Nessa perspectiva, concordando com Maria da Conceição de Almeida (1999), uma situação traumática pode se transformar na condição de emergência para um ato criador, e o conhecimento a partir daí produzido, pode retroagir e redimensionar, o que, à partida, se constitui apenas uma contingência negativa.

As histórias são metáforas de que eles se utilizam para falar de seus medos e esperanças. Quando um deles vai para a UTI eles criam a história de um cachorro que quebrou a pata e foi para o hospital. Eles se agarram à liberdade das histórias, que possibilitam saídas mágicas, como a idéia de ressurreição, elaboradas pelo inconsciente coletivo (JUNG, s./d.). Lembra que uma menina pediu que contasse a história de Rapunzel. Na outra semana, quando chegou para contar soube que a menina estava em coma, pediu permissão à mãe para contar, a mãe hesitou. Não via sentido em contar histórias para alguém em coma, mas concordou, pois Kika argumentou ser a audição o último sentido

humano a adormecer, e ao lado do leito contou. Toda enfermaria silenciou para ouvir, a mãe ao término da história chorava compulsivamente. Dois dias depois a menina morreu. Talvez a história ouvida tenha sido uma companheira que tenha tornado mais leve um momento que não se pode definir.

Segundo Kika, quando acontece uma morte as crianças dormem ouvindo histórias, elas se calam para a comunicação real, sonham, pois as histórias têm o poder de fazer sonhar, e assim elaboram num outro registro. A função geral dos sonhos é tentar restabelecer a nossa balança psicológica, produzindo um material onírico que reconstitui de maneira sutil o equilíbrio psíquico total (JUNG, s./d.).

Para Kika, as crianças aguardam o contador com o encantamento de quem recebe uma fada com uma varinha de condão, e mostra uma história criada por Wellington, dez anos, um de seus ouvintes:

A Princesa das Histórias

Era uma vez uma princesa que aparecia com um livro de 52 histórias bonitas. Ela também era bonita e as histórias eram bonitas como ela. Ela sai contando histórias para um e para outro e até quem está dormindo, acorda quando escuta a voz dela. Ela fala baixinho e ninguém gosta quando ela vai embora, porque tudo volta a ser como era antes, tudo volta a ser triste. Ela faz as pessoas sorrirem e não terem medo do tratamento. O livro é o seu amigo, e agora é meu também e de todos daqui; daqui do CEON e de onde ela passar. Ela tem a feição de uma princesa. Ela ri muito. Ela é a princesa Kika e o seu livro é Volta ao Mundo em 52 Histórias. E eles são meus novos amigos. Alguma coisa boa me aconteceu. É só.

Sendo assim, a presença do contador, vivificando as histórias, oferece às crianças a oportunidade de evadir-se das dores e medos do cotidiano hospitalar, pois contar uma história, além da partida rumo a outro lugar, é uma determinada maneira de, num mesmo movimento, deixar-se levar pelo tempo e negá-lo. Um tempo de narração instalou-se quase sem esforço sobre o leito do senhor implacável. Este, por um momento, parece perder toda

influência e abrir mão de qualquer ação sobre nós. Nós estamos nele, no vácuo da sua onda, nós somos ele (CARRIÈRE, 2004).

No Zumbaiá, a intimidade que os jovens adquirem com as histórias ajudam a que celebrem a vida, a que sintam-se capazes de alterar o enredo enfrentando o lado doloroso da vida com mais força.

Rachid, lembrando das contadoras do CEPOMA e do Centro Social da Torre, que através das histórias além de trabalharem a aprendizagem formal trabalham cidadania, questiona, se no Colégio Santa Maria (localizado no Bairro de Boa Viagem), de classe média-alta e alta o objetivo é semelhante. Kika diz que no Santa Maria ela conta histórias para crianças do jardim-I até à alfabetização, são crianças que ainda não sabem ler, que teriam nas histórias um caminho para no futuro ter uma relação de prazer com a leitura. Esse seria o único e bem delimitado objetivo das contações para o colégio. Segundo Kika, o que vem a mais é mérito da própria história, que não se deixa usar só com esse objetivo, freqüentemente as crianças são levadas pelas histórias a questionar situações do ambiente escolar e familiar. Assim, tal como Morin (2001) afirma que as idéias têm vida e poder, as histórias, seres animados, teriam o poder de transgredir os limites impostos, levando as crianças a questionar seu papel social.

Tanto Kika quanto Carol dizem ser muito gratificante contar para os velhos, embora ressaltem que se conta para pessoas, a divisão entre: contar para bebês, crianças, jovens, adultos ou velhos tem relação apenas com o espaço no qual a contação está se desenrolando, não com a forma de contar. Lamentam que os velhos sejam vistos como uma história acabada sem futuro. Para elas, o foco do trabalho com os idosos não deve ser o resgate de suas memórias, o esquecimento deve ser respeitado. No Encontro com as velhas, as terapeutas partem da certeza de que elas estão em processo de construção da própria

história, assim, além de escutarem histórias elas contam desde histórias do passado a histórias do presente e imaginam histórias futuras, pois o velho não tem como único alimento o passado, embora assumam, de certa forma, a função de lembrar: de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (BOSI, 1994). O olhar das contadoras reverencia todos os personagens das histórias humanas.

Acreditando que as histórias se negam se não encontram um contador, Kika e Carol resolveram oferecer um curso de contação de histórias, realizado anualmente, com duração de nove meses, tem como alvo aquelas pessoas que se sentem seduzidas pelas histórias, mas gostariam de ter um relacionamento mais profundo com a contação. Elas comentam que nesses nove meses, uma gestação, muitos contadores de histórias despertam.

Rachid sai do Zumbaiá impregnado de sua força sagrada. Vagarosamente retorna a sua pousada em Olinda, adormece rapidamente, talvez para não pensar naquelas crianças, que tão precocemente têm que enfrentar o mais terrível fantasma que paira sobre a humanidade: a morte.

As Histórias de Ronaldo Correia de Brito, na Iputinga.

No dia seguinte, mal o sol se ergueu, Rachid tomou a direção do Recife, decidira tomar o café da manhã no Mercado São José, de onde andaria até o porto, e de lá seguiria para o encontro com Ronaldo Brito. Chegando a casa dele, exatamente à hora marcada, foi recebido pelo jardineiro, que o encaminhou a um amplo terraço, cercado de muito verde. Na parede uma máscara vermelha, semelhante as usadas por feiticeiros em rituais sagrados, olhava Rachid.



Após alguns instantes Ronaldo Brito entra no terraço, chamando atenção para a cantiga dos pássaros senta em frente a Rachid, que diz ter chegado a ele através de Mestre Bola, para quem, em Ronaldo, para além do médico, teatrólogo, prosador, encontra-se o contador de histórias.

Ronaldo concorda, afirma que a narrativa oral sempre esteve presente em sua vida, e sempre que escreve o faz dentro de uma perspectiva da narrativa oral. Comenta com um sorriso irônico que alguns temem que sua escrita não atinja os padrões pós-modernos, uma vez que se equilibra de forma delicada entre a escrita e a tradição oral. Entretanto, não demonstra nenhuma preocupação com esses comentários, acredita que o fim da escrita é retomar a narrativa oral, na realidade todo conto ou novela buscaria ser narrada oralmente.

Nesse sentido, testa sua escrita dando-lhe voz em frente a uma platéia, pois dessa forma consegue sentir a força de seus textos como narrativas, e se certifica quanto a

estarem cumprindo a função de contar uma história, sem outra intenção que não seja a de narrar uma história.

Quanto a sua formação como contador de histórias, Ronaldo diz ter bebido da fonte de grandes contadores: o pai é cuidadoso na construção de narrativa, cria um cenário, um clima, situa a narrativa dentro desse universo. Já a avó tinha uma narrativa ricamente fragmentada, com tempos recorrentes, com idas e vindas. Os tios também são bons narradores. Focaliza, também, o contato que teve com muitos contadores profissionais, que percorriam as fazendas e engenhos onde viveu a infância.

Convivendo com tão rico arsenal de contadores aprendeu a narrar, atendeu a um chamado da tradição narrativa da família. Tendo aprendido a ler e escrever passou a buscar um equilíbrio, que persegue até hoje, entre a linguagem oral e a escrita, levando em conta o mundo da imagem, que também é um mundo narrativo.

Refere que foi convidado, recentemente, para dar um curso em uma universidade recifense sobre a construção da literatura infantil, mas na hora solapou a própria aula, decidiu falar sobre o que estava com vontade: a construção da narrativa. De início as pessoas estranharam a utilização de um dvd com uma ópera, Dido e Enéas, para ilustrar a construção da narrativa. Focaliza que: Dido e Enéas é um tema mítico, o grande poema da história de Roma, recontado por Virgílio na sua Eneida:

Dido era uma princesa fenícia no sec. IX A.C. da cidade de Tiro localizada onde hoje é o Líbano. Seu irmão, o rei Pigmalião assassinou seu marido, o grande sacerdote Arquebas. Dido fugiu num navio, com vários seguidores dispostos a fundar uma nova cidade. No lugar escolhido para ser Cartago tentou comprar terras do rei local, Jarbas da Numídia, para que pudessem se estabelecer. O arranjo que conseguiu com o rei foi que só teria em terras o que pudesse contornar com a pele de um animal. Dido e seu grupo decidiram então cortar a pele em tiras tão finas quanto possível, emendar todas e englobar num semi-círculo um terreno beirando o mar.

Dido e Enéas

A obra Eneida de Virgílio conta à epopéia de Enéas de Tróia, que depois de ter sua cidade tomada por Agamenon, fugiu de navio com seus seguidores. Ele viajou da Ásia menor através do mar mediterrâneo até finalmente aportar na Itália e fundar Roma. Na sua viagem parou em Cartago e encontrou Dido, que se apaixonou por ele. Mas Júpiter interveio e ordenou que Enéas abandonasse Dido, que, em desespero se atirou de um penhasco e morreu.

Depois, no período Barroco inglês, essa história é contada novamente em uma ópera, um compositor a transporta para ser vivida e cantada no palco. Já na atualidade um coreógrafo canadense, resolveu dançar a ópera com um corpo de baile, assim, narra a história com a dança, com o corpo. Seu objetivo foi, com essa ilustração, mostrar que a narrativa tem várias formas de se apresentar, ela está em permanente transformação, cada vez mais viva. Para Ronaldo, o que não se pode esperar é encontrá-la, muitas vezes, na forma que se deseja.

Outra forma que encontrou para ilustrar os movimentos da narrativa, no já referido curso, foi através de cds de cantoras populares portuguesas, cantando romances do século XIV, XV, XVI, romances do medievo, que praticamente não são cantados na atualidade. Entretanto, de alguma maneira se transformaram. Por exemplo, a melodia de um desses romances foi incorporada, por uma cega do Juazeiro, ao romance do Pavão Misterioso, com a melodia de 600 anos atrás, por sua vez Ronaldo pegou esse folheto e adaptou o Pavão Misterioso para o teatro e posteriormente para a prosa. A narrativa cumpre essa dinâmica.

Ronaldo lembra de um poema coreano, um épico, que foi transportado para o cinema num filme sofisticado. Nele, um declamador clássico, declama com um leque na mão acompanhado por um marcador de ritmo, com um pequeno tambor. Assiste-se a uma narrativa cinematográfica. O cinema dá continuidade à narrativa do poema, nova transformação da narrativa.

Outro exemplo poderia ser o de Peter Brook, que pegou uma das narrativas mais clássicas, o Mahabharata, e junto com Carrière adaptou-a para o teatro numa peça de sete horas, nela um grande contador narra a história, que se desenvolve. Outra transformação da narrativa, outra forma de narrar. Seguindo esse movimento, para Ronaldo, dizer que a narrativa oral desapareceu ou está em declínio é querer cristalizá-la dentro de um formato, de um tempo, de um espaço.

Rachid pergunta como Ronaldo percebe a relação dos narradores com as narrativas, diante desse constante movimento que realizam entre universal e particular. Ronaldo diz que essa relação assemelha-se à história indiana, Os Cegos e o Elefante:

Um rei, à frente de um soberbo cortejo, veio a passar numa aldeia onde todos eram cegos. Esse rei viajava no lombo de um elefante, animal que era desconhecido nessa parte da terra. Ao ouvirem falar do animal, aparentemente assombroso, muitos cegos da aldeia, reunidos numa delegação, foram até o rei e os integrantes do seu séquito. Eles foram autorizados a tocar no elefante, que não opôs resistência. Quando voltaram a aldeia, um grande número de cegos reuniu-se em torno deles, pedindo que descrevessem o animal fantástico. O primeiro cego, que havia tocado apenas na orelha do elefante, disse:

- É um animal grande e achatado, um pouco áspero, como um tapete velho.

O segundo, que tinha tocado a tromba, disse aos outros cegos:

- É comprido, oco e se mexe. Ele tem muita força.

O terceiro cego, que tinha tocado numa pata, disse:

- É sólido e estável, como uma pilastra.

Os habitantes da aldeia, como era de se esperar, não se satisfizeram e perguntaram por outros detalhes, mas os três cegos foram incapazes de se pôr em acordo. Alguns cegos, mais sábios que os outros, sugeriram que uma nova delegação fosse enviada ao rei, com o objetivo de obter uma descrição mais completa da sua montaria. Foram escolhidos os mais inteligentes entre os cegos, para essa missão. Mas, quando eles chegaram, o rei e seu séquito tinham partido.

Rachid entende que o grande elefante poderia representar a universalidade das histórias, já os três cegos lembrariam que sendo tocada por cada comunidade em particular a história assume a face local. E, o fato dos cegos mais inteligentes não conseguirem chegar a tempo para desvendar o segredo daquele animal, mostra que a história, como um símbolo, não se deixa apreender completamente, escorrega, continua desafiadora, mesmo frente ao desenvolvimento técnico-científico.

Ronaldo acentua que as narrativas não têm que ser necessariamente fabulosas. As narrativas do cotidiano se transformam na narrativa de uma determinada comunidade. Em todos os lugares é possível encontrar pessoas narrando, embora apenas algumas tenham o dom de narrar. Um ouvinte atento vai encontrar, nos espaços em que circula, grandes catedrais narrativas. Pois, se o homem não narrar esgota a sua função vital que é se construir. O indivíduo se constrói através da narrativa: constrói sua história, a história da família e do grupo. Na verdade, segundo Ronaldo, as nossas histórias são em boa parte pura mentira. Temos algumas pedrinhas de verdade, o restante do alicerce é complementado por mentiras, que são fundamentais, no sentido de inventar, de elaborar. O bom narrador é, de certa forma, um mentiroso. Os fatos acontecem, e se fabula em torno dele, e o narrador transmite esses fatos revestidos de encantamento.

Rachid pergunta se, nessa linguagem que transita entre a carne e o espírito, uma sociedade pode ser revelada em toda sua complexidade. Ronaldo responde contando uma história colhida por um escritor francês:

Essa narrativa se passa na Córsega. A ética do povo daquela região mandava que as pessoas acolhessem qualquer um que pedisse abrigo. Num vilarejo, próximo a uma floresta em que se abrigavam os bandidos, morava um homem, que tinha três filhas, as quais pouco considerava, pois naquela região as mulheres pouco valiam, e um filho homem, um menino de doze anos, sua verdadeira riqueza. Certo dia, enquanto o homem e a esposa saíram para trabalhar no campo, um bandido, abandonando a proteção de floresta foi a vila comprar munição para caça. Reconhecido pela polícia tentou fugir, sendo ferido. Na fuga chegou a casa do homem, na qual só se encontrava o menino. Ferido, o bandido pediu abrigo, diante da recusa do menino disse que o pai do garoto jamais lhe recusaria hospitalidade. Como o menino manteve a recusa, o bandido lhe ofereceu uma moeda, o menino aceitou e o escondeu no celeiro em um monte de feno, depois apagou todos os sinais da presença do bandido. A polícia, que vinha em seu encalço chegou a casa do menino. Questionado sobre a presença do bandido o menino nega saber qualquer coisa. Entretanto, o chefe da polícia que era parente do menino continuou insistindo, não via melhor lugar para que o bandido se escondesse, uma vez que ferido não poderia ir longe. Como o menino continuava negando, o policial ofereceu-lhe um relógio, em troca de que revelasse onde o bandido se escondia. Aceitando a oferta, o menino mostra o local do esconderijo. Quando os policiais retiravam o bandido do esconderijo o pai do menino chegou, o bandido olha para ele e o acusa de traição, de ter traído a lei da hospitalidade. Aquilo destrói completamente o homem. Ele só tem uma saída, e imediatamente assassina o filho, como única forma de calar aquele crime de traição à hospitalidade.

Para Ronaldo, essa história mostra de maneira contundente, que as narrativas orais, servem para todos os povos como uma forma de estabelecer uma ética. Elas expressam os valores morais, culturais, históricos, os costumes de um povo. A narrativa oral é um código tão ou mais poderoso que o código de leis oficial, porque é subliminar, ele é de fato a lei. Esse conjunto de narrativas, que é patrimônio de todos, é estruturador de todas as culturas, de todos os grupos, todas as comunidades, todas as famílias. As histórias da tradição, que remetem a tempos imemoriais, incorporam-se às histórias locais e a das famílias.

Essa narrativa assemelha-se ao primeiro conto do livro FACA, de Ronaldo: A Espera da Volante.

Nesse conto, um velho sertanejo preso à lei da hospitalidade, que vigora no sertão nordestino, vê-se na obrigação de receber em sua casa um assassino. O velho o alimenta e trata seus ferimentos, embora saiba que pagará com a própria vida essa acolhida. Após a partida do hóspede o velho fica sentado a espera da Volante, que em perseguição ao assassino não demoraria a chegar. Sabia que seria torturado e morto pelos policiais da Volante, mas não poderia ter quebrado a lei sertaneja da hospitalidade, estava preso a uma ética.

Para Davi Arrigucci Júnior nos contos de Ronaldo Brito o drama concentrado ganha força simbólica geral, de modo que o sertão tende a virar mundo, como palco de contradições e conflitos humanos. Na realidade, é o vasto mundo que vai até o mais fundo do sertão. Evitando tanto o documento bruto quanto a pura fantasia, seus textos tendem a uma difícil combinação de realismo com alegoria⁴².

Ronaldo ilustra o movimento recursivo das narrativas orais, em que sendo criação, para sinalizar caminhos, retornam como criaturas, penetram no interior do grupo impondo-se investidas de autoridade:

Na minha casa havia uma lei sobre o cumprimento da palavra e a obediência ao pai. Meu pai (João) contava que quando menino, dez anos, pediu permissão ao pai para visitar a irmã que morava um pouco afastada da

⁴² Pós-fácio do livro FACA de autoria de Ronaldo Brito. Lançado pela Cosac & Naify, São Paulo, 2003.

cidade. O meu avô concordou, entretanto deixou claro que o filho deveria regressar no mesmo dia, para que pela manhã pudesse cumprir a sua obrigação de ajudar a ordenhar as vacas. Distraído com os afazeres e conversas na casa da irmã não percebeu o adiantado da hora, resolveu não enfrentar os perigos que nas sombras rondam as estradas, pernoitou com a irmã. No dia seguinte o pai quase lhe bateu por ter desobedecido ao pai. Com o passar do tempo, já adolescente, se viu em situação semelhante, e, embora caísse um daqueles grandes temporais do sertão, que transforma riachos mansos em rios furiosos, ainda assim despediu-se da irmã, arriscou a vida atravessando o rio e já madrugada, chegou em casa. Em silêncio tirou a roupa molhada e deitou-se. Ao amanhecer o pai chamou os outros seis filhos, ouvindo a voz do pai João enrolado no lençol atendeu ao chamado e pediu a benção. O pai, surpreso, pergunta que loucura foi aquela de enfrentar a tempestade na madrugada. João responde que enfrentou os perigos para obedecer ao pai, chegando a tempo de ordenhar as vacas. O pai diz que naquela situação ele deveria ter usado o bom senso. João responde que quando menino seguiu o bom senso e quase apanhou, então resolveu simplesmente obedecer ao pai.

Ronaldo diz que já contou aos filhos essa história vivida por seu pai. Assim, essa narrativa passou a circular dentro da família tornando-se parte de seu universo narrativo. As famílias criam suas histórias, ou selecionam outras que são importantes para que se tornem leis, exemplos a serem seguidos. Esses códigos narrativos rompem os limites da família, penetrando nas comunidades, nas cidades.

Rachid percebe que todas as perguntas que fez a Ronaldo foram respondidas com narrativas, e, em nenhum momento o diálogo mostrou-se fragmentado. Sendo um grande contador não ilustrou seu discurso com narrativas, pelo contrário elas construíram toda sua fala.

Segundo Ronaldo a pós-modernidade movimentou-se no sentido de desconstruir a narrativa, negando-a. Talvez por temê-la, pois o que mudou foi o caráter do herói. A narrativa clássica constitui-se em uma tríade: cosmo – caos – cosmo. O indivíduo fere a lei do cosmo, instaura o caos, a desordem, e pela consciência do erro e sua expiação, restaura a ordem, o cosmo. Já o herói pós-moderno está enfraquecido, ele termina surtado, não aponta para nada, não há saída. Ele está enlouquecido, mas sua loucura não é criativa, trata-se de uma esquizofrenia, de uma ruptura sem recostura.

Questionado por Rachid sobre como vê a própria obra, Ronaldo diz que: tanto nas peças teatrais, nos livros de contos, no exercício da medicina, como pai, como contador de histórias, busca escutar e narrar. Assim, a própria narrativa cumpre seu destino de fazer rir, chorar, pensar.

Com um forte abraço se despedem. Rachid sai com a sensação de ter transitado por entre as entranhas da narrativa oral, tinha testemunhado o carinho com que Ronaldo tratava cada palavra, que articulava com a precisão e delicadeza de um artesão manuseando sua peça mais querida. Suas respostas narrativas desdobravam-se para além da pergunta. Rachid, enquanto caminhava de volta à pousada foi recordando uma história persa muito antiga:

Ela mostra o narrador como um homem isolado, de pé sobre um rochedo diante do oceano. Ele conta sem parar, história atrás de história, mal fazendo uma pausa para beber, de vez em quando, um copo d'água.

O oceano, tranqüilo, o escuta fascinado.

E o autor anônimo acrescenta:

- Se um dia o contador se cala, ou se fazem com que se cale, ninguém pode dizer o que fará o oceano⁴³.

⁴³CARRIÈRE, Jean-Claude. **O Círculo dos Mentirosos: contos filosóficos do mundo inteiro**. São Paulo: CÓDEX, 2004, P.414.

O Regresso de Rachid.

Rachid chegou à pousada junto com o começo da tarde, estava cansado, mas sentia uma profunda paz repleta de saudades: saudade do seu tempo e de sua gente, saudade de um povo que aprendera a amar e que teria que deixar em breve.

Passando pela recepção foi surpreendido pela imagem de Mestra Zulene na televisão, aproximando-se escutou sua voz firme falando do prazer que tem em brincar e da importância das brincadeiras para suas crianças, que surgiram na tela com suas roupas coloridas na roda de maneiro-pau. Mal respirando de emoção Rachid vê surgir a Banda Cabaçal Irmãos Aniceto e escuta, maravilhado, Mestre Raimundo contar um pouco da trajetória do grupo. Em seguida surgem santeiros e mestres de outras brincadeiras.

A repórter diz que em reconhecimento a presença, naquela região, daqueles mestres, verdadeiras fontes de cultura, foi aberto processo para que a região do Cariri seja reconhecida como Patrimônio do Povo Brasileiro. Rachid pergunta, à recepcionista, se muitas pessoas teriam visto aquela reportagem⁴⁴, teve como resposta que o Jornal Hoje, da Rede Globo de Televisão, que o exibiu, tem uma enorme audiência em todo país. Sentiu o coração mais leve.

Lembrou de sua chegada nesse tempo e da sua alma atormentada pela idéia de encontrar um mundo sem narradores e suas histórias, sociedades à deriva, sem raízes, perdidas num vazio global, um mundo amnésico, pois órfão de contadores que pudessem manter as memórias de cada povo e da humanidade constantemente reanimadas.

Com um leve sorriso afastou esses pensamentos, pois nos quatro meses em que viveu na modernidade todos os seus caminhos apontaram para a atualidade e relevância da

⁴⁴ Reportagem exibida no dia quatro de Setembro de 2004.

contação de histórias. E, se por um lado, encontrou um mundo assustado por violências, as mais diversas, por outro lado, os narradores que iluminaram seu trajeto nada tinham de fraqueza ou medo. Narram em casa para os netos, nas escolas públicas e particulares, nos abrigos para meninos de rua, na beira da praia, nas telas dos cinemas, no palco do teatro, no pé-de-serra associando às brincadeiras, como letras de músicas; em fundações culturais, nos bares, em consultório psicológico, em grupo de velhos, em hospitais, na T.V. Entendeu que os sons de uma grande cidade não implicam, necessariamente, o calar dos contos e poemas pertencentes à tradição oral, pois nesse hibridismo se busca encontrar formas confiáveis de sociabilidade (CANCLINI, 2000).

Assim, as narrativas orais apresentaram um movimento de transformação que comungam com a idéia de Lévi-Strauss de que os mitos se transformam, e que essas transformações afetam ora sua armadura, ora seu código, ora sua mensagem, mas o mito permanece. Ao lado da forma tradicional, elas se vestem com diversas roupagens modernas, mas mantêm a essência de comunicar, estabelecer relações, apontar caminhos, ensinar sobre a vida e a morte.

No discurso dos contadores esteve presente a certeza de uma coragem maior que a dos demais membros do grupo, demonstraram a consciência de terem recebido o dom da contação dos antepassados ou de Deus. Nesse sentido encaram com naturalidade a missão de dá exemplos, de transmitir, reatualizando, através das narrativas orais, modelos do mais longínquo passado. Assim, narrar é lazer e é arte, mas antes de tudo é um fazer dentro da própria vida; sendo, portanto, uma forma de saber. Dá-se e circula como um objeto sem preço, um bem comum, valor de estimação (LIMA, 1985). Pois, mesmo os contadores que se utilizam dessas narrativas em atividades formais, na sua maioria o fazem como entrega

de uma dádiva. Poderiam ser psicólogos, professores... e não narrar, entretanto respeitam o dom recebido e o fazem dialogar com o saber acadêmico.

Rachid lembrou de suas dúvidas em relação aos cursos de contação de histórias, agora entendia que, na realidade, eles simplesmente reuniam contadores, uns (professores) como guias, que mais que ensinar sopravam a chama da contação que nos outros (alunos) existia frágil, mas teimosa. Seria uma espécie de estratégia para fortalecer a continuidade da existência dos contadores e lançá-los como sementes na árida modernidade.

Quanto a mim, lembrando Gilbert Durand (2002) e sua bacia semântica, imaginei cada um dos contadores reinando em pequenos córregos de águas poderosas, carregadas de memórias, que suavemente deslizam ao encontro do grande rio, no qual correm águas racionalistas, amantes do mercado, do poder técnico-científico, dos comunicados telegráficos, assim, em alguns pontos a enorme massa de água escura é penetrada por águas cristalinas, elas fluem juntas.

Rachid, atendendo ao convite da brisa que se tornava mais forte, deixou a pousada. Envolvendo-a com um olhar carinhoso dirigiu-se à praia, caminhou pensando nas crianças e jovens que conhecera nos universos narrativos, sentiu o calor do brilho dos seus olhos invadir-lhe a alma, o som das suas narrativas permaneceria encantando seu espírito. Aquelas crianças estavam sendo preparadas pelos mestres, seriam os futuros guardiões dos valores morais, culturais, históricos, dos costumes de seu povo. Autênticos pastores cujas narrativas encantariam e uniriam rebanhos.

Próximo à praia, já iluminada pelas estrelas, ouviu alguém gritar seu nome, voltando-se reconheceu Socorro Ferreira, abraçaram-se como velhos amigos. Socorro diz que depois de narrar para ele, Dona Amara passou a não temer o esquecimento, voltou a contar e tem encantado a família cantando histórias. Rachid pergunta por Conceição

Ferreira. Socorro informa que, voltando de Barreiros com Conceição, há poucos dias, o carro apresentou problemas. Enquanto pararam, à beira da estrada, Conceição começou a contar histórias para alguns meninos que se aproximaram. Logo foram chegando outras crianças e suas mães, formando um público de mais de vinte pessoas; assim, ela assumiu o contar também em espaços informais. Com novo abraço se despediram.

Rachid e eu sabíamos que era chegada a hora da despedida, tínhamos sido pegos em uma emboscada espiritual (VARGAS LLOSA, 1988), o compartilhar de tantas histórias de alguma forma nos tornou diferentes, sem dúvida nossa fé em um mundo mais humano, onde cada um sintasse parte de uma história maior, com responsabilidades com o seu desenrolar, adquiriu raízes profundas.

O vento forte envolveu meu amigo, quis pedir que ficasse, mas ele era o guardião das histórias do seu povo, tive o ímpeto de ir, mas a minha história está sendo escrita junto a outras histórias aqui. Sua presença física foi desaparecendo, imaginei-o abraçado pelo enorme rei dos gênios, recebido com grande pompa e carinho em seu palácio. Permaneci olhando o mar, guardaria sua presença na minha alma, na minha memória, assim ele estaria comigo em novos caminhos.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Ma. da Conceição de. *Biologia Social das Emoções*. In: Revista **Complexidad**. Ano 2, número 6. 1999.
- ARAÚJO, Alberto Felipe; BAPTISTA, Fernando Paulo. **Variações Sobre o Imaginário: Domínios, Teorizações, Práticas Hermenêuticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- ARAÚJO, J. **Crianças: Outras Histórias**. 2002
- ASSMAN, Hugo. *Caminhos Feitos no Caminhar* (prefácio). In: Azevedo, Israel B. **O Prazer da Produção Científica**. Piracicaba: Ed. da UNIMEP, 1995.
- ATLAN, Henri. **O Livro do Conhecimento: As Centelhas do Acaso e a Vida**, Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- AUGRAS, M. **A Dimensão Simbólica**. Petrópolis: VOZES, 1998.
- BACHELARD, G. **A Chama de Uma Vela**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BAKHTIN, M. Introdução – Apresentação do Problema In: **Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC, 1987.
- BALANDIER, G. **A Desordem: elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- _____. Os Caminhos Embaralhados. In: **O Dédalo, Para Finalizar o Século XX**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaio sobre a literatura e história da cultura**. 7º ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. Livros Infantis Velhos e Esquecidos. In: **Reflexões Sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOAS, Franz. **El Arte Primitivo**. México: Fundo de Cultura Econômico, 1947.

- BOSI, E. **Memória e Sociedade – Lembrança de Velho**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRITO, Ronaldo Correia de. **Faca**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- BRUNEL, Pierre. **Dicionário de Mitos Literários**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Brasília – UNB, 1998.
- BULFINCH, T. **O Livro de Ouro da Mitologia: A Idade da Fábula Histórias de Deuses e Heróis**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- CAILLÉ, Alain. **Antropologia do Dom o Terceiro Paradigma**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CALVINO, I. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANCLINI, N. Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CARRIÈRE, Jean-Claude. **O Círculo dos Mentirosos: contos filosóficos do mundo inteiro**. São Paulo: CÓDEX, 2004.
- CARVALHO, Edgard de Assis. **Enigmas da Cultura**. São Paulo. Cortez, 2003.
- _____. **Religação dos Saberes e Educação do Futuro**. Texto de aula para o Doutorado de Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, 2004.
- CASCUDO, L. da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. 12º ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- _____. **Lendas Brasileiras**. 7º ed. São Paulo: Global, 2001.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**. São Paulo: Cortez, 2000.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- DURAND, G. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- _____. **O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 2º ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- _____. **Mito e Sociedade: A Mitanálise e a Sociologia das Profundezas**. Lisboa: A Regra do Jogo, 1983.
- ELIADE, M. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ESTÉS, Clarissa. P. **O Jardineiro que tinha Fé**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- _____. **O Dom da História: uma fábula sobre o que é suficiente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. **Mulheres que Correm com Lobos: mitos e histórias o arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

- FARIAS, Daniella Rodrigues de. **Crônicas do Imaginário: Um estudo antropológico sobre crianças com câncer**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2002.
- FRANZ, Marie-Louise Von: **A Interpretação dos Contos de Fadas**. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.
- FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**. 46º ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- _____. **Poesia Reunida**. Recife: Pirata, 1980.
- GADAMER, H. G. **Verdade e Método**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GALLAND, Antoine. **As Mil e Uma Noites**. Vol. I Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- _____. **As Mil e Uma Noites**. Vol. II Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- GODELIER, M. **O Enigma do Dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GOFFMAN, E. A Situação Negligenciada. IN: TELES, Branca e GARLEZ, P. M. (Orgs.) **Sociologia Interacional**. São Paulo: LOYOLA, 2002.
- HALWBAKS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOBSBAWN, E. Introdução: A Invenção das Tradições In: HOBSBAWN, E. & RANGER, T. (Orgs), **A Invenção das Tradições**, 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- INGOLD, Tim. **Key Debates in Anthropology** (debate 1990 e debate 1991). London: Routledge, 1996.
- JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s./d.
- _____. **Os Arquetípos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KOFFES, Sueli. "E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala". In: BRUHNS, Heloisa (Org.). **Conversando sobre o corpo**. São Paulo: Papirus, 1989.
- LÉVI-STRAUSS, C. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Nacional e USP, 1970.
- _____. **Antropologia Estrutural**. 5º ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- _____. **Olhar, Escutar, Ler**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. **Mito e Significado**. Lisboa: Edições 70.
- LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da Informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, Coleção Trans, 1993.

LIMA, Francisco Assis de Sousa. **Conto Popular e Comunidade Narrativa**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985.

LIMA, Márcio. **Revista Época**. 26 de Agosto de 2002.

MATURANA, H., VARELA, F. A **Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MATURANA, H. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

_____. As Técnicas Corporais. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

MONTENEGRO, Antônio T. **História Oral e Memória a cultura oral revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.

MORAIS, R de. (Org.) **As Razões do Mito**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

MORIN, Edgar. **O Enigma do Homem – Para uma nova Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar. 1979.

_____. **Ciência com Consciência**. Lisboa: Publicações Europa – América, 1990.

_____. **O Método III – O Conhecimento do Conhecimento**. Lisboa: Europa – América, s/d

_____. **Amor, Poesia, Sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **Meus Demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. A Suportável Realidade. Dossiê Complexidade – Caminhos. **Cronos**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. Natal, vol. 2, número 2, 2001.

_____. **Os Setes Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 4º ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

NOGUEIRA, Ma. Aparecida L. Caleidoscópio de Vidas e Idéias. **Ensaio de Complexidade**. Org. Gustavo de Castro, Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho. Porto Alegre: Sulinas, 1997, pp. 204/210.

_____. Adoecer e Morrer no Final do Milênio. **Caderno de Estudos Sociais**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Instituto de Pesquisas Sociais. Vol. 17, n. 1, Janeiro/ Junho de 2001, pp. 149/168.

_____. Por uma Poética da Irreversibilidade. Dossiê Complexidade – Caminhos. **Cronos**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. Natal, vol. 2, número 2, 2001.

_____. **O Cabreiro Tresmalhado: Ariano Suassuna e a universalidade da cultura**. São Paulo: Palas Athena, 2002.

NOGUEIRA, Ma. Aparecida. L. e ARAÚJO, Jarbas. **Grupo de Contadores de Histórias**. 2003

ORTIZ, R. **Cultura Brasileira & Identidade Nacional**. 5º ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PIGLIA, Ricardo. **Formas Breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RABELO, M. C. e ALVES, P. C. **Corpo, Experiência e Cultura (versão preliminar)**.

RAPPORT, Nigel and OVERING, Joanna. **Social and Cultural Anthropology: the key concepts**. London and New York: ROUTLEDGE. 2000.

REIS, GEÓRGIA M. C. A. **LOU(CURA) DE VIDA: o reflexo da pessoa com doença mental no espelho da normalidade**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

ROMERO, S. **Contos Populares do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

SHELDRAKE, R A **Ressonância Mórfica & A Presença do Passado. Os Hábitos da Natureza**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

SLÉTIE, S. Circularidades do Árabe. **O Correio: uma janela para o mundo**. Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, Outubro: 1984. Mensal. Ano 13, pp. 20/23.

SOUSA, Silvana Vieira de. **Cultura de Falas e de Gestos: Histórias de Memórias**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

VARGAS LLOSA, M. **O Falador**. 3º ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

ZHENREN, YAO. Liu Jigting, o Contador de Histórias. **O Correio: uma janela para o mundo**. Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, Outubro: 1984. Mensal. Ano 13. pp .28/29

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. Permanência da Voz. **O Correio: uma janela para o mundo**. Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, Outubro: 1984. Mensal. Ano 13, pp. 04/08.

Referências de Cinema

Peixe Grande: produção de Jinks/ Cohen Company – A Zanuck. Filme de Tim Burton. Estrelado por Steve Buscemi e Danny Devito. Columbia Pictures, 2003.

O Guardião dos Sonhos: filme dirigido por Stene Barron. Escrito por John Fusco. Produzido por Matthew O'Connor. Estrelado por August Schellenberg e Eddie Spears. 147 minutos. ALPHA Filmes, 2002.

Chunhyang – Amor Proibido: filme produzido por Lee Tai-Yon. Distribuidor exclusivo: Imagem Filmes Distribuidora Ltda. São Paulo.

Os Narradores de Javé: filme brasileiro dirigido por Eliane Café. Estrelado por José Dumont e Nelson Xavier. Vencedor do Festival do Recife e do Rio 2003.

Referências de internet

- D'OLIVEIRA, Max Silva. **O Cangaço e a Religiosidade de Lampião** [on line] Disponível em:
<<http://www.cchla.ufpb.br>>
- JÚNIOR AZEVÊDO, Severino Mendes de. **Arribançã: Um Recurso Manejável do Nordeste** (on line) Disponível em: <www.ufrpe.br/artigos/artigo-06.html>
- SILVA, Maurício Roberto da. **Recortando e Colando as Imagens da Vida Cotidiana do Trabalho e da Cultura das Meninas Mulheres e das Mulheres Meninas da Zona da Mata Canavieira Pernambucana**. [on line] Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622002000100003>
- <www.asminasgerais.com.br/cidadesoffline/trianguloareahtm>
- <www.conhecimentosgerais.com.br/cultura-popular/festas-religiosas-populares>
- <www.tribadoca.com.br/curiosidades.html>
- <www.geocities.com/TheTropics/Cabana/7626/historia.htm>